

**LUIZ EDUARDO CATTÁ**

**O COTIDIANO DE UMA FRONTEIRA:  
A PERVERSIDADE DA MODERNIDADE**

*Universidade Federal de Santa Catarina*

*Florianópolis - 1994*

**Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Curso de Pós-Graduação em História do Brasil**

**O COTIDIANO DE UMA FRONTEIRA:  
A PERVERSIDADE DA MODERNIDADE**

**LUIZ EDUARDO CATTÁ**

*Dissertação apresentada ao  
curso de Pós-Graduação em  
História da Universidade  
Federal de Santa Catarina  
para a obtenção de grau em  
Mestre em História.*

**Florianópolis - 1994**

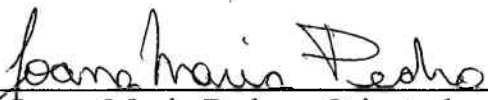
# **O COTIDIANO DE UMA FRONTEIRA: A PERVERSIDADE DA MODERNIDADE**


**LUIZ EDUARDO CATTÁ**

Esta Dissertação de Mestrado foi julgada e aprovada, *com louvor*, em sua  
forma final para obtenção do título de

**MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL**

## **BANCA EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joana Maria Pedro - Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Inez Machado Borges Pinto - USP

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Elio Cantalício Serpa

À  
*Elke e Gaia.*



## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a muitas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para que essa dissertação viesse à luz. Não existe ordem de importância, e é muito provável que eu esqueça de mencionar algumas delas. Entretanto, caso isso aconteça, não se desesperem, que estarão incluídas entre aquelas que deixarei de citar por esquecimento.

Primeiramente, e especialmente, à Gaia e à Elke, minha filha e minha companheira, que com suas energias, seus sorrisos, sua contribuição com "toques", e apoio naqueles momentos de recaída, me mantinham acordado e sempre me convidavam a refletir e escrever. Além de terem, não só aceito, como gostado imensamente de vir morar nessa ilha.

Ao Wilson, à Cecília e à Cristina que sempre me deram espaço para fazer o que bem entendia, sempre achando que eu estava no caminho certo, mesmo quando eu tinha idéia que não estava.

Menção especial também, à Joana Maria Pedro, que dispensou toda a atenção e cujos "toques" foram fundamentais para a conclusão desse trabalho, e pelos muitos momentos na salas e corredores onde pudemos, junto com outros colegas travar muitas conversas sobre tudo, além da História.

Ao Ildo Carbonera que em inúmeros momentos tomando umas cervejas e nos palcos da vida, foi um dos maiores incentivadores para que eu fizesse o mestrado, provando que Rauzito tinha razão.

Ao Cao e à Danuza, que deram a maior força quando viemos morar na ilha, e nos mostraram sua beleza.

Ao Bio que recomendou-me ao curso de pós-graduação, e pelas valiosas conversas, cervejas, e leituras da vida.

A todo o pessoal da administração do departamento de História, em especial Gilson e Murilo, pela gentileza ímpar em todos os momentos que a eles recorremos.

Ao José Augusto e à Tereza, que constantemente me acolheram em sua casa em Foz, para que eu pudesse fazer minhas pesquisas, pelos churrascos, cervejas e alegria que desfrutamos sempre ao seu lado.

Ao Rogério Catolé Pneu, por não ter aparecido com constância aqui em Florianópolis, o que permitiu-me terminar a dissertação dentro do prazo, ao Paulé que, com seus dribles geniais, deu sugestões quanto a apresentação gráfica desse trabalho, e ao Chaim que, com grande incentivo, em todas as oportunidades, acreditou em meu projeto.

Ao periodista Jorge Gonzales Cordero, pela sua seriedade e sobriedade em muitas discussões, e pelo apoio logístico em São Paulo. Arriba! Abajo! Ao Centro! Adentro!

Ao Nereu e família, que nos propiciaram, em todos os momentos que tivemos contato, muitas conversas sobre a cultura açoriana e muitas alegrias.

A "Máquina Vermelha" que tendo vindo jogar aqui em Florianópolis, me fizeram lembrar dos bons momentos na minha cidade de São Paulo, e cujo pessoal é um símbolo de resistência cultural e política (mas não física!).

Ao Lula e à Zica pelo apoio e amizade que nos foi dado em Florianópolis, num reencontro depois de 14 anos, e por terem feito com que usasse o computador.

Ao Nilvio e à Adriana, vizinhos e amigos do Ribeirão da Ilha, que deram muita força em todos os momentos. E por falar em Ribeirão da Ilha, agradeço à toda sua gente da costeira, em especial o "pinga do chico", com os quais convivi por três anos. Ao Martin, que apesar de palmeirense, foi muito gentil em filmar minha defesa, e debater sobre muitos assuntos extra-dissertação.

E finalmente, à UNIOESTE/FACISA, principalmente aqueles que lá torceram e deram uma força para que eu pudesse cumprir mais essa etapa acadêmica. "Teje Dito!"

## SUMÁRIO

|   |      |
|---|------|
| Agradecimentos.....                                 | III  |
| Abreviações.....                                    | VI   |
| Mapas e Gráficos.....                               | VII  |
| Resumo.....   | VIII |
| Abstract.....                                       | IX   |
| Introdução.....                                     | 1    |
| Capítulo Primeiro: "Foz do Iguaçu Revisited".....   | 10   |
| Capítulo Segundo : E Nasce a "Família Itaipu"... .. | 40   |
| Capítulo Terceiro: A Vida em Itaipu.....            | 73   |
| Capítulo Quarto : A Herança de Itaipu.....          | 95   |
| Fontes e Bibliografia.....                          | 136  |
| Anexos.....   | 147  |

## **ABREVIACÕES**

- A.E.F.I. = Anuário Estatístico de Foz do Iguaçu, 1992.  
P.D.U. = Plano de Desenvolvimento Urbano de Foz do Iguaçu, 1974.  
R.P.I. = Resumo do Projeto Itaipu, 1980.

## ÍNDICE DE MAPAS E GRÁFICOS

|                |     |
|----------------|-----|
| Mapa I.....    | 143 |
| Mapa II.....   | 144 |
| Mapa III.....  | 145 |
| Gráfico I..... | 146 |

## RESUMO

CATTA, Luiz Eduardo. O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade. Florianópolis: UFSC. 1995. 186f./Dissertação de Mestrado em História/ 20/02/95

Orientador: Joana Maria Pedro

Análise do papel representado pela instalação da Usina Hidrelétrica de Itaipu na fronteira do Brasil com o Paraguai enquanto projeto de modernidade, imposto pelos governos militares na década de 70, e que geraram transformações no cotidiano da população de Foz do Iguaçu, expressas no incremento da pobreza, da criminalidade e das alternativas informais de trabalho pela sobrevivência das camadas populares.

## ABSTRACT

CATTA, Luiz Eduardo. The quotidian of the frontier: the perversity of the modernity.

Florianópolis: UFSC, 1995. 186 f. /Dissertação de Mestrado em História / 20/02/95

Orientador: Joana Maria Pedro.

Analysis: The role of Itaipu Binacional implantation at the frontier of Brazil and Paraguay, as a modernity project imposed by militar governments during the seventies, thus generating transformations in the quotidian of Foz do Iguazu city settlers, leading to poverty, criminality and informal alternatives of work the less advantaged people.

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho teve sua gênese nas muitas reflexões que fizemos nos confins dos confins do oeste do Paraná, na surrealista fronteira de três países, Brasil, Paraguai e Argentina, no cone-sul da América do Sul, sobre a acelerada e neurótica vida metropolitana concentrada numa pequena cidade, Foz do Iguaçu, que se transformava alucinadamente, em meio a dólares, jogos, contrabando, furtos, muambas, drogas, executivos, policiais, advogados, engenheiros, políticos, militares, bandidos, caftens, trombadinhas, turistas, todos vomitando riquezas, espertezas, sangue-frio, mordomias, e um nome a zelar.

E eu, professor, e demais operários, "peões", comerciários, ambulantes, donas-de-casa, "sem-terra", agricultores, desempregados, sem ventilador, ar-condicionado, automóvel para nos locomover, derretendo em um belo dia de verão naquela cidade, terra das Cataratas, as maiores do mundo, éramos espectadores de uma realidade que nos enrodilhava e da qual não dávamos conta em sua totalidade.

Foi em meio a esses delírios, que começaram a se ordenar em minha cabeça desordenada, a perspectiva de trazer à tona a história dessa cidade, num período crucial, ou seja, da passagem de cidade pacata, tranqüila, "esquecida" do interior do Brasil, para uma nervosa, neurótica, "moderna" cidade do interior do país. Daquele período em que a pacatez, e que, talvez, as relações sociais não deveriam ser tão violentas e que pudéssemos captar o cotidiano de sua população, despojada dessa louca e frenética vida que foi se instaurando rapidamente, e desembocou nesses meus momentos de reflexão.

Isso tudo pensado em segundos ou horas, em "flash-backs" de momentos que não conheci, mas que, entretanto, muitos comentavam com uma certa dose de saudosismo de um suposto "paraíso perdido", e outros, ambigualmente, faziam emergir um "inferno" para onde foram remetidos a expiar seus pecados.

Ato contínuo, meus devaneios elaboraram perguntas. Umas sem nexos, outras razoáveis e plausíveis: mas se esta cidade, principalmente em sua área urbana, hoje se apresenta aos nossos sentidos dessa forma opressora, com relações sociais fluídas e superficiais, denotando uma desordem criada,



"inventada" para ela e, quem sabe, por ela, como teria sido antes dessa avalanche de mudanças? O que teria ocorrido que pudesse ter propiciado tamanhas transformações num tempo tão exíguo? E qual(is) o(s) motor(es) dessas transformações que sentimos na pele ao andar pelas ruas repletas de pessoas frenéticas, ao atravessar uma ponte que nos leva aos países vizinhos, ao conversar nas casas, nos bares, nas escolas, com antigos moradores que, invariavelmente, ao serem instigados sobre o passado, faziam emergir aquela dicotômica visão paraíso-inferno com cores tão marcantes, para a história da cidade? De onde vieram os personagens que compõem o cotidiano dessa cidade? E por fim, existindo alguém ou algo que contribuiu para a formação desse "espetáculo", como foi que o conseguiu, que mecanismos se utilizou para tal intento?

Indagações, apenas indagações que começavam a pulular em meu cérebro e que careciam de um princípio orientador.

Mas onde começar? Tudo é um caos. A História é um caos?<sup>1</sup>

Que elementos tinha eu em mãos para pleitear uma história, que a meu ver se fazia necessária, ultrapassando os limites de uma historiografia que se ocupou na criação de *heróis* em um lugar e entre um povo que não os possuía, e erigi-los, com eloquência, aos pedestais de uma historiografia que se bastou nos relatos de viagem<sup>2</sup> e nos depoimentos das pessoas ilustres da região? Que se pautou, em fim, a seguir a cartilha da oficialidade e da descrição, sem preocupação com uma análise daquela realidade?<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Sobre o assunto ver V

<sup>2</sup>-Dentre os relatos de viagem, escritos entre o final do século passado e inícios deste, ressaltamos: ANDRADE, Théophile de. O Rio Paraná na roteiro da marcha para o oeste. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti e Zélio Valverde, 1941; BRITO, José Maria de. Descoberta de Foz do Iguassú e a fundação da colônia militar-1938. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, 1977; ; CARRÃO, Manuel. Impressões de viagem à Foz do Iguaçu e Rio Paraná. Curitiba: Progresso, 1928; FRANCO, Arthur Martins. Recordações de viagem ao Alto Paraná. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1973; GUAHYBA, José. Santa Maria e Sete Quedas. In: Belleza paranaense; Curitiba: s.ed., 1929. MURICY, José Cândido da Silva. A Foz do Iguassú: ligeira descrição de uma viagem feita de Guarapuava à Colônia de Foz do Iguassú em novembro de 1892. Curitiba: Imprensa paranaense, 1896; Nascimento, Domingos. Pela Fronteira, Paraná. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1903. SILVEIRA NETO, Manoel Azevedo da. Do Guayra aos Saltos do Iguassú. Typ. do Diário Oficial, 1914.

<sup>3</sup>-Sobre esta historiografia podemos citar: WACHOWICZ, Ruy Christovan. As frentes pioneiras. In: História do Paraná. Curitiba: SECE/Biblioteca Pública do Paraná, 1986 e Obrageros, mensur e colonos: história do oeste

O que marcava com maior profundidade, naquele frenesi de transformações, era a violência que circundava as pessoas, as coisas, as instituições, os egos. Violência latente em todas as relações. E o jogo do poder. Aquele poder que está em disputa em toda a parte. Poder que é e está em toda parte. Poder em sentido foucaultiano, que está presente "em toda a parte, não porque englobe tudo, e sim porque provém de todos os lugares".<sup>4</sup> Violência e poder, disfarçados ou escancarados, em todos os lugares e momentos do cotidiano daquele lugar que, pareciam-me, haviam sido instaurado em função de algo muito maior que a vontade da população que lá habitava.

Intrigava-me a heterogeneidade reinante naquelas plagas, representada por brasileiros de diversas origens, paraguaios, guaranis e argentinos, que formavam um imenso "caldeirão", numa interação constante onde afluíam e interagiam-se interesses, objetivos, condutas, remanescentes de uma cultura moldada pelo capitalismo ao longo dos últimos cinco séculos.

Deixava-me atordoado e perplexo, e acredito que também a muitas outras pessoas que lá viviam, observar as transformações que se processavam vertiginosamente, e atingiam diretamente toda a população, em ambos os lados da fronteira, reflexo imediato de uma conjuntura imposta pelos governos militares do cone-sul durante os anos 60 e 70. Transformações estas que visavam o engrandecimento do Brasil e sua ascensão à condição de potência mundial, o ingresso do país na modernidade. Entendendo essa modernidade no sentido de "modernização", como um dos níveis da vida moderna, como explica Marshall Berman:

"Nossa visão da vida moderna tende a se bifurcar em dois níveis, o material e o espiritual: algumas pessoas se dedicam ao "modernismo", encarado como uma espécie de puro espírito, que se desenvolve em função de imperativos artísticos e intelectuais autônomos; outras se situam na órbita da "modernização", um complexo de estruturas e processos materiais - políticos, econômicos, sociais - que, em princípio, uma vez encetados, se desenvolvem por conta própria, com pouca ou nenhuma interferência dos espíritos e da alma humana".<sup>5</sup>

---

paranaense. Curitiba: Ed. Vicentina, 182; RIBEIRO, Eurico Branco. Esboço da história do oeste do Paraná. Curitiba: J. Haupt, 1940. OBERG, Kalervo e JABINE, Thomas. Toledo, um município da fronteira oeste do Paraná. Rio de Janeiro: Edições SSR, 1960.

<sup>4</sup>-Cf. FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988. pp. 88-89.

<sup>5</sup>-Cf. BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 129.

Essa "modernização", iniciada de forma mais eloqüente com o capital industrial nas áreas urbanas, foi responsável por um contingente de deserdados dos meios formais de produção, cuja herança foi relegá-los ao subemprego, à miséria, muitas vezes, ou à recorrência a expedientes informais de trabalho para a sobrevivência, não cessou de se repetir, embora com formas e tonalidades diferentes.

No que concerne à nossa realidade, à medida que ganha todos os espaços do país, e de forma mais aguda e problemática, as regiões onde a "civilização" não houvera chegado, mostrou-se como mais uma maneira de produzir o enriquecimento rápido e a concentração de renda e poder nas mãos das elites que abraçaram essas causas, e ocasionando agudos problemas sociais, que ainda estão por ser devidamente estudados e solucionados.

Nesse contexto, o principal personagem, seja como elemento "usado" nessa transformação, seja como maior penalizado nesse processo, foram os trabalhadores menos qualificados, aquela imensa massa de operários e camponeses manipulados e expropriados continuamente em nome do progresso.

Não fugiu à regra nesse quadro, esta cidade de Foz do Iguaçu. Melhor e mais preciso: teve um papel, uma função de grande destaque nos anos 70, enquanto desenrolou-se o regime militar à revelia da vontade popular, pela sua posição estratégica de localizar-se na fronteira de três países e pelos seus dotes naturais comportando o imenso Rio Paraná e o Rio Iguaçu, as Cataratas do Iguaçu, e uma rica selva sub-tropical.

Foz do Iguaçu, envolta nos projetos modernistas e grandiloqüentes do governo, experimentou mudanças significativas num espaço de tempo muito breve, de tal modo, que afetaram diretamente sua configuração espacial e o âmago daqueles que ali moravam, pois, de maneira brusca passaram a conviver com um grande número de novos habitantes, alienígenas nacionais e estrangeiros, que foram para lá se dirigindo atraídos por esse progresso que se esboçava na fronteira.

E qual era o motor desse progresso que atraía pessoas, criava sonhos de riqueza, que transformava dia-a-dia, a "olhos vistos" toda a vida da cidade?

Tentando focalizar sua história numa perspectiva panorâmica, dentre tantos acontecimentos que se mesclaram com o passar do tempo, e que deixaram suas marcas indeléveis em todo o contexto da cidade, nenhuma a nosso ver, teve tanta importância como o marco espaço-temporal representado pela

construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu entre os anos de 1973 e 1991, que significou entre outras coisas, o início de uma sistemática destruição de todo um acervo cultural criado, conquistado por seus antigos moradores; a atração de milhares de trabalhadores de diversos lugares e que deixou, em seu estertor, um contingente imenso de desempregados ou sub-empregados, cuspidos que foram da empresa com o término das obras, e que passaram a buscar alternativas de trabalho na cidade. Além de muitos que, na busca de um "paraíso" que pudesse redimí-los de todas as necessidades e carências por que passavam,<sup>6</sup> bem como de outros que tentaram aproveitar-se indiretamente do recursos que, se fazia idéia, iria circular em grande quantidade naquelas plagas, e perceberam, depois, que a modernidade pode ser sublime e ao mesmo tempo muito cruel.

Deserdados e aventureiros, passaram a se aglomerar em favelas, que proliferaram-se não apenas na periferia da cidade, mas também nas áreas centrais, ou bairros populares, sem infra-estrutura básica, que pelo seu crescimento e pela vida própria que tomavam, surgiam como uma ameaça às elites e à população bem-nascida de Foz do Iguaçu.<sup>7</sup>

Todo esse espectro revolvendo-se em minha mente, em imagens concretas de uma realidade construída ou "inventada", e que, como tentáculos abraçavam e enfeixavam num mesmo espaço uma diversidade de pessoas, de culturas, de perspectivas e de sonhos, estava ali para ser decifrado.

Assim, para organizar a trama que se constituiu no período citado, tornou-se imprescindível o levantamento dos aspectos mais marcantes no contexto a que nos referimos, o que não deve ser um definitivo olhar sobre a questão, porém uma tentativa de municiar novas pesquisas e interpretações sobre aquela sociedade.

---

<sup>6</sup>-Guardadas as devidas proporções, esse "paraíso" é parecido com aquele buscado pelos trabalhadores que construíam a ferrovia Madeira-Mamoré, descrita com brilhantismo em HARDMAN, Francisco Foot. Trem Fantasma: a modernidade na selva. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

<sup>7</sup>-Ver sobre essa ameaça representada pelos segmentos pobres da sociedade às elites, CHEVALIER, Louis. Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris, pendant la première moitié du XIXe siècle. Paris: Librairie Générale Française, 1978.

Essa perspectiva, para nós, faz emergir, como foi ressaltado por Maria Inês Machado Borges Pinto<sup>8</sup>, o "político" na História Social, que nos obriga a não apenas refletir sobre a situação dos "vencidos" ou "perdedores", ou "esquecidos" dentro da historiografia, mas posicionarmo-nos politicamente frente àquela sociedade.<sup>9</sup>

Os trabalhos de E.P. Thompson e Eric J. Hobsbawn,<sup>10</sup> por nós foram utilizados na tentativa de fazer aflorar as práticas desses segmentos populares na sociedade de Foz do Iguaçu, que apesar de "desclassificados"<sup>11</sup>, naquele contexto, burlaram continuamente, com suas práticas cotidianas, as imposições emanadas das elites e poderes constituídos. Portanto buscamos dentro da História Social, entendendo-a no sentido, bem frisado por Déa Ribeiro Fenelon, de que "o objeto desta história, para além do estudo dos grupos sociais e das suas relações é o estudo das relações entre o econômico, o social e o mental",<sup>12</sup> analisar aspectos importantes que compuseram o dia-a-dia da população de Foz do Iguaçu, e principalmente das camadas populares.

Nesse sentido, destacamos o Cotidiano como categoria de análise importantíssima para a compreensão das mudanças operadas junto àquele setor da população, percebendo sua capacidade de adaptação à nova realidade que se impunha, a improvisação frente à necessidade de sobreviver. Utilizamos como embasamento teórico para esse fim os trabalhos clássicos de Agnes Heller, Henry

---

<sup>8</sup>-Cf. PINTO, Maria Inês Machado Borges. Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914. São Paulo: USP, 1984, 303 p.. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, 1984. p.III.

<sup>9</sup>-Ver nesse sentido a obra de SADER, Eder. Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>10</sup>-THOMPSON, E.P.. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Tradición, revuelta y consciencia de clase. Tradução por Eva Rodrigues. Barcelona: Editorial Crítica, 1984. HOBBSBAWN, Eric J.. Os trabalhadores. Estudo sobre a História do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. A Era do Capital. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

<sup>11</sup>-Cf. sobre "desclassificação social" MELLO e SOUZA, Laura de. Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982. pp.51-90.

<sup>12</sup>-Cf. FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, Cultura e História Social: perspectiva de investigação. Projeto História. São Paulo: PUC, n.4, junho/85. p.26.

Os trabalhos de E.P. Thompson e Eric J. Hobsbawn,<sup>10</sup> por nós foram utilizados na tentativa de fazer aflorar as práticas desses segmentos populares na sociedade de Foz do Iguaçu, que apesar de "desclassificados"<sup>11</sup>, naquele contexto, burlaram continuamente, com suas práticas cotidianas, as imposições emanadas das elites e poderes constituídos. Portanto buscamos dentro da História Social, entendendo-a no sentido, bem frisado por Déa Ribeiro Fenelon, de que "o objeto desta história, para além do estudo dos grupos sociais e das suas relações é o estudo das relações entre o econômico, o social e o mental",<sup>12</sup> analisar aspectos importantes que compuseram o dia-a-dia da população de Foz do Iguaçu, e principalmente das camadas populares.

Nesse sentido, destacamos o Cotidiano como categoria de análise importantíssima para a compreensão das mudanças operadas junto àquele setor da população, percebendo sua capacidade de adaptação à nova realidade que se impunha, a improvisação frente à necessidade de sobreviver. Utilizamos como embasamento teórico para esse fim os trabalhos clássicos de Agnes Heller, Henry Lefebvre, Karel Kosic,<sup>13</sup> bem como, para uma história específica do cotidiano das camadas populares, trabalhos de grande importância escritos por Maria Odila Leite da Silva Dias, Sidney Chalhoub, Maria Inês Machado Borges Pinto, Eder Sader,<sup>14</sup> dentre outros, que nos permitiram refletir sobre essa temática.

---

<sup>10</sup>-THOMPSON, E.P.. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Tradición, revuelta y consciencia de clase. Tradução por Eva Rodrigues. Barcelona: Editorial Crítica, 1984. HOBBSAWN, Eric J.. Os trabalhadores. Estudo sobre a História do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. A Era do Capital. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

<sup>11</sup>-Cf. sobre "desclassificação social" MELLO e SOUZA, Laura de. Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982. pp.51-90.

<sup>12</sup>-Cf. FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, Cultura e História Social: perspectiva de investigação. Projeto História. São Paulo: PUC, n.4, junho/85. p.26.

<sup>13</sup>-HELLER, Agnes. O cotidiano e a História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. LEFEBVRE, Henry. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ed. Ática, 1991. KOSIK, Karel. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

<sup>14</sup>-DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1984. CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim. São Paulo: Brasiliense, 1986. PINTO, Maria Inês Machado Borges. op. cit.. SADER, Eder. op. cit..

Um outro aspecto importante que procuramos mostrar foi o processo de inserção do Brasil, através de ações do Governo numa "modernidade", ao longo dos anos 70 e 80, através de projetos vultosos e de grande impacto econômico, porém com resultados sociais desastrosos. Para lançar um olhar sobre essa modernidade, "viajamos" principalmente com os trabalhos de Marshall Berman e Foot Hardman.<sup>15</sup> O primeiro porque nos fez sentir toda a pulsação do pensamento e da prática modernista ao longo dos últimos três séculos, nos permitindo confirmar algumas idéias, e descobrir novos cominhos de análise da História. O segundo, pela perspectiva que nos deu, devido à proximidade dos acontecimentos relatados, pelo fantástico espetáculo apresentado sobre um momento e sobre um Brasil, que estão muito distantes e ao mesmo tempo tão próximos de nós, representado, no caso, pela perspectiva de se expandir o "progresso" e a "civilização" através de mega-projetos, aos lugares mais distantes e, até então, desconhecido, como a da ferrovia Madeira-Mamoré. Para nós, mesmo que tardiamente, Itaipu inclui-se nesse universo.

Por fim, como resultado dessas modernidade implantada na selva sub-tropical, na fronteira do Brasil com o Paraguai e Argentina, expressa, em sua configuração acabada, pela Usina de Itaipu e pelo poder que dela emanava e que a todos envolvia, buscamos destacar aquilo que de mais marcante sobrou como herança da implantação daquele projeto para a cidade e sua população: a transformação do espaço urbano de forma radical e abrupta; a emergência de uma população pobre, que passou a buscar alternativas de sobrevivência através de trabalhos informais, de expedientes ilegais, que desembocam num incremento significativo da criminalidade.

Pobreza, exclusão, desemprego estrutural, sub-emprego, trabalhos informais, criminalidade, medo, poder, ameaça representada por uma classe trabalhadora "perigosa". Todo esses processos, toda essa configuração já foi muito bem detectado por historiadores desde finais do século XVIII, passando por todo o século XIX de forma bastante incisiva, até início do século XX. E percebemos que eles estão presentes, com outras cores, no processo Itaipu. Indispensáveis, para nós, enquanto análise e reflexão, todo aquele arsenal teórico representado pelos trabalhos de Louis

---

<sup>15</sup> <sup>15</sup> -BERMAN, Marshall. op. cit.. HARDMAN, Francisco Foot.op. cit.

Chevalier, Michel Foucault, Gertrude Himmelfarb,<sup>16</sup> e muitos outros que foram surgindo ao longo de nossas pesquisas e leituras, e que deram-nos parâmetros para tentar analisar o contexto daquela sociedade, que reputamos bastante complexo.

Serviu-nos como fontes primárias para esse intento, as publicações locais da década de 70, que eram em número restrito, e os depoimentos conseguidos junto àqueles que moravam na cidade. Tomamos ainda como referencial, o jornal *Nosso Tempo*, principalmente de 1980 e 1981 (mas também de outros anos subseqüentes), visto que acabara de ser fundado por pessoas não ligadas a Itaipu, no momento em que a Usina começava dispensar grande parte de seus funcionários e em que praticamente estavam consolidadas as estratégias e a consecução do projeto, no âmbito da cidade. Por outro lado, nossa presença na cidade, a partir de 1987, nos permitiu conviver com aquele universo, senti-lo, e penetrá-lo de alguma forma, seja como docente da Universidade local onde tínhamos relações pessoais constantes com trabalhadores e ex-trabalhadores de Itaipu, seja como militante dos movimentos populares que nos permitiram sentir toda a problemática que procuraremos apresentar. Esse "viver" o dia-a-dia da cidade, também, nos permitiu recolher depoimentos de muitos personagens, que vieram a compor as tramas que fazemos aflorar.

Escritos em baixo do braço, acadêmico em busca das verdades (mas que verdades?), como alguém que vivenciou parte daqueles acontecimentos, procurei encontrar os elementos ou as peças desse grande mural que estava por ser construído. Como outros murais-história de outras realidades que também estão por se fazer.

---

<sup>16</sup> -CHEVALIER, Louis. op. cit.. FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1991. História da sexualidade I: a vontade de saber. op. cit.. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979. A verdade e as formas jurídicas. op. cit.. HIMMELFARB, Gertrude. La idea de la pobreza: Inglaterra a principios de la era industrial. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1988.



## CAPÍTULO PRIMEIRO

### FOZ DO IGUAÇU REVISITED

*"Dias estranhos nos encontraram  
dias estranhos seguiram nosso rastro  
vão destruir nossas alegrias ocasionais  
continuamos a jogar ou achamos uma nova cidade."  
("Strange days"-The Doors)*

Aparentemente nada há de tão interessante numa cidade localizada no oeste do Estado do Paraná, com uma área territorial de 550 Km<sup>2</sup>,<sup>1</sup> e onde sua população se embriaga de cachaça para "esquecer o salário mínimo", a inflação galopante, o custo de vida, a morte de menores abandonados e de trabalhadores, o aumento da pobreza da maior parte da população e a impunidade das autoridades constituídas. Não estivesse esta cidade estrategicamente localizada na fronteira de três países, Brasil, Argentina e Paraguai (MAPA I), possuindo uma das mais impressionantes belezas naturais da face da terra, as Cataratas do Iguaçu; uma das mais importantes obras construídas pelo engenho humano, a Usina Hidrelétrica de Itaipu; e um frenético comércio de produtos importados na fronteira com um país vizinho, o Paraguai, que

---

<sup>1</sup>-Em 1970 possuía 878 Km<sup>2</sup> e em 1980, 630 Km<sup>2</sup> devido à emancipação de Santa Terezinha de Itaipu. O dado de 1991 é o resultado de uma planimetria solicitada pela Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento, tendo em vista discrepância dos valores existentes (IBGE- 630 Km<sup>2</sup>, ITCF- 440 Km<sup>2</sup>). Cf. *Anuário Estatístico de Foz do Iguaçu*. Foz do Iguaçu, 1992.

movimentava milhões de dólares anualmente, passaria ela em "brancas nuvens" até que viesse a ser resgatada, um dia, para a História.

Essa cidade é Foz do Iguaçu. Município que, pelas características naturais da região,<sup>2</sup> foi tomada de assalto pelas máquinas. Pelos homens, suas máquinas e sua engenhosidade. Por políticos, burocratas, tecnocratas, para erguer uma obra que alterou de forma radical o cotidiano de milhares de pessoas, em curto espaço de tempo.

Entender o que aconteceu com Foz do Iguaçu nos dezoito anos que compreenderam a construção da Usina de Itaipu, requer, primeiramente, descortiná-la nos dias posteriores a abertura da última comporta, em 1991. Só assim conseguiremos fazê-la emergir em seu passado.

Nesse sentido percebemos que todos os dados referentes àquele momento da cidade eram maiúsculos, como as Cataratas e Itaipu,<sup>3</sup> denotando, talvez, seu pleno ingresso na modernidade que a ela foi destinada, ou imposta. Acreditamos que a definição de Maria Stella Bresciani sobre a conjuntura moderna do século passado onde "máquinas, multidões, cidades: o persistente trinômio do progresso, do fascínio e do medo"<sup>4</sup>, que faz com que ocorra "o estranhamento do ser humano em meio ao mundo em que vive, a sensação de ter sua vida organizada em obediência a um imperativo exterior e transcendente a ele mesmo, embora por ele produzido",<sup>5</sup> não poderia ser melhor para Foz do Iguaçu.

A cidade tinha como forte suporte econômico a atividade turística, a qual, foi se consolidando a partir da década de setenta, atingindo em 1992 um nível privilegiado no quadro

---

<sup>2</sup>-A cidade comporta a presença do Rio Paraná, que possui um poder de geração de energia dos maiores do Brasil. o Rio Iguaçu que origina as Cataratas, além de estar localizada estrategicamente na fronteira com Paraguai e Argentina e segundo técnicos possuir declives apropriados para a construção de Barragens. Cf. Justificativa da Itaipu em *Resumo do Projeto Itaipu*. Dezembro de 1980.

<sup>3</sup>-Parodiando a descrição feita por Himmelfarb de Londres no século XIX, "era la ciudad de los excesos por excelencia". HIMMELFARB, Gertrude. *op. cit.* p.360.

<sup>4</sup>-Cf. BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero, 198, v.5. n.8/9, set. 1984/abr. 1985. p.37.

<sup>5</sup>-*Idem, Ibid.*

brasileiro, com uma infra-estrutura que não só atendia a demanda turística da época, mas que possuía perspectivas de incremento para os anos subseqüentes.

Oficialmente, a cidade possuía 165 estabelecimentos hoteleiros em 1991, o que perfazia a significativa marca de 21.809 leitos.<sup>6</sup> Sem contar as hospedarias não cadastradas, e as casas de famílias que reservavam quartos para a pernoite dos chamados "sacoleiros" ou "muambeiros", muitas das quais, foram o mote para uma futura pensão, pousada ou hotel, devidamente registrados nos órgãos municipais.

Esses dados permitiam a Foz do Iguaçu situar-se como o terceiro parque hoteleiro do país, sendo sobrepujada, apenas por São Paulo e Rio de Janeiro. E é importante notar que, a área ocupada pela cidade é muitas vezes menor que diversas capitais ou cidades que tinham potencial turístico ou dedicavam-se a ele.

As Cataratas do Iguaçu entre 1980 e 1992 teve uma visitação média anual de 798.653 pessoas<sup>7</sup> e a Usina Hidrelétrica de Itaipu, no mesmo período, 392.155 pessoas<sup>8</sup> vindas de todas as partes do mundo.

Nem todas as pessoas, entretanto, que desembarcaram em Foz do Iguaçu tinham necessariamente intenções de visitar esses dois pontos turísticos. Muitos, talvez a maior parte daqueles que ali chegaram, tinham por objetivo as compras em Ciudad Del Este, no Paraguai, que ofereciam produtos importados a preços muito abaixo do mercado brasileiro, atraindo com isso um público consumidor que ali se dirigia, (muitas vezes duas a três vezes por semana) para adquiri-los e revendê-los em outras cidades.

De qualquer forma, mesmo aqueles que tinham como atrativo maior as Cataratas ou Itaipu, incluídos ou não em "pacotes de viagem", faziam visitas "obrigatórias" ao outro lado da fronteira.

Durante muitos anos, até 1991, a cidade argentina de Puerto Iguazú, também recebia uma grande quantidade de turistas compradores do Brasil, pois ofereciam produtos de couro e peles,

---

<sup>6</sup>-Cf. *A.E.F.I.*, p.53.

<sup>7</sup>-O total de visitantes foi de 9.583.840 pessoas. *Idem*, p.51.

<sup>8</sup>-Para um total de visitantes de 4.705.865 pessoa. *Idem*, *Ibid*.

laticínios e bebidas (principalmente vinhos) e azeitonas, que faziam a alegria não só dos forasteiros mas também daqueles que moravam em Foz do Iguaçu. Entretanto com a reestruturação econômica por que passou o país a partir de início dos anos 90, os preços tornaram-se dolarizados e proibitivos para o poder aquisitivo da população dessa margem do Iguaçu.

Os números referentes ao movimento de passageiros que embarcaram e desembarcaram na cidade confirmam a intensidade da afluência de pessoas vindas de toda parte.

O aeroporto internacional de Foz do Iguaçu teve um movimento total (embarque e desembarque) de 567.462 passageiros em 1991, sendo 466.165 de vôos domésticos e 35.969 de internacionais, tornado-se um dos aeroportos com maior movimento em território nacional, superando o de muitas capitais.<sup>9</sup>

Quanto ao terminal rodoviário, este dava a medida mais aproximada do turbilhão de pessoas que iam e vinham à cidade, pois era por ali que passavam a maior parte daqueles que para lá afluíam. Seu movimento em 1991 foi de 2.319.085 passageiros.<sup>10</sup> Usufruíam desse terminal, principalmente os "sacoleiros", aqueles que, com certa constância ali chegavam com a finalidade única de comprar produtos no Paraguai e comercializá-los em outras regiões

Retornavam, invariavelmente, no mesmo dia, ou no máximo no dia seguinte à sua chegada. Gastavam o mínimo em alojamento, ou nada no caso dos chamados "bate-volta" que pernoitavam no próprio ônibus; alimentavam-se do estritamente necessário para não morrer de inanição, geralmente "salgados" ou lanches comprados nos bares empesteados de moscas ou com pouca higiene, dos dois lados da fronteira; não dispensavam, nem em pensamento, um acentuado consumo de cervejas ou outras "biritas" para poderem dormir a noite toda e no dia seguinte cumprir com a entrega dos produtos aos seus "clientes".

---

<sup>9</sup>-*Idem*, p.60.

<sup>10</sup>-*Idem*, *Ibid*.

O terminal rodoviário serviu sempre como um espaço de sociabilidade<sup>11</sup> muito importante onde ocorriam as trocas de informações sobre preços de produtos e os pontos de venda, no Paraguai, aqueles que eram os mais convenientes para as compras. Servia também para a "troca" de produtos a fim de facilitar a passagem pela inspeção alfandegária nas estradas. E por fim, servia como dormitório, ou ponto de descanso das fadigas adquiridas nas inúmeras idas e vindas pela Ponte da Amizade, com as sacolas abarrotadas de produtos de todos os tipos.

Essa concentração proporcionava a esse espaço uma estética grotesca, aos olhos daqueles que ocasionalmente a freqüentavam, ou não pertencia àquele universo de pessoas. Marcado pela sujeira, pela falta de higiene nos bares e sanitários, era, entretanto, um ponto estratégico de sobrevivência para os ambulantes que, expulsos dos espaços "nobres" da cidade, o utilizavam para a venda de todos os tipos de produtos, como bebidas, alimentos, sacolas para aqueles que dedicavam-se às compras, cigarros, e bugigangas em geral. Além de contar com a presença de índios do Paraguai e da Argentina que ali faziam "ponto" no intuito de vender seus artesanatos bem como de "artistas" que ali vendiam suas obras. Parodiando Berman, sobre a rua Nevski do século passado, a rodoviária "os uniu, os arrastou num turbilhão e deixou-os fazer o que pudessem de seus encontros e experiências".<sup>12</sup>

Frente à esse "mundo" que era a rodoviária, as classes dominantes pressionavam constantemente o poder público no sentido de higienizar aquela área. Era corrente a idéia de que seria melhor acabar com aquele espaço e construir um novo, digno de uma cidade moderna como Foz do Iguaçu.

Não faltaram críticas de todos os segmentos da sociedade, quanto à segurança, à sujeira, e à falta de espaço:

"O problema deverá piorar mais ainda com o aumento do movimento de final de ano. Mesmo pagando 120 cruzeiros de taxa de embarque, o passageiro é obrigado a suportar

---

<sup>11</sup>-Para referências sobre sociabilidades ver a obra de SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>12</sup>-BERMAN, Marshall. *op. cit.* p.187.

a falta de comodidade, a completa insegurança e o assédio de uma enorme quantidade de vendedores ambulantes. 'Esse lugar é péssimo, existe mais vendedor ambulante do que passageiro', atestava o agente de passagens Luiz Roque."<sup>13</sup>

Vale ser ressaltado que não existia até 1991, uma estatística para o número de turistas que chegavam a Foz do Iguaçu em veículos próprios ou ônibus de excursões, o que sem dúvida elevaria o total de pessoas que passaram pela cidade diariamente.

Por outro lado, não foram levados em consideração o número de pessoas que moravam no Paraguai e Argentina, e que tinham algum vínculo com Foz do Iguaçu, como emprego, conta bancária, propriedades, que se utilizavam de serviços médicos, advocatícios, ou que simplesmente transitavam por ali para tomar "unas cañas" ou freqüentar as casas noturnas.

O trânsito desses estrangeiros sempre foi livre e constante entre as cidades vizinhas da fronteira, Foz do Iguaçu, Ciudad Del Este e Puerto Iguazú.

Assim, observamos que nessa fronteira, as interrelações culturais, econômicas, sociais e políticas, não poderiam ser senão de uma tal freqüência e intensidade que, costumes, experiências, gostos, moeda e língua se intercambiavam e se misturavam, num hibridismo digno de uma mini-Babel do século XXI. Ou, quem sabe, uma reedição tardia, talvez "uma caricatura da tradição moderna do século XIX",<sup>14</sup> num espaço de fronteira onde de fato a fronteira inexiste, onde tudo é possível, desde o transitar, até o engajar-se no mercado de trabalho, passando pelo usufruir e transmitir diversas culturas.

O universo das relações sociais que permeiam a cidade que se apresenta aos nossos olhos em 1991, indubitavelmente é bastante diversa daquela anterior ao início das obras de Itaipu, que divisamos, através dos depoimentos, jornais e revistas que pesquisamos.

Percebemos que em 1991, transparece serem elas marcadas pela diversidade, pelo individualismo, pela efemeridade, fruto, provavelmente da transitoriedade de boa parte de seus habitantes, principalmente dos chamados barrageiros, e também de uma população flutuante

---

<sup>13</sup>-*O Combate*. Foz do Iguaçu, 18 a 23 de dezembro 1991.

<sup>14</sup>-BERMAN, Marshall. *op. cit.* p.28.

composta de trabalhadores informais e de estrangeiros que circulavam por ali com alguma frequência.

Em contraposição, até 1973, quando da instalação do projeto Itaipu, havia uma menor discrepância entre as classes sociais da cidade e um maior intercâmbio entre elas, provavelmente em função do isolamento em que se encontrava Foz do Iguaçu, e devido ao processo de conquista e ocupação daquela região<sup>15</sup>, que trouxe em seu bojo culturas distintas que ali foram se plasmar, caracterizando assim, a economia local. Acreditamos que esse contexto contribuiu para que aquelas estruturas subsistissem inalterada até a instalação da "nova ordem" representada por Itaipu, que será responsável por um redimensionamento das classes sociais da cidade, bem como por estabelecer os abismos que detectamos entre elas.

Ao longo do tempo Foz do Iguaçu apresenta uma história marcada fundamentalmente pela exploração dos riquíssimos recursos naturais, como a erva-mate, a madeira, os recursos hídricos, das Cataratas para o turismo e do rio Paraná para a geração de energia elétrica, cuja historiografia apenas recentemente tem buscado resgatar. Nesse sentido, os trabalhos com história oral efetuados por Wachowicz<sup>16</sup>, apesar de não dar conta de uma análise mais aprofundada das relações que se estabeleceram no oeste paranaense, é importante como apoio para novas pesquisas dentro da História Social.

Também é importante frisar que, dentro de uma visão "cepalina" da história econômica do Paraná, o trabalho de Pedro Calil Padis, *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*<sup>17</sup>, aprofunda a discussão e a análise dos processos exploratórios dos recursos naturais daquela região e da agricultura extensiva mecanizada, que vem definir as relações que lá se estabeleceram.

---

<sup>15</sup>-Cf. LINHARES, Temístocles. *História econômica do mate*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969. WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Obrageros, mensus e colonos: história do oeste paranaense*. op. cit.. *As frentes pioneiras*. op. cit.. WESTPHALEN, Cecília Maria et alli. *Nota Prévia ao estudo da ocupação da terra do Paraná moderno*. Boletim n.7 do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1968.

<sup>16</sup>-Cf. WACHOWICZ, Ruy Christovam. op. cit.

<sup>17</sup>-Cf. PADIS, Pedro Calil. *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*. São Paulo: Hucitec, 1981.

Basicamente, a chegada dos europeus, marcadamente dos espanhóis (entre eles os jesuítas), àquelas inóspitas áreas no século XVIII, e a descoberta da potencialidade econômica da erva-mate deram início a uma atividade que teve seus dias de glória em finais do século XIX e primeiras décadas do século XX com as *Obrages*, dominadas por argentinos. Estas eram "um sistema de exploração e predação dos recursos naturais, que foi implantado na região", constituindo-se em "uma propriedade e/ou exploração típica das regiões cobertas pela mata subtropical, em território argentino e paraguaio" e cuja "existência baseava-se no binômio: mate-madeira".<sup>18</sup>

Utilizando-se de mão-de-obra guarani e de mestiços que viviam no interior do Paraguai, e que eram conhecidos como *mensus*, algumas dessa *Obrages* tornaram-se famosas pelo nível de exploração da erva-mate e da madeira naqueles lugares distantes, sem a mínima infraestrutura, caracterizando-se pela imensa brutalidade com que tratavam os trabalhadores por elas empregados.<sup>19</sup>

A partir da década de 30 a exploração madeireira viria a substituir a erva-mate como esteio econômico da região de Foz do Iguaçu. Essa atividade, que subsistiu até início dos anos 70, e que permitiu ao porto daquela cidade uma dinamicidade ímpar no contexto do oeste paranaense, resultou, por um lado na devastação de imensas áreas nativas, e por outro num processo de ocupação mais acentuada, fundamentalmente por riograndenses, catarinenses, paranaenses de outras regiões e paulistas, que incentivados nesse sentido pelo governo<sup>20</sup> ou na premência de possuírem suas próprias terras, foram ali dar início à construção ou ao soerguimento das futuras cidades do oeste do Paraná.

Nesse mosaico que foi se instaurando a partir da presença sempre crescente de pessoas que acorreram àquelas *plagas* vindas de distintas áreas do Brasil, Paraguai e Argentina, engendrou-se

---

<sup>18</sup>-Cf. WACHOWICZ, Ruy Christovam. *op. cit.* p.11.

<sup>19</sup>-*Idem*.

<sup>20</sup>-Durante o Estado Novo, a política de ocupação do território empreendida Getúlio Vargas, conhecida com *marcha para o oeste*, aponta nessa direção.



um caldeirão cultural no qual falava-se o "portunhól", o português, o espanhol e o guarani. Comia-se Tupa, Parrillada e Feijoada. Tomava-se vinho, caña e cachaça. Fazia-se "festa" paraguaia em velório brasileiro<sup>21</sup>, Carnaval brasileiro com Escola de Samba argentina, e todos se embriagavam em festas "típicas" de um ou outro país.

O Futebol, que naquela região distante e com poucas alternativas de lazer se constituía num dos esportes mais populares, fazia com que brasileiros se deslocassem até a capital paraguaia para assistir jogo da seleção e serem recepcionados com saquinhos de xixi em suas cabeças; que a alegria e a desordem se instaurasse num simples treino de uma equipe profissional argentina, na fronteira; que um cidadão argentino andasse em praça pública com a camisa do Corinthians, que um brasileiro com a camisa do Olimpia perambulasse pelas ruas de Foz do Iguaçu, e um paraguaio ostentasse o azul-amarelo do Boca Juniors como se fosse um campeão.

Entretanto essa cidade nem sempre teve essa feição, essa proximidade expressa no aglomerado de pessoas que ali viviam, e que ao mesmo tempo deixava transparecer um distanciamento nas relações do cotidiano, principalmente após a abertura da última comporta e pleno funcionamento da Usina de Itaipu.

É certo que nenhuma localidade e nenhuma população estaria isenta de sofrer transformações de toda ordem em seu modo de ser, de agir, de pensar, ao longo do tempo, inseridas que estão na chamada "aldeia global", nos planos do capitalismo transnacional.

E essas transformações ali ocorreram com enorme rapidez, iniciando-se pelo espaço em que estavam inseridos, e desdobrando-se à maneira de ver ou encarar as coisas, como sua qualidade de vida e o refletir sobre o futuro. Estas ocorreram com tamanha intensidade que muitos, provavelmente, não conseguiram dar-se conta de que tudo estava mudando; ou, quem sabe, se aperceberam algum tempo depois quando muitas delas já haviam se processado.

Os resultados desse incessante transformar-se, que representou, em grande medida, da vontade dos segmentos privilegiados da cidade, que passaram a dominar com maior ênfase as

---

<sup>21</sup>-Os paraguaios mais tradicionais, quando da morte de um parente ou conhecido, reuniam os amigos para comer e beber em homenagem ao morto.

atividades econômicas e políticas, e que, aliadas ao Poder Público, detiveram, como de costume, a prerrogativa decisória sobre assuntos de cunho social, impondo à revelia da vontade popular, seus projetos, segundo as conveniências do momento, foi a destruição sistemática de parte significativa de quase tudo o que foi erguido pelos antigos habitantes<sup>22</sup>.

Se num primeiro momento salta aos olhos os aspectos materiais dessa destruição e a reelaboração visual e estética que passou a cidade, a essência desse mudar estava na reorganização das relações estabelecidas entre as diversas classes, e que se projetaram de modo marcante sobre o *tecido urbano*.<sup>23</sup>

Entretanto, num primeiro momento, tais mudanças podem ser detectadas a partir de um "olhar" sobre a cidade, ou de um "feed-back", como no cinema, buscando fixá-las num período de dezoito anos, ou mais precisamente entre 1973 quando se inicia o processo de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, e 1991 quando da abertura da última comporta, período em que o espaço da cidade transfigurou-se.

Percebemos que as mudanças que ali se operavam pela imposição do homem sobre a natureza, levando a modernidade em forma de tecnologia e de redimensionamento do espaço, causava, como diz Maria Stella Bresciani, "fascínio e medo"<sup>24</sup> tanto na população autóctone como naquela que vinha chegando.

Se "a cidade configura o espaço por excelência da transformação, ou seja, do progresso e da história"<sup>25</sup> em Foz do Iguaçu de forma marcante ela representou "a expressão maior do domínio da natureza pelo homem e das condições artificiais (fabricadas) de vida."<sup>26</sup>

---

<sup>22</sup>-Sobre a relação entre espaço e poder ver FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. op. cit. p.211-212.

<sup>23</sup>-Cf. LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Moraes, 1991. pp. 11-12.

<sup>24</sup>-Cf. BRESCIANNI, Maria Stella Martins. *Metrópole: as faces do monstro urbano (as cidades do séc. XIX)*. op. cit., p.39

<sup>25</sup>-*Idem*, *Ibid*.

<sup>26</sup>-*Idem*, *Ibid*.

A evocação desse "olhar" torna-se interessante quando nos atemos à maneira como os empreendedores da Obra de Itaipu manipulavam um imaginário por eles criado para justificar as transformações operadas na cidade. Esses contavam com a colaboração da mídia, das escolas, e da propaganda oficial emitida pelo Poder Público. Veiculavam uma imagem de crescimento e de transformação que não atingiria ou destruiria aquela "antiga" cidade, tal como era antes da chegada de Itaipu. Mas o que se percebia, na verdade, era que rapidamente ela estava desaparecendo e dando lugar a um novo espaço que já não era reconhecido mas, tão somente, vivido pela população.

No espaço interno dessas transformações a população se apercebia das dimensões e da rapidez de tais mudanças, entretanto se sentia impotente para conter a desenfreada imposição dessa nova ordem.

O sintomático disso tudo, no entanto, é que os prédios mais antigos foram desaparecendo ao sabor das empreitadas do progresso e da modernidade, e em 1991 se resumiam a não mais que uma dezena, num universo de milhares de imóveis que se encontravam na zona urbana e rural de Foz do Iguaçu. Foram sendo demolidos para dar espaço a prédios de estilo arrojado e satisfazer as exigências de um mercado imobiliário que crescia, procurando atender a população estrangeira, principalmente árabe, coreana e chinesa que mantinham atividades econômicas no Paraguai, negociando em dólar, no "black". Também deram início à construção de Shopping Centers e lojas de comércio para atender a demanda consumista de uma população, principalmente de turista brasileiros, argentinos e paraguaios, que acorriam àquela região. Foram, de forma sistemática, reorganizando a cidade segundo o ponto de vista e os projetos de suas elites.

Considerando que "a cidade se constituirá no observatório privilegiado da diversidade: ponto estratégico para apreender o sentido das transformações, num primeiro passo, e logo em seguida, à semelhança de um laboratório, para definir estratégias de controle e intervenção"<sup>27</sup>, vamos perceber que as mudanças estruturais em Foz do Iguaçu, uma vez que foi remodelada no

---

<sup>27</sup>-*Idem, Ibid.*

que se refere à sua configuração espacial, foram acompanhadas por mudanças profundas de ordem econômica e social, que afetaram o cotidiano da população, que passou a conviver com novas leis e normas de conduta, impostas que foram pela nova realidade do município.

Essa reordenação dos espaços da cidade atendia, em boa medida, aos interesses de uma elite que para ali se transferiu, tendo o apoio de sua congênere anteriormente ali estabelecida<sup>28</sup>, e sendo amparadas nesse projeto não só pela Empresa Binacional de Itaipu mas também pelo poder público local.

As principais consequências dessas transformações foram: uma massa heterogênea vinda de todas as partes do Brasil e dos países vizinhos que passou a sobreviver, quando não absorvido pela economia local, de trabalhos informais ou de sub-empregos, sem a perspectiva de ver concretizado o sonho de enriquecimento ou independência financeira que os levou para aquelas paragens; a criminalização da atuação desse segmento da população pelas elites, com a anuência do Poder Público e com o devido controle e repressão pelas polícias que ali atuavam<sup>29</sup>; um favelamento acelerado nas áreas periféricas da cidade e um vertiginoso aumento da especulação imobiliária; desorganização das áreas centrais com um trânsito caótico, acidentes constantes, formação de comércio paralelo de produtos diversificados nas principais ruas da cidade; alto índice de criminalidade (assaltos, arrombamentos, homicídios, furto de automóveis que eram levados para desmanche ou comercializados no Paraguai) e narcotráfico.

---

<sup>28</sup>-Uma elite formada localmente, com interesses cunhados ao longo do processo de ocupação e consolidação jurídico-institucional da cidade; outra, estrangeira, estabelecida economicamente em território paraguaio, mas possuindo vida social e política em Foz do Iguaçu; e uma terceira, imposta via governo federal, quando da montagem técnico-administrativa da Usina de Itaipu.

<sup>29</sup>-Foz do Iguaçu comporta a Polícia Federal, Polícia Civil, Polícia Militar, A Receita Federal que fiscaliza o tráfego aduaneiro, A "Segurança" de Itaipu, além do 34º Batalhão de infantaria Motorizado, da Capitania dos Portos ligada ao Ministério da Marinha e a Aeronáutica. Sobre policiamento da população Cf. STORCH, Robert D.. O policiamento do cotidiano na cidade vitoriana. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Editora Marco Zero, v.5, n.8/9, set. 1984/abr. 1985. pp.07-33.

Há que se ressaltar que essa massa disforme que atuava naquela sociedade, que vivenciava aquela realidade, composta por brasileiros, paraguaios, argentinos, índios guaranis, cidadãos "civilizados", trabalhadores rurais, profissionais liberais, assaltantes, políticos profissionais, traficantes, fazendeiros, comerciantes, contrabandistas, desocupados, polícias subempregados, militares, artistas, prostitutas, "sem-terra", grandes empresários, jogadores profissionais e amadores, marginais de toda ordem, tinham que se organizar, ou se modelar a esse espaço que rapidamente se ampliava e se concentrava, formando uma área tensa, desequilibrada, ou fragilmente equilibrada sobre uma ordem estabelecida segundo as conveniências do momento, ou inventadas ao sabor das necessidades que se apresentavam.

Tal fenômeno, como queremos mostrar, foi resultado da chegada de um enorme contingente de pessoas para trabalhar na Usina Hidrelétrica de Itaipu, ou para usufruir indiretamente dela, através do comércio ou prestação de serviços, acarretando um "inchamento" da cidade e sua descaracterização tanto ao nível espacial como em sua cultura.

Para essas pessoas, que em sua grande maioria não se identificava com as raízes da cidade, que estavam ali só de passagem, que não admitiam ter laços de compromissos com o lugar no qual viviam, exploravam e transformavam, descortinar um passado recente daquela gente e cidade que se viram assaltadas de sopetão e se viam obrigadas a recebê-los, não estava em seus projetos e nem os seduzia minimamente.

Mas como era Foz do Iguaçu antes da chegada de Itaipu?

Em 1973 a cidade de Foz do Iguaçu poderia ser caracterizada como uma típica cidade do interior brasileiro e "entendida" aos olhos de sua população e daqueles que ali vinham em busca do deleite de ver e sentir as Cataratas.

Entre os anos de 1963 e 1973 a cidade praticamente ficou estagnada em termos de crescimento espacial mantendo suas características interioranas praticamente imutáveis.

Apesar disso, possuía um nível médio de riqueza muito bom em comparação com outras cidades do Paraná, pois como atesta o P.D.U. "a renda per capita do Município de Foz do

Iguaçu (Cr\$ 2.426,78) é bastante mais elevada (mais de 90%) do que a da Micro-Região a que pertence e também mais alta do que a média estadual."<sup>30</sup>

A cidade teve um adensamento populacional aumentado 1,6 vezes em 10 anos no que se refere à totalidade do município, sendo de 4,7 vezes na área urbana no mesmo espaço de tempo. Crescimento pequeno se comparável com outras cidades do Paraná.<sup>31</sup>

Em 1974, ano de início das construções de Itaipu, quando começam a chegar as primeiras levas de trabalhadores para a Obra, a cidade não possuía uma infraestrutura capaz de absorver aquele "exército" de trabalhadores: moradias insuficientes para abrigar todo aquele contingente, e mesmo possuindo um enorme apelo turístico, era deficitária quanto à hospedagem; o sistema de abastecimento de água possuía apenas 1.234 ligações, beneficiando em torno de 11 mil moradores; existiam apenas 485 habitações ligadas à rede coletora de esgotos;<sup>32</sup> a rede telefônica tinha "uma capacidade de 600 terminais, todos em operação", cuja situação "é de insuficiência, muito grande por sinal".<sup>33</sup>

Sintetizando as condições em que se encontrava a cidade, o Plano de Desenvolvimento Urbano de Foz do Iguaçu, em 1974, constatava:

"Por outro lado a infra-estrutura urbana não tem acompanhado o crescimento da cidade, sendo atualmente muito precária, à beira do caos".<sup>34</sup>

A configuração espacial da cidade pouco se alterou entre os anos de 1963 e 1973, com poucas construções, ruas que seguiam o mesmo destino sem sofrer melhoramentos, com os mesmos locais de encontro e lazer para a população.

O lazer da população estava ligado aos dois cinemas existentes, às visitas ao Parque Nacional onde existia um museu, às caçadas nas matas da região, às pescas nos rios Paraná e

---

<sup>30</sup>-Cf. P.D.U. p.211.

<sup>31</sup>-Cf. P.D.U. p.58.

<sup>32</sup>-*Idem, Ibid.*, p.139-149.

<sup>33</sup>-*Idem, Ibid.*, p.157.

<sup>34</sup>-*Idem, Ibid.*, p.58.

Iguaçu, aos jogos das 08 equipes de futebol, aos passeios e bailes das 06 Sociedades Recreativas e do Foz do Iguaçu Contry Club. Em todos esses locais, praticamente toda a sociedade tinha acesso. Ou, era possível, constituía-se nos principais espaços de sociabilidade da cidade.<sup>35</sup>

A Rádio Cultura ZYS, veiculava notícias, músicas, apresentava programações ao vivo, como gincanas, concursos, e efemérides locais.

Como todas as cidades do interior do Brasil, também ali havia uma grande religiosidade, expressa nos diversos cultos professados. Foz do Iguaçu possuía: 8 Igrejas Matriz, católica, espalhadas pelos diversos distritos que após 1973 foram se desmembrando; 12 capelas de culto católico; 03 Igrejas Evangélicas do M'Boicy; 06 Igrejas Evangélicas Assembléia de Deus; 02 Igrejas Presbiterianas do Brasil; 05 Igrejas da Congregação Cristã do Brasil; 01 Igreja do Evangelho Quadrângular; 01 Igreja Batista; 01 Igreja Evangélica Cristina Profética; 01 Salão das Testemunhas de Jeová; e 01 Centro Espírita.<sup>36</sup>

Em 1974 o P.D.U. constatava que Foz do Iguaçu possuía 77 salas de aula para atender 8.629 alunos. Dessas, cuja densidade aluno/sala era de 56, 04 salas eram pré-fabricadas e outras 15 adaptadas para fins educacionais. enquanto 58 haviam sido construídas especificamente para estudos. Entretanto, constatava também, que 19 encontravam-se em péssimas condições de uso.<sup>37</sup> É de se imaginar que em meio ao calor ou frio que compõem o clima dali, assistir aulas ou ministrá-las em lugares inadequados, a evasão escolar, a atração de alunos para os bancos escolares, e a manutenção de professores em suas tarefas não devia ser das mais fáceis.

Segundo esse mesmo documento, em 1970 a cidade conseguiu com que 72,6 % das crianças entre 07 e 14 anos estivessem matriculadas nas escolas contra uma taxa de 27,4 % que muito provavelmente auxiliava seus pais no campo ou não eram incentivadas pelas famílias, ou ainda, sentindo as dificuldades de estudar em lugares pouco acolhedores, rapidamente evadiam-se dos estabelecimentos de ensino.<sup>38</sup>

<sup>35</sup>-Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, Biblioteca Pública Municipal, 1973. p.08. (apostila)

<sup>36</sup>-*Idem, Ibid.*

<sup>37</sup>-Cf. P.D.U. p.227

<sup>38</sup>-*Idem, Ibid.* p.220

O Corpo Docente naquela longínqua cidade, refletia a própria realidade de um município que pouco era atendido pelas autoridades da capital, quanto à sua qualificação e/ou reciclagem. No primeiro grau (1ª a 4ª séries) 64 professores eram *Normalistas*, e provavelmente continuaram sendo até a aposentadoria. Também existiam 04 professores que não possuíam nenhuma habilitação. O mais notável ocorre na qualificação dos professores da 5ª a 8ª série e segundo graus: dentre os 186 que atuavam nas escolas da cidade, apenas 01 era *Efetivo Não Licenciado*, 05 eram *Efetivos Licenciados*, e os demais compunham o que era chamado de *Suplementaristas Licenciados e Não Licenciados*. Ou seja, estes últimos, que não eram efetivados pelo Estado, recebiam consideravelmente menos e arcavam com a maioria das aulas.<sup>39</sup>

Apesar de tudo, eram problemas passíveis de serem sanados num universo onde a improvisação e o conhecimento entre as pessoas caminhavam lado a lado na busca de alternativas, uma vez que não contavam, na maioria das vezes com as autoridades governamentais.

No que tange à saúde, as alternativas tinham que ser buscadas, em boa medida na experiência dos mais velhos, ou daqueles que aprenderam na prática e no convívio com a população mais antiga a ministrar remédios caseiros, ervas medicinais, fazer parto e benzeduras.

Segundo o P.D.U., Foz contava em 1973 com 14 médicos num total de 2.247 que existiam no Paraná. Mais precisamente, enquanto o nível recomendado para o estado era de 0,8 médicos por 1.000 habitantes, a cidade tinha 0,38, num déficit de 0,42. Quanto aos leitos hospitalares, enquanto o nível recomendado era de 3,5 leitos por 1.000 habitantes, Foz apresentava 2,42, ou seja, deficitário em 1,08 leitos por habitantes.<sup>40</sup>

No sentido de fazer frente à todo tipo de doenças, onde se destacava a gripe, sem dúvida pelas condições climáticas da região, e as verminoses e disenterias não especificadas, resultado do precário saneamento básico, compunham, enquanto Recurso Humano nos hospitais da cidade, 04 auxiliares de enfermagem, 22 atendentes, 03 parteiras, e, mais interessante, 10 *curiosas* [grifo meu].

---

<sup>39</sup>-*Idem, Ibid.* p.226.

<sup>40</sup>-*Idem, Ibid.* p.229.



Para se ter uma idéia da imutabilidade daquela cidade, ou da lentidão de suas mudanças, em 1974 Foz do Iguaçu possuía duas praças públicas para atender, em termos de lazer, sua população urbana, sendo que eram as mesmas desde 1963. Quanto à densidade de construções no perímetro urbano, ocorreu, também, um crescimento vagaroso, mais precisamente de uma vez e meia em dez anos, concentrando-se ao longo da Av. Brasil na região central da cidade.<sup>41</sup>

Apenas esta rua era pavimentada, no centro da cidade, tendo suas transversais e paralelas sem calçamento, nas quais moravam pessoas importantes da cidade, cujas residências mantinham, muitas vezes, as características originais com amplos jardins, hortas, pomares, e criação de animais, denotando pelos depoimentos, aquela imutabilidade a que nos referimos:

"Nós morávamos ali na Republica Argentina que não era asfaltada. Era ainda de terra. Só existia a Av. Brasil asfaltada. Existia muitas residências de pessoas antigas da cidade, perto da Av. Brasil, arborizadas, praticamente com as características originais."<sup>42</sup>

Com apenas uma rua asfaltada, o que em si não constituía um problema para aquela população habituada com os referenciais de cidade do interior distante dos grandes centros urbanos e que sempre viveu isolada dos empreendimentos traçados na capital, e sem ter experimentado uma interferência mais incisiva em sua configuração espacial e cultural, as preocupações daquela gente voltavam-se para coisas que, na ótica do povo das urbes "civilizadas", representavam problemas demasiadamente modestos: a terra vermelha, das mais férteis do mundo, que deixava seus traços nas roupas, nas unhas, nas paredes, em todos os lugares; os extremos da temperatura, ora muito frio ora demasiadamente quente e que tornavam-se motivo bastante justo para longas conversas nos armazéns, nas reuniões familiares, nos encontros fortuitos pela cidade; os dias de chuva, que naquela região ocorria, nos períodos devidos, em grande abundância,

---

<sup>41</sup>-*Idem, Ibid.*, p.105.

<sup>42</sup>-Entrevista concedida por Tereza Fernandes Batista. Foz do Iguaçu, 03/04/94.

levando a população ao isolamento temporário; o contrabando de madeiras pelo Rio Paraná; as caçadas pretéritas e futuras nas matas virgens da região.

Um dos moradores que dedicou-se ao setor de hotelaria antevendo a expansão do turismo, e que investiu todo seu capital conseguido através do comércio na então pacata Foz do Iguaçu, Laurindo Ortega, assim via a Avenida Brasil no período imediato à chegada de Itaipu, e manifestava uma visão que se tornaria corriqueira contra o "velho", contra as reminiscências do passado representado pelas antigas construções, que deveriam dar passagem para o "moderno", para o "novo":

"Esta esquina aqui onde tenho o meu hotel me atraiu muito.(...)Em cima tinha umas casinhas muito vagabundas e algumas árvores. Demoli tudo e passei a construir o hotel. Comecei em 68/69 e em 15 de dezembro de 1970 inaugurei este hotel. Era o único hotel de primeira categoria com banheiro privado, ar condicionado, música ambiente..."<sup>43</sup>

Através de revistas da época podemos observar como, em 1979, no auge das obras da Usina, os defensores das mudanças nos aspectos físicos da cidade, configuravam-se em eméritos retratistas daquele espaço, e refletiam a perspectiva dos setores elitizados, que aderiram integralmente aos projetos de remodelação e "embelezamento" da cidade, para afastá-la do "atraso" em que se encontrava, já que possuía naquele momento, razões de sobra para dar um salto em direção ao progresso, isto é, tinham atrativos turísticos e a futura maior hidrelétrica do mundo, e que talvez, no seu entender, gerariam divisas inesgotáveis para toda a população:

"Respeitamos esse sentido saudosista do passado, mas convenhamos que uma cidade como Foz, onde o calor é comum ultrapassar a marca dos 40 graus, encravada num terreno acidentado de altos e baixos, sem asfalto, sem calçadas, iluminação deficiente, água idem, telefone idem, onde com chuvas o barro grudento e roxo e escorregadio exigia peripécias as mais notáveis dos transeuntes, onde no tempo seco a cortina de poeira trazia as donas-de-casa em permanente apuros de nervos e esgotamento - dá saudade lembrar esse tempo, essa situação?"<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 11 a 18/02/81.

<sup>44</sup>-*Revista Painei*. Foz do Iguaçu, n.69, fev/79. p.04.

Nessa área que compreendia praticamente o centro da cidade, concentrava-se a ampla maioria da população local. Isso levou à uma densidade bastante alta para os padrões do Estado do Paraná. Enquanto a média das cidades paranaenses estava ao redor de 37 hab/ha, Foz do Iguaçu possuía entre 75 hab/ha e 125 hab/ha em 1975,<sup>45</sup> primórdios da construção da Usina.

Essa concentração urbana em limites geográficos bastante estreitos, permitia um intercâmbio contínuo entre as diversas famílias da cidade. Basicamente a grande maioria das famílias eram conhecidas entre si, mantendo-se uma sociabilidade em torno dos poucos locais de lazer que ali existiam, como o cinema, o cassino (do outro lado da fronteira, no Paraguai), as pescarias no Rio Paraná e Iguaçu, e nas festas da comunidade e da Igreja.

O relacionamento entre os moradores parecia, portanto, ser bastante estreito ou, pelo menos, mostrava existir uma relação muito próxima entre as diversas camadas da sociedade.

Em muitos depoimentos a visão de um "paraíso perdido" é bastante recorrente para aqueles que vivenciaram tal realidade, desprovida, praticamente de criminalidade e sem as neuroses que viriam mais tarde compor seu cotidiano.

Nessa vertente paradisíaca, moradores mais antigos e tradicionais da cidade, se expressam sobre a vida social iguaçuense no período anterior ao início da construção da Usina de Itaipu, com nostalgia:

" Olha, aconteciam bailes e festas um pouco mais animados que hoje. O povo era mais unido. Todos se conheciam e conversavam animadamente. Hoje em dia é diferente porque a cidade se expandiu, há muita correria, muito trabalho (...)." <sup>46</sup>

A cidade foi expandindo-se rapidamente e tornando-se cada vez mais estranha aos olhos daqueles que a ocuparam, ao longo de sua história:

" De 1960 até 1975 (a cidade) foi aumentando aos poucos. Poucas construções, a maior parte de madeira. Em 1975 é que começou um desenvolvimento fantástico. Em 60 havia

---

<sup>45</sup>-Cf. P.D.U. op. cit.

<sup>46</sup>-Entrevista de Etelvino Salvatti à Revista *Memória de Foz do Iguaçu*. Foz do Iguaçu, junho de 1982. p.43.

muito mato no perímetro urbano. Com a construção da ponte da Amizade, o panorama foi se modificando."<sup>47</sup>

Também as muitas pessoas que se mudaram para a cidade no início da década de setenta, em função, principalmente de serviços na área militar (para servir no Batalhão de Fronteira) ou órgãos públicos (como a Receita Federal ou a Polícia Federal), encontraram uma Foz do Iguaçu longínqua ("aquilo é o fim do mundo" costumavam dizer), pacata e, até certo ponto, receptiva a esse novo contingente.

Para esses, a necessidade premente de se relacionar com outras pessoas, de se aproximar de outros novos moradores que enfrentavam as mesmas dificuldades de adaptação àquela realidade, terminam por moldar novas formas de sociabilidade que perduraram por anos, até quedar-se à nova realidade imposta por Itaipu.

Uma moradora da cidade, Elaine Medeiros Mazzoco, que para lá se mudou em 1975, devido à transferência do marido de Vila Velha no Espírito Santo para o Batalhão de Fronteira, ressaltava as condições em que vivia a comunidade, onde a proximidade e a união eram normas para se integrar e enfrentar a nova realidade, além da despreocupação com a violência que era comum em outras cidades:

"A gente, como tinha vindo cada um de um lugar diferente, reuníamos-nos cada fim de semana na casa de um. Fazíamos churrascada ou peixe e tomávamos uma cervejada. Ficávamos até altas horas tocando e dançando, e quando íamos embora, às vezes cantando pelas ruas da vila, ninguém das casas por onde passávamos reclamava do barulho. Mas respeitávamos os outros."<sup>48</sup>

Sempre a menção à tranquilidade que não existia em outras cidades:

"A gente podia sair tranquilo pelas ruas à noite, que não tinha problema de assalto."<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup>-*Idem. Ibid.*

<sup>48</sup>-Entrevista concedida por Elaine Medeiros Mazzoco. Florianópolis, 04/01/94.

<sup>49</sup>-Entrevista concedida por Francisco de Assis Mazzoco. Florianópolis, 01/01/94.

Tendo mudado para lá em 1968, Alceu de Freitas se recorda do tempo em que, bastante afastada de cidades grandes ou em vias de crescimento, Foz do Iguaçu se caracterizava como uma típica cidade do interior. E do interior mais longínquo, onde até mesmo, no que viria a ser a área central, podia-se usufruir da natureza, que naquelas plagas é bastante generosa:

"Muitas vezes íamos tomar banho pelado lá no rio M' Boyci e no Monjolo lá no centro. Todo mundo ia para o cinema dos Basso lá na Av. Brasil, quando ainda era de duas mãos. Aquela época todo mundo se conhecia e se ajudava. A gente sempre encontrava as pessoas no cinema ou nas festas no colégio."<sup>50</sup>

Ainda dentro das configurações espaciais da cidade é importante frisar que o Parque Nacional do Iguaçu tinha suas matas ocupando a maior parte da área localizada ao longo da estrada das Cataratas a partir do núcleo urbano central de Foz do Iguaçu, durante as décadas de 60 e início de 70.

Essa configuração de área totalmente nativa, tornou-se para muitos, espaço privilegiado para caçadas, pois não havia controle por parte das autoridades em função de suas grandes dimensões. Uma das atividades de lazer praticada pela população, em geral masculina, era a caçada nas matas virgens do Parque Nacional do Iguaçu, nos fins de semana e nos dias de folga.

Vivia-se naquelas terras como se estivessem à margem do que estava acontecendo no restante do Brasil, principalmente nas grandes cidades ou nas áreas litorâneas do país, onde se concentrava a maior parte da população brasileira.

Para dona Rosinha, paraguaia que chegou do interior de seu país a Foz do Iguaçu na década de 60, a vida ali era muito mais interessante. Com saudosismo e lágrimas nos olhos, e toda aquela tristeza tipicamente guarani, com palavras de profundo ressentimento, em tom cálido, ela se manifesta sobre a vida em Foz do Iguaçu antes da chegada de Itaipu:

---

<sup>50</sup>-Entrevista informal de Alceu de Freitas. Foz do Iguaçu, 29/04/94.

"Quando nós viemos morar aqui, era tudo terra.(...) Todo mundo se conhecia e se ajudava.(...) Era uma vida tranqüila, pois a gente nem precisa sair muito longe para se comprar algumas coisas, como verduras e legumes, que os vendedores passavam vendendo em nossa casa.(...) O que a gente mais fazia nas horas de folga era ir jogar no Paraguai, pois não tinha nada para se fazer aqui".<sup>51</sup>

Também para o Dr. Nei Afonso Chassot, que saiu do interior do Rio Grande do Sul com a perspectiva de colocar em prática sua especialidade médica numa cidade de futuro promissor, e que terminou por fixar-se em Foz do Iguaçu, quando a Usina começava a ser construída, a realidade era totalmente outra. Uma ponta de nostalgia de uma cidade tranqüila, sem as neuroses da cidade grande, perpassa por suas palavras, contrastando seus objetivos iniciais com suas conquistas profissionais:

"Assim que eu me formei, eu e a Rosita pensávamos em nos fixar numa cidade que oferecesse perspectivas de crescimento profissional, mas que não fosse muito grande, que não tivesse aquela coisa de cidade grande. Que oferecesse uma certa tranqüilidade para a gente viver. Assim chegamos a Foz quando a Usina estava começando a ser construída."<sup>52</sup>

Com a chegada de Itaipu a vida de cidade do interior com sua mansidão e pacatez começou a se desintegrar em relação às novas estruturas que iam rapidamente se moldando naquele espaço. Manteve, no entanto, durante os primeiros anos, características de um mundo que ainda não se perdera totalmente, mas deixando margens para o vislumbre de duas realidades que começavam a imbricar-se e a modelar uma nova.

Ao mesmo tempo em que esses moradores expressavam uma visão paradisíaca do cotidiano da cidade num passado não muito distante, vivendo longe da "civilização", para outros, viver ali, representou um verdadeiro "inferno", onde se era jogado para pagar os pecados.

---

<sup>51</sup>-Entrevista concedida por Del Rosário Correa Lorenzoni. Foz do Iguaçu, abril de 94.

<sup>52</sup>-Entrevista com Nei Afonso Chassot. Foz do Iguaçu, 01/04/94.

Vista como lugar bruto, ocupada por índios e/ou gente ruim, fazia-se usual e constantemente a associação entre lugar distante/lugar ruim, fim-de-mundo/castigo, na memória que muitos tinham daquela longínqua cidade.

Em certa oportunidade, num contato fortuito com personagens do cotidiano da periferia de São Paulo, à propósito do engajamento na vida militar, um deles referiu-se inesperadamente à sua transferência para Foz do Iguaçu, como pena por ter-se envolvido em armações e badernas dentro da caserna. Para lá transferido, visto que se não concordasse seria mandado para a Amazônia, tornou-se motorista de um comandante e lembra que Foz do Iguaçu não possuía nenhuma diversão, e que iam para a "zona" em Ciudad Puerto Stroessner no Paraguai:

"Não tinha nada para fazer em Foz. Quando tínhamos folga íamos para as boate no Paraguai e voltávamos de madrugada."<sup>53</sup>

Esse mesmo personagem se refere a Foz como sendo o "fim do mundo". Imagem também recorrente para muitas pessoas que para lá foram, obrigatoriamente:

"Todo mundo que aprontava muito no quartel era ameaçado, como corretivo, de ir ou prá fronteira como Foz do Iguaçu, ou pro Mato Grosso, ou ir para a Amazônia."<sup>54</sup>

Foz do Iguaçu era considerada, por localizar-se distante de centros urbanos, uma região ocupada por índios e pessoas despossuídas de maneiras civilizadas, e mesmo violentas. O fim do mundo ocupado por gente má, como se percebe pelo depoimento de um personagem que lá viveu:

"(...)Inclusive eu sai de Guarapuava devendo, e quando voltei para pagar as contas um colono ficou admirado porque Foz do Iguaçu era considerado um lugar de gente ruim, pois muitos bandidos que aprontavam por lá, eram mandados para cá".<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup>-Esse personagem chama-se Dantas.

<sup>54</sup>-Idem.

<sup>55</sup>-Entrevista de Estanislau Zambrzycki para *Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 24/06 a 01/07/81.

*Paraíso* perdido e/ou *Inferno* a ser vencido na fronteira, na selva subtropical de uma calma cidade nos confins do país, que se apercebe da chegada da "modernidade" em forma de tecnologia, e que tudo transformaria como um "Midas" às avessas. É interessante lembrar a epopéia da modernidade do começo do século exposta por Foot Hardman em seu "Trem Fantasma":

"É como se notas desgarradas dos acordes clássicos ecoassem sob forma de reminiscências pelas selvas, à procura de uma harmonia quase impossível, mas estranhamente identificável num único ponto, mercê de um outro registro: o da obra incompleta, o de um paraíso difícil de reinventar. Técnica e cultura caminham assim fragmentariamente, ensaiando um espetáculo que se adia a cada passo, dadas as dificuldades de reunir, com perfeição, todos os seus ingredientes."<sup>56</sup>

Em meio àquela desordem que começava a se esboçar por conta da chegada de um número cada vez maior de forasteiros, onde os sonhos nem sempre se realizavam, era fundamental estabelecer vínculos de amizades mais sólidas, às quais recorria-se não só no sentido de organizar a vida em sociedade para enfrentar esse novo momento da vida, como, em termos de estruturação econômico-financeira, procurar apoio nos investimento que se faziam naquela região promissora, pois era corriqueira a idéia de se fazer fortuna mas não permanecer muito tempo naquela cidade longe de suas raízes. Decisão essa provavelmente não respeitada por uma expressiva quantidade de pessoas, que durante anos projetaram partir e terminaram por estabelecer-se definitivamente naquele lugar.

E também, ao que parece, para chorar a saudade de lugares distantes que compuseram seu meio e suas relações sociais e que passavam, a partir de então, a ser um espelho para aquela nova sociabilidade que se construía no dia-a-dia de um outro lugar que precisava ser "conquistado". Entretanto, ao que parece, nem todos conseguiram alcançar tal "conquista", ou mesmo conciliar a formação de novas relações com os progressos materiais perseguidos, o que levava ao fim da aventura.

---

<sup>56</sup>-Cf. HARDMAN, Francisco Foot. *op. cit.* p.110.



"Mas era um tempo bom. Invariavelmente fazíamos aquele churrasco com as pessoas mais chegadas, que não eram muitas. Fazíamos com aquelas pessoas que nos aproximávamos e que continuavam na cidade. Pois, como todo mundo vinha de fora, muitos ganhavam algum dinheiro rápido e iam embora. Outros não aguentavam o ritmo da cidade ou não se adaptavam ao modo de vida daqui e adeus. Assim, com aqueles que ficaram, travamos longas amizades. E eram tempos muito mais calmos."<sup>57</sup>

E a lamentação pelo paraíso perdido continuava sendo, junto com as críticas à intranquilidade que passou a imperar naquela sociedade, a principal tônica daqueles que enfrentaram todo aquele período de transição:

"Só com a chegada do grande número de trabalhadores para Itaipu, e todos os problemas advindos do desemprego em massa e da falta de ocupação para esses trabalhadores que se fixaram na cidade, é que começou a violência, a criminalidade, o favelamento e todos esses problemas que vemos hoje."<sup>58</sup>

A cidade que muitos encontraram em fins dos anos 60 até a primeira metade dos 70, quando ainda não existia a Usina de Itaipu, enquanto "paraíso", para uns, ou "inferno", para outros, foi se desintegrando para dar lugar a um "novo mundo", bastante diverso daquele que emergia nos depoimentos dos antigos moradores.

Aquele lugar que se desvanecia, cujas vozes do passado salientam as relações de solidariedade entre a população e a tranquilidade no viver, irá se metamorfosear em lugar por excelência de estranhos, chegados de todas as partes em busca de trabalho.

A solidariedade persistiu em outros moldes, entre aqueles segmentos que se relacionavam no cotidiano do trabalho ou pela sobrevivência.

Foz do Iguaçu passou a abrigar um crescente número de marginalizados, excluídos dos meios formais de trabalho, dos quais muitos tornaram-se criminosos, pessoas que migraram de outras cidades por problemas legais e que, pelas facilidades de tráfego entre as fronteiras, encontraram aí maiores facilidades para atuar, e todo um grupo de pessoas desajustadas em seu

---

<sup>57</sup>-Entrevista com Nei Chassot. Idem.

<sup>58</sup>-Idem.

meio social original, ou que vieram a se desajustar face às condições apresentadas naquela fronteira.

Esse segmento social, acrescido e mesclado com aqueles personagens que afluíram à cidade em função de Itaipu, estarão no bojo dos problemas sociais que vieram a se configurar naquele espaço, e dos quais fazemos emergir três como sinônimo e sintoma da desestruturação do cotidiano de Foz do Iguaçu, durante a *era* Itaipu: a pobreza, caracterizada pelo incremento de atividades informais de trabalho, de sub-emprego e desemprego, e pelo número acentuado de meninos-de-rua, pedintes e mendigos pelas ruas; a criminalidade e a violência; e o problema da moradia que acarretou um contínuo favelamento da cidade, e no descaso do Poder Público, das elites e principalmente de Itaipu, cuja responsabilidade pela atração e abandono de grande parte da população às condições precárias de sobrevivência, levou-a constantemente a se omitir de soluções que atenuassem aqueles problemas.

É de se crer, em função dos depoimentos de antigos moradores, que a criminalidade encontrava, até início dos anos 70, sua maior ressonância no contrabando de madeiras efetuado através do rio Paraná. Prisões, mortes e violência estavam vinculadas à repressão levada a cabo pelas polícias e pelo Exército contra aqueles contrabandistas e contra perseguidos políticos dos três países da fronteira. Entretanto, nada que se comparasse ao que estava por vir com os novos tempos de Itaipu.

Também nos tempos preliminares à chegada da Usina não havia entre os moradores a mais efêmera idéia de se comportar naquele espaço meninos-de-rua, mendigos ou pedintes, passando fome pelas ruas. Realidade esta que estava ocorrendo em quase todas as partes do Brasil do "milagre", e que aos poucos foi se materializando em Foz do Iguaçu.

Possuindo um espaço urbano restrito de 498,71 ha., com 2.234 casas que abrigavam uma população de 23.050 habitantes em 1973,<sup>59</sup> praticamente a população da cidade se conhecia, ou

---

<sup>59</sup>-Cf. P.D.U. op. cit., p.59.

no limiar, travava contatos, diretos ou indiretos, entre si, o que dificultaria a existência de casos extremos de pobreza em larga escala.

E concomitantemente ao progressivo crescimento da criminalidade e da pobreza, dentre tantas transformações que se processaram vertiginosamente com a chegada de Itaipu, a questão da moradia tomou lugar de destaque visto que a cidade não possuía infra-estrutura para abrigar o número de pessoas que desembarcavam no novo *Eldorado* representado por Itaipu.

Basta dizer que Foz possuía em 1970 um total 4.016 construções, sendo que 3.502 eram residenciais e as demais destinadas às atividades comerciais e de serviços.<sup>60</sup>E que, mesmo ampliando-se estes números três anos depois, seria impossível atender à demanda do imenso contingente que se transferia para lá.

A preocupação com a falta de moradia, era um pesadelo para a população que àquela cidade acorria, levando-os, invariavelmente a ter que pagar um aluguel acima de suas possibilidades.

Um jornal da cidade, *Nosso Tempo*, detectava em 1981 essa nova realidade de Foz do Iguaçu, que apesar do certo atraso, trazia à tona esse problema provocado pelo *eldorado* Itaipu:

"(...) A população de Foz aumentou de vinte mil para cento e dez mil em cinco anos originando sérios problemas de habitação. As pessoas foram chegando e se instalando em casas com aluguéis cem por cento mais caros que em Curitiba, por exemplo. Quem não tinha condições de alugar casas ou quartos foi morar em barraco na favela ou embaixo de uma árvore".<sup>61</sup>

Obviamente que, para a grande maioria da população, mormente para o trabalhador assalariado, o pequeno funcionário público, aqueles que trabalhavam como funcionários das embarcações que transitavam pelo Rio Paraná, aqueles que migraram para Foz do Iguaçu na expectativa de serem absorvidos pela Itaipu e não atingiram tal intento, o peão barrageiro que não

---

<sup>60</sup>-*Idem*, p.162.

<sup>61</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 18 a 25/02/81.

previa ficar muito tempo na cidade, o problema dos aluguéis continuou sendo um obstáculo intransponível com que lidar em seu cotidiano.

Com certeza, os conjuntos habitacionais de Itaipu vieram a resolver o problemas daqueles que chegaram à cidade e vincularam-se às Obras da Usina. No entanto, aquele enorme segmento da população que para lá se dirigiu tendo como expectativa trabalhar na Usina e não conseguiram, e aqueles que pretendiam indiretamente usufruir dos benefícios provocados pelo acentuado crescimento populacional, prestando-lhes serviços em diversas áreas, viram-se, em sua ampla maioria, obstados de conseguir livrar-se do pagamento de aluguel.

O problema tornou-se mais agudo, quando da expansão do comércio de fronteira e do turismo local, que, elevando os lucros dos comerciantes estrangeiros que atuavam em Ciudad Del Este (principalmente árabes, coreanos e chineses) e da elite ligada à exploração turística, permitiu-lhes investir na compra de imóveis em Foz do Iguaçu, utilizando-se dos muitos dólares que possuíam.

Para aqueles cidadãos que recebiam na fronteira em moeda brasileira ou paraguaia, restou o consolo de sonhar que um dia poderia ter o seu canto. Com certeza nas regiões periféricas da cidade.

Buscando assinalar o momento de mudanças, como sinal dos tempos de transformação do cotidiano de Foz do Iguaçu, vinculada à Usina de Itaipu, um anúncio comercial numa revista paranaense de 1976, ao veicular uma propaganda do *Hospital e Maternidade Santa Terezinha*, localizado na periferia de Foz do Iguaçu, e que tempos depois se tornaria o Município de Santa Terezinha de Itaipu, demonstrava o vislumbrar de uma nova realidade para região, sob a égide daquele empreendimento:

"A construção da hidrelétrica de Itaipu vai transformar Foz do Iguaçu numa das cidades mais populosas do Paraná. Isso significa mais casas, mais escolas e, naturalmente, mais hospitais. É o que estamos fazendo desde já. Localizado num recanto ameno e tranquilo, à entrada de Foz do Iguaçu (Km 251 da BR-277), o Hospital e Maternidade Santa Terezinha está aparelhado para oferecer o mais completo serviço de saúde. São 50 leitos

(sete apartamentos e sete enfermarias), raio-X, laboratório de análises clínicas, e tudo enfim, para dar saúde aos construtores da maior hidrelétrica do mundo."<sup>62</sup>

Não muito tempo depois, em 1979 a revista *Painel*, se incumbiria de fazer a apologia da "nova" cidade sob os auspícios de Itaipu, da modernidade por ela representada, mas que escondia todos os problemas sociais ali gerados, e que se multiplicavam vertiginosamente:

"Foz hoje está uma beleza, humana, limpa, sadia. O calor continua, mas em ambiente de total tolerância pelo conforto que oferece à população. Deem um passeio pelas ruas Tarobá e Naipi e as transversais. Da gosto ver a alegria dos moradores que se livraram da péssima aparência e dos problemas barro/pó. A imagem do local valorizou, tomou porte civilizado, mudou como num passe de magia."<sup>63</sup>

O projeto Itaipu ao se instalar naquela fronteira, vai erigir para a população uma nova concepção de mundo, uma nova maneira de ver e encarar as coisas ao seu redor, centrada fundamentalmente na idéia de progresso e modernidade.

E é aí que está seu lado perverso. Pois ao mesmo tempo que edifica um "novo mundo", que constrói o "novo jardim", sem barro, sem poeira, limpo e arejado, nas áreas nobres da cidade, atendendo aos anseios da elite e dos turistas, empurra para as áreas periféricas, para um mundo distante e "sem flores", aquele populacho pobre que virá a constituir-se numa ameaça latente para esses mesmos edificadores e zeladores da ordem e do bem-estar.

É para lá que se dirigirão os ex-peões barrageiros, e toda aquela massa de trabalhadores pobres, sub-empregados, desempregados, que constituirão um cinturão prestes a fechar-se e a sufocar os "bem-nascidos" das áreas centrais da cidade.

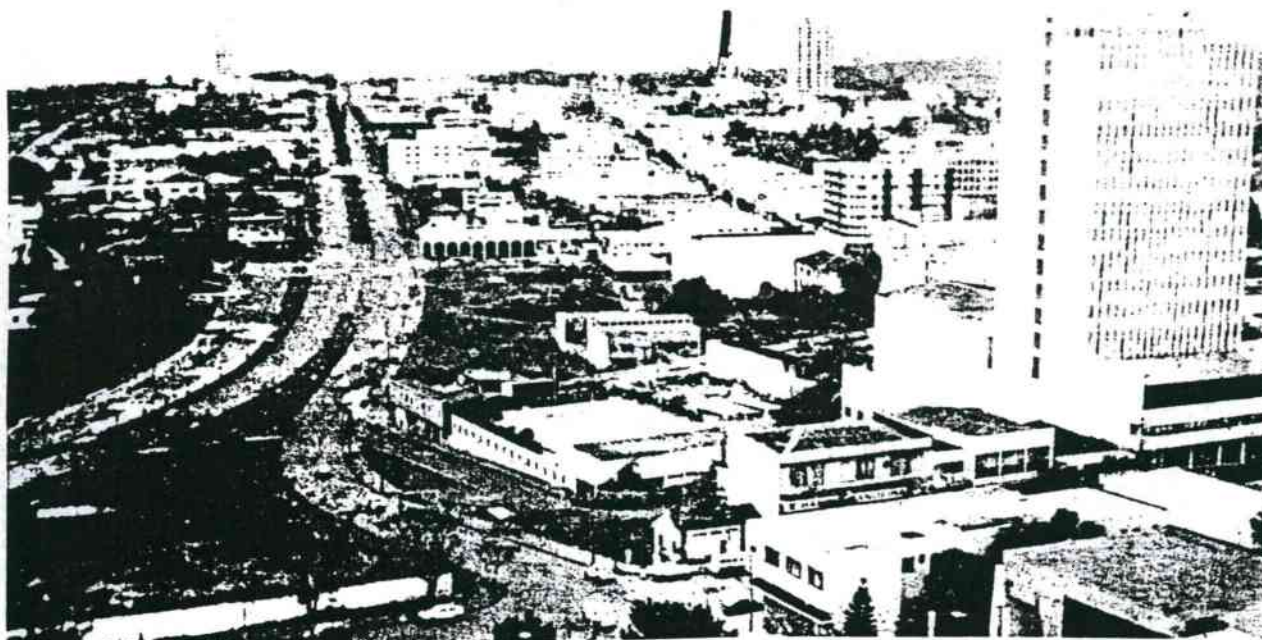
---

<sup>62</sup>-Revista *Painel*. Cascavel, n.236, abril de 1976, p.41.

<sup>63</sup>-Revista *Painel*. Foz do Iguaçu, n.69, fev/79. p.04.



*Fonte: Memória de Foz do Iguaçu*  
Foz do Iguaçu em 1973 antes das Obras de Itaipu



*Fonte: Memória de Foz do Iguaçu*  
A cidade em 1982 quando começara as dispensas na Obra



*Fonte: O Combate*  
Foz do Iguaçu em 1991

## CAPÍTULO SEGUNDO:

### E NASCE A "FAMÍLIA ITAIPU"...

*"Nossa vida dentro de Itaipu, não é um mundo à parte. Somos, isso sim, uma comunidade de milhares de pessoas, vivenciando dia-a-dia um trabalho comum. Para qualquer lado que se olhe, vemos alguém muito ligado à Itaipu Binacional. Os habitantes desse pequeno mundo não poderiam continuar isolados entre si, sem um meio de comunicação. Esta é a razão de ser desse informativo, ou seja: a de estabelecer uma ligação entre todos os elementos da grande Família Itaipu."*

*"Progresso, progresso, eu sempre escutei falar, Progresso vem do trabalho, então amanhã cedo nós vai trabalha."*

*(Conselho de Mulher - Adoniran Barbosa)*

Quando em 1988, no jornal *Folha de São Paulo*, Philip Glass, incluído por Marshall Berman,<sup>2</sup> entre os modernistas do século XX, anuncia que se preparava para compor uma ópera "sobre história de amor na Usina de Itaipu", suas palavras demonstram a idéia que, não apenas os visitantes brasileiros mas de todos os lugares do mundo, faziam daquele símbolo da capacidade humana sobre a natureza:

---

<sup>1</sup>-*Informativo Itaipu Binacional*. Foz do Iguaçu, nº Zero, 25 de julho 1986.

<sup>2</sup>-Cf. BERMAN, Marshall. *op. cit.* p.23.



"Itaipu é uma coisa como inferno no paraíso e paraíso no inferno. A escala humana é desrespeitada apesar de ter sido construída por humanos. Como na caótica terminologia Koyaniskaatsi, o estado da natureza foi alterado para atingir o lucro humano num prazo curto. O que me interessa é a idéia de que projetos progressistas, às vezes até perigosos, podem ser circundados por poesia: Itaipu significa "a pedra que canta". Foz é naturalmente bela, dentro de um conceito de belo antigo estabelecido pelo homem. A sua espiritualidade é totalmente ligada a Deus. Eu prefiro me dedicar a coisas mais perigosas e construídas pelos homens."<sup>3</sup>

Aquele empreendimento, nos parece, teve uma similaridade muito grande com os projetos de modernidade desenvolvidos entre finais do século passado e que se estenderam ao longo do atual, cuja essência e finalidade era levar para os lugares mais longínquos as marcas da civilização. Acentar a "marca" da conquista do homem sobre os espaços que ainda não estavam inseridos no "mapa-mundi" dos homens civilizados e do progresso. Referencialmente à essa expansão da modernidade, é pertinente a observação de Hardman de que "fundadas nos artifícios inovadores de técnicas arquitetônicas, haveria que articular os espaços sombrios ainda não completamente subjugados aos imperativos da civilização"deveriam ter suas "selvas e desertos, colônias longínquas e fronteiras por dividir: era preciso mapear a contento todas aquelas vastidões."<sup>4</sup>

## **(MAPA II)**

E ao intentarmos mostrar o processo de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que transformou de forma radical o cotidiano de Foz do Iguaçu, sobressaíram-se três aspectos distintos e complementares de uma mesma realidade que se instituía.

Primeiramente a possibilidade de descortinar a conjuntura da política externa brasileira (e de maneira mais específica a que se referia ao países vizinhos do *cone sul*), nas últimas três décadas e meia, e que tornou possível aquele projeto; o poder representado por Itaipu no âmbito da cidade e região, e sua utilização como "degrau" político para muitos que a ela estavam ligados; e a chegada de uma quantidade imensa de trabalhadores, os chamados barrageiros, bem como de

---

<sup>3</sup>-Cf. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 29 de agosto de 1988.

<sup>4</sup>-Cf. HARDMAN, Francisco Foot. *op. cit.* p.99.



um número expressivo de pessoas que tentaram de alguma forma usufruir daquele "espetáculo" que modelava-se na fronteira e posteriormente vieram a vincular-se à vida daquela cidade.

Esses indivíduos, políticos, técnicos, operários, irão compor uma instituição de dimensões econômicas, políticas e sociais grandiosas e profundas, amparando-se principalmente no "ilusionismo tecnológico, que acompanha todo imaginário em torno dessas obras."<sup>5</sup>

Todos sabemos, ou supomos saber, que as condições para a construção de uma Usina Hidrelétrica implica necessariamente na conjugação de uma série de fatores, que vão desde questões ligadas à natureza e ao espaço físico até às ingerências políticas a nível de executivo, legislativo e relações externas, passando pelos requisitos técnicos disponíveis (ou não) e humanos, imprescindíveis para o sucesso da obra.

O período compreendido entre inícios da década de 50 e a metade dos 60, caracterizou-se pela adoção, por parte dos governos, de um modelo econômico nacional-desenvolvimentista, que virá elaborar, ou dar o mote, para inúmeros projetos faraônicos que irão se suceder, ainda, durante o regime militar instaurado no país com o golpe de 1964. As análises do papel desempenhado pelo capitalismo na América Latina, de uma forma mais ampla, e no Brasil, especificamente, durante o transcorrer dessas décadas, estão muito bem discutidas nas obras de Fernando Henrique Cardoso, *"Autoritarismo e democratização"*, dele e Enzo Falleto, *"Dependência e desenvolvimento na América Latina"*, de Octavio Ianni, *"Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970)"*, *"Imperialismo na América Latina"* e *"O colapso do populismo no Brasil"*, além de diversos estudos produzidos por intelectuais vinculados ao CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).<sup>6</sup>

No bojo desses mega-projetos encontrava-se a Hidrelétrica de Itaipu.

---

<sup>5</sup>-Idem, *Ibid.*, p.106.

<sup>6</sup>-CARDOSO, Fernando Henrique. *Autoritarismo e democratização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

CARDOSO, Fernando Henrique & FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. IANNI, Octavio. *Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971; *Imperialismo na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1974; *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.

Eram sintomáticas as palavras do Presidente da República do Brasil, Emilio Garrastazu Médici em 1973:

"Distendendo e aprofundando, dentro da filosofia humanista, que está em sua tradição cultural, as relações com outros povos, o Brasil estreita particularmente, os seus vínculos de fraternidade com as nações do hemisfério, para que, em regime de íntima colaboração, possam solucionar mais facilmente os problemas recíprocos e se avance conjuntamente no sentido do desenvolvimento e do progresso social.

E conclama os países vizinhos a caminharem em direção ao "progresso" e à modernidade:

"Em momento histórico no qual a cooperação entre os povos adquire amplitude cada vez maior, países co-irmãos, quais os nossos, estão especialmente fadados à solidariedade e ao entendimento, quer pela sua comunhão espiritual, quer pelos seus próprios interesses, que, em vez de conflitantes ou antagônicos, se justapõem e complementam."<sup>7</sup>

Também se nos afigurou como fundamental a política empreendida pelo governo brasileiro, principalmente na década de 60 que tentou colocar em seu epicentro a população como um todo, no sentido de organizá-la e discipliná-la, através da sistemática veiculação de seus ambiciosos projetos de modernização do país, e de exaltação aos mesmos, através da mídia e dos discursos políticos.

Manifestação de apoio a esses projetos do governo, como Itaipu, partiram de todos os setores a ele vinculados ideológica ou economicamente, como sustentáculo de uma política que produziu um acelerado endividamento externo, visto que os recursos disponíveis para esses empreendimentos não existiam, em sua totalidade, no país.

Tais apoios partiram da imprensa, principalmente através dos jornais mais conservadores, de revistas como "*O Cruzeiro*" e "*Manchete*", televisão como *Rede Globo*,<sup>8</sup> cujos canais eram

---

<sup>7</sup>-Cf. MÉDICI, Emilio Garrastazu. *Mensagem* em 31 de março de 1973.

<sup>8</sup>-É importante verificar nesse sentido, para perceber o tom ufanista e grandiloquente desse segmento da mídia, o programa "Amaral Neto: O Repórter" de 1979, sobre a Usina de Itaipu.

abertos para políticos e militares, que em tom ufanista, esparramaram loas à grandiosidade da "maior hidrelétrica do mundo".

Nessa conjuntura Itaipu era alçada às esferas de projeto geopolítico fundamental na consecução da política externa brasileira. Seus efeitos integradores no *cone-sul* de uma América dominada por regimes militares ditatoriais, apoiados pelo "Tio Sam", foram desfiados em discursos e textos produzidos principalmente pela *Escola Superior de Guerra*, que deixou um lastro enorme de seguidores, e que teve como um de seus expoentes o General Golberi do Couto e Silva, e divulgados na mídia e em publicações destinadas a reproduzir todo aquele arsenal ideológico.

Um texto bastante sugestivo foi publicado em 1979 sob o título de *As Implicações Geopolíticas de Itaipu*, traçando um perfil daquele projeto e suas implicações em âmbito nacional e nos quadros da América do Sul, ressaltando sua importância integradora com países vizinhos e a perspectiva de uma aliança sul-americana que elevaria o padrão de vida das populações das áreas atingidas reflexamente pelos resultados da obra:

"A hidrelétrica binacional é um macro-polo de intensa irradiação de povoamento, de trabalho e de elevação de padrão de vida. O efeito dessa irradiação cedo estenderá o círculo de influência de ITAIPU aos círculos tradicionais que se polarizam em torno de Assunção e Curitiba. Uma região contínua, abrigando população numerosa e beneficiando-se de níveis sociais dos mais altos da América do Sul se estenderá, então, de Assunção a Curitiba. As marcas do que será, em futuro próximo, essa faixa que recebe diretamente as benesses de ITAIPU já se podem sentir, viajando-se de automóvel de Curitiba a Assunção, ao longo dos 800 km que cortam glebas fertilíssimas dos dois países."<sup>9</sup>

Adviria nesse sentido, conforme o texto, um estancamento dos movimentos migratórios em direção aos grandes centros urbanos e ao litoral, através da geração de muitos empregos e da conseqüente elevação dos padrões de vida da região:

---

<sup>9</sup>-*A Defesa Nacional*: Revista de assuntos militares e estudos de problemas brasileiros. Rio de Janeiro: Edit. Carioca. Maio/Junho 1979, nº683, p.10-11.

"Os valores geopolíticos que revelam as extraordinárias possibilidades da imensa bacia platina são de molde a projetá-la, em futuro próximo, como uma região privilegiada à fixação de ecúmeno dos mais dinâmicos e progressistas do mundo"<sup>10</sup>

E concluindo, sobre a importância de uma fraternidade entre os países da América do Sul, expressão essa que foi utilizada em profusão pelos defensores daquela Obra, afirmava:

"Itaipu contribuirá, assim, para transformar as fronteiras sul-americanas em linhas de vinculação econômica entre cinco nações do continente, pelo desenvolvimento integrado e contínuo da extensa região de sua influência, criando assim novas formas de convivência continental.

"Contribui, portanto, decisivamente, para a concretização do que o General Golberi do Couto e Silva, em seu livro "Geopolítica do Brasil", esboçou como uma das características dominantes de uma geopolítica brasileira - a geopolítica de cooperação continental"<sup>11</sup>

Dentro de uma estratégia política implementada a partir do governo de Juscelino Kubitschek, a Usina de Itaipu começa a ter sua construção viabilizada a partir da conjuntura que se iniciou na década de 50, quando o ditador Alfredo Stroessner ascendeu ao poder no Paraguai.

O governo brasileiro naquela gestão, procurava reverter o processo histórico de aproximação e dependência do Paraguai em relação a Argentina, tornando-o órbita dos interesses políticos e econômicos brasileiros.<sup>12</sup>

O caminho percorrido até 1973, data da assinatura do acordo para a construção de Itaipu é marcado pela ascensão das ditaduras militares em diversos países da América Latina, com o apoio do governo norte-americano e a anuência interna das elites desses países, que não mediram esforços para estabelecer no continente regimes que impedissem a proliferação dos ideais comunistas, e que já haviam logrado êxito em Cuba.

---

<sup>10</sup>-*Idem*, p. 12.

<sup>11</sup>-*Idem*, p. 16.

<sup>12</sup>-Sobre essa questão ver MENEZES, Alfredo da Mota. *A herança de Stroessner: Brasil-Paraguai (1955-1980)*. Campinas/SP: Papirus, 1987.

Para isso, fez-se importante toda uma nova reorganização de forças na América Latina. E nesse sentido o apoio dos militares e dos setores mais conservadores das sociedades dos diversos países para aqueles objetivos foram primordiais.

Em meio aos estilhaços da "guerra-fria", o general Alfredo Stroessner tomou o poder no Paraguai, impondo a ditadura mais duradoura da América do Sul, procurando, durante seu governo, para consolidar-se no poder, atuar em duas frentes, que caminharam unidas até os estertores do regime na década de 80. Uma interna, marcada pela propaganda, pela perseguição aos oposicionistas do regime, por ações populista em larga escala visando a anulação das reivindicações e da participação dos segmentos proletarizados em distúrbios que pudessem perturbar a ordem instaurada. A outra, de caráter externo, buscou o apoio internacional para esse novo governo.

Apontavam nessa direção, a abertura do mercado interno paraguaio a produtos estrangeiros, com alíquotas aduaneiras em torno de 15%, prevendo-se chegar à isenção, o que era muito interessante para países exportadores de produtos manufaturados; uma política pragmática frente a Argentina e Brasil durante os primeiros anos da ditadura, e nitidamente pró-brasileira posteriormente, visto que os objetivos daquele governo era conseguir cortar o cordão umbilical que os ligava historicamente ao poderio argentino.

Tomando essas medidas o Paraguai conseguiu, através de Alfredo Stroessner, um relativo crescimento econômico, principalmente se comparado com o que havia experimentado até então.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup>-Só para se ter uma idéia, fornecemos alguns dados: entre 1972-78 a renda per capita cresceu à média de 5,2% ao ano; o crescimento da agricultura que era de 2,5% entre 1962-72 passou para 7% entre 1972-78, chegando a 10% em 1980; o crescimento industrial que em 1972 era de 6,4% chegou a 12% em 1980; o setor da construção cresceu de 17,6% em 1976 para 31,7% em 1977; o P.N.B. cresceu 5,1% em 1972, 11,8% em 1977 e 11,4% em 1980; a renda per capita que aumentara de 200 dólares em 1956 para 316 dólares em 1972, subiu para 746 dólares em 1977 e em 1980 estava em 1.903 dólares; a taxa de inflação foi de 25% em 1974, desceu para 7% em 1975, 5% em 1976, subiu para 9% em 1977 e 11% em 1980. Cf. MENEZES, Alfredo da Mota. *A herança de Stroessner: Brasil-Paraguai, 1955-1980*. Campinas/SP: Papirus, 1987. pp. 11-13.

No processo que gradualmente transferiu para o Brasil o poder de influência que a Argentina mantinha sobre o Paraguai, Stroessner, enquanto pode, agiu de forma pendular, aproveitando ao máximo tudo que pudesse conquistar na disputa entre seus mais poderosos vizinhos do sul.

Se por um lado atrelou-se à geopolítica brasileira no cone-sul, atendendo às propostas emanadas de Brasília, visando satisfazer os objetivos das oligarquias paraguaias que "encontrara um modo de tirar proveito dos rios, vendendo eletricidade a terceiros, sem interesse próprio de aproveitamento",<sup>14</sup> também não pode descuidar-se de manter relações amistosas com o governo peronista argentino de Héctor Campora que acabara de ser eleito, pois estava em jogo com esse país a construção de duas Usinas no mesmo rio Paraná, as Usinas de "Corpus" e "Yacerita-Apipe", as quais já estavam programadas desde a década de 60.

Tais Usinas, como Itaipu, contariam com pouquíssimos investimentos paraguaios, e lhes permitiria lucrar com a venda da energia para seus parceiros.<sup>15</sup>

Para atenuar os problemas que se avolumavam na relações com o Brasil e a Argentina, ou como forma de postergar uma decisão inadiável, Stroessner procurou ressaltar, em seus discursos e entrevistas, as temeridades gerais que se apresentavam aos governos militares e populistas do cone-sul.

Enquanto os argentinos pressionavam o governo paraguaio com a iminência de boicotes econômicos, o governo brasileiro utilizou-se de expedientes diplomáticos de grande efeito para a opinião política internacional, para a população brasileira e paraguaia, e para boa parte dos críticos: doou aviões e armamentos às Forças Armadas paraguaias, fez visitas de cortesia que há muito não ocorria e que se sucederam com maior frequência a partir do governo Médici, e

---

<sup>14</sup>-Cf. PEREIRA, Osny Duarte. *Os prós e contras Itaipu*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. pg.121

<sup>15</sup>-A questão referente aos valores da energia produzidas por Itaipu, por muito tempo ficou sem solução, levando setores mais progressistas do Paraguai e do Brasil a denunciar os "golpes" do governo brasileiro sobre aquele país. Cf. SCHILLING, Paulo R. e CANESE, Ricardo. *Itaipu: geopolítica e corrupção*. São Paulo: CEDI, 1991.

principalmente com Ernesto Geisel, assinou acordos de cooperação e assistência com aquele país.<sup>16</sup>

Em visita ao Brasil entre 25 e 27 de abril de 1973, Stroessner foi condecorado com a entrega da Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco (a maior da diplomacia brasileira). O presidente Médici, finalizou seu discurso de forma a não deixar dúvidas quanto aos objetivos perseguidos:

"Não poderia deixar de possuir esta condecoração o estadista preclaro, *amigo certo do Brasil* [grifo meu], que tanto tem trabalhado pelos ideais de fraternidade e cooperação interamericanas".<sup>17</sup>

Foram, então, estabelecidos os acordos para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu entre os governos brasileiro e paraguaio, através do "Tratado de Itaipu" de 26 de abril de 1973, o qual encerrava um ciclo basicamente de negociações políticas entre os dois países.

Vale ressaltar que a quase totalidade das obras escritas referentes a Itaipu, são na área das ciências políticas, relações internacionais, direito, sem contar aquelas ligadas às ciências exatas. A construção da Usina de Itaipu, invariavelmente aparece como um apêndice da história do oeste do Paraná, das disputas territoriais entre Brasil e Paraguai, e do processo geopolítico exercido no cone sul dessa nossa América pelo Brasil. Poderíamos ressaltar as obras de Christian G. Caubet, "*As grandes manobras de Itaipu*", Ricardo Canese, "*Ideas preliminares sobre le qué hacer con la energia de Itaipu*", Osny Duarte Pereira, "*Itaipu, pros e contras*", Domingo Laino, "*Energética en el Paraguay: fraude y entrega*", e Paulo R. Schilling, "*El expansionismo brasileño*"<sup>18</sup>, além de

---

<sup>16</sup>-MENEZES, Alfredo Mota. *op. cit.*, pp.103-105.

<sup>17</sup>-Discurso do Presidente da República, General Emilio Garrastazu Médici, *apud* PEREIRA, Osny Duarte. *op. cit.* p.193.

<sup>18</sup>-CAUBET, Christian Guy. *As grandes manobras de Itaipu*. São Paulo: Editora Acadêmica, 1991. CANESE, Ricardo. *Ideas preliminares sobre le qué hacer con la energia de Itaipu*. Assunción: Emasa 1315, 1981. PEREIRA, Osny Duarte. *op. cit.* LAINO, Domingo. *Energética en el Paraguay: fraude y entrega*. Parte II - Recursos hidráulicos del rio Paraná. Assunción: Talleres Gráfico Fototipo, 1974. SCHILLING, Paulo R. *El expansionismo brasileño*. Buenos Aires: El Cid Editor, 1978.

uma série de teses e dissertações acadêmicas defendidas no exterior, como expressivas nesse sentido, e que nos permite descortinar o papel representado por ela no cenário nacional e internacional.

Também isso nos incentivou, dentro da História Social, fazer aflorar as tramas que se sucederam com a população que morava na cidade de Foz do Iguaçu e aquelas que para lá se dirigiram no bojo da construção daquela hidrelétrica, bem como seu papel na transformação do cotidiano daquela fronteira.

Assim, em 1974, como demonstra uma fotografia sempre utilizada pela empresa para mostrar os primórdios da obra, onde aparece um trator e dois indivíduos pertencentes aos quadros nobres da empresa, em meio à mata subtropical onde seria erguida a futura Usina e se estabeleceria o novo mundo moderno na fronteira, teve início o período de estruturação técnico-financeira da Obra e a concretização política interna de aceitação da mesma (principalmente no Brasil onde as críticas eram mais constantes e as incertezas quanto a viabilidade daquele projeto se fazia sentir em diversos setores da sociedade) através dos discursos emitidos constantemente pelo governo brasileiro no sentido de justificá-la à comunidade.

O projeto Itaipu teve, necessariamente, que contar com muitas gestões políticas por parte de seus defensores e representantes, em todos os níveis da sociedade.

Para angariar as simpatias do povo, utilizou-se da Imprensa a fim de veicular, à exaustão, os benefícios por ela buscado e que refletiria na qualidade de vida da população brasileira e paraguaia, e no crescimento da economia; negociando com o Governo Federal e com o Congresso Nacional em Brasília e Assunção, dos quais dependiam os recursos imprescindíveis para o empreendimento manter sua vitalidade; junto a outras instâncias políticas, e a políticos de influência, no sentido de conquistar cargos mais importantes e rentáveis, além de, sem dúvida, almejar um futuro político com o *apoio logístico* da empresa binacional.

Nesse imenso contexto que se descortinava a partir da execução daquele empreendimento, dois aspectos se imbricavam para compor o quadro de poder representado pela Itaipu que a alçava a um posto de onipotência e onipresença no cenário brasileiro e guarani. E que podia ser



detectado no cotidiano de sua atuação naquela fronteira: as grandes somas monetárias investidas na Obra e o poder político que ela representava e que dela emanava.

O primeiro desses aspectos suscitado por aquele mega-projeto, e que nos permite vislumbrar o tamanho do mesmo, foi o referente os valores finais da obra, o qual, remanejado constantemente, como a própria conclusão da Usina prevista inicialmente para 1988 (**GRÁFICO I**), fez com que se chegasse a dados bastante conflitantes.

Para cobrir os custos da obra, avaliada em janeiro de 1982, em US\$ 14 bilhões,<sup>19</sup> a Empresa através do Governo Federal, contraiu uma série de empréstimos de bancos estrangeiros e nacionais, sempre enfatizando que a obra por si própria cobriria tais dívidas. Em uma entrevista coletiva, o General José Costa Cavalcante, foi indagado sobre os custos de Itaipu, que em 1980 representaria 20% da dívida externa brasileira, o que se apresentava como um montante bastante elevado em face da situação recessiva do país, e das enormes carências por que o Brasil passava:<sup>20</sup>

"Com a energia vendida, porque a Itaipu tem concessão para explorar essa energia por 50 anos. Esta concessão foi dada pelos governos do Brasil e do Paraguai.(...)Com o dinheiro recebido da venda dessa energia, Itaipu pagará suas dívidas."<sup>21</sup>

Entretanto, essas cifras ao longo do tempo, sofreram uma sensível redução. Ou uma outra realidade se afigurava em relação aos custos da obra. Segundo a matéria *Quanto Custa Itaipu? conheça os números reais*, publicada num jornal interno da Itaipu, em documento enviado pelo Diretor-Geral da Empresa, Ney Braga, às autoridades federais em fins de 1986, os números são outros:

"No documento é realçado o fato de que mais de 80% do custo de Itaipu já foram realizados (US\$ 8,2 bilhões, de um total previsto de US\$ 10,2 bilhões)".<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup>-Cf. MENEZES, Alfredo da Mota. *op. cit.* p.35.

<sup>20</sup>-O repórter é Hélio Teixeira da Revista Veja.

<sup>21</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 21 a 27 de outubro 1981.

<sup>22</sup>-*Canal de Aproximação*. Foz do Iguaçu, nº10, jul/ago 1987.

Passados quatro anos, e às vésperas de final de mandato do Diretor-Geral da Empresa Fernando Xavier Ferreira, em 1991 uma nova realidade veio a tona, dando outros contornos às diversas versões relativas aos gastos com aquela Usina. Em reportagem que procurava fazer um balanço daquela gestão, apareceram novos valores:

"Desde que assumiu o cargo de Diretor-Geral brasileiro, Fernando Xavier vem cortando todas as despesas possíveis, seguindo à risca as instruções que recebeu de desmobilizar toda a infra-estrutura montada para construir Itaipu, e de começar a pagar a fabulosa dívida de 17 bilhões de dólares acumuladas durante os dezoito anos de obras".<sup>23</sup>

Importante frisar que daqueles valores, apenas uma pequena parcela foi investida em benefícios dos trabalhadores menos qualificados, fazendo com que a moradia, a qualidade da alimentação e dos transportes fossem sempre criticados, não apenas por esse segmento, mas denunciado pelos órgãos de imprensa e sindicatos.

Nesse quadro de cifras e números astronômicos, o que se destacava eram as disparidades entre eles. Guardadas as devidas proporções, próprias do processo inflacionário do país, as diferenças eram bastante razoáveis, principalmente porque a moeda utilizada nos gastos de Itaipu foi o dólar americano, cuja inflação nesse período, nem de longe se comparava à nossa. Diferenças equivalentes ao porte de Itaipu, manipuladas nos bastidores e entre quatro paredes, em Brasília e Assunção.

E para manipular tais dados, era de fundamental importância, políticos da mais alta confiabilidade dos governos envolvidos. Que possuíssem trânsito nos diversos escalões, e autoridade suficiente (considerada aqui como um ato de poder delegado pelo arbítrio e pelo autoritarismo, sem levar em consideração aspectos de qualificação para executar tais fins) para rebater e não considerar as críticas emanadas dos órgãos de imprensa nacional e estrangeira e da opinião pública, que os refutava constantemente.

---

<sup>23</sup>-*O Combate*. Foz do Iguaçu, 18 a 23 de dezembro de 1991.

E é nesse contexto que, durante todo o período de construção da Hidrelétrica de Itaipu, o Diretor-Geral, que por força dos acordos entre Brasil e Paraguai seria brasileiro, teve uma participação política inequívoca, embora muitas vezes a negasse, no que dizia respeito aos assuntos propriamente ligados à sua função. Mas, também, ingerindo-se em questões mais abrangentes do país, e da comunidade onde se inseria a Obra.

Assim é que o general José Costa Cavalcante, enquanto ocupante daquele cargo, teve participação direta nas questões referentes às desapropriações das áreas que seriam alagadas pelo lago de Itaipu, e pelo local onde seriam construídos os conjuntos habitacionais, que muitos transtornos ocasionaram aos antigos colonos e moradores daquela região.

Em reportagem intitulada *De Itaipu à Presidência?*, referente a uma entrevista coletiva do general, sua postura politicamente arrogante frente aos acontecimentos, eram esclarecedoras do comportamento e do poder que aquele cargo, naquela Empresa, os fazia desfrutar:

"MENDONÇA (Jornal Ilha Grande)- O senhor falou que é Itaipu, e não o governo, que está procedendo às indenizações das benfeitorias que serão alagadas. O agricultor terá então a indenização de seus bens. Sete Quedas é, para o povo de Guaíra, um bem econômico que deixará de render no momento em que Itaipu fechar as comportas. Que providências estão sendo tomadas para indenizar o povo de Guaíra?

CAVALCANTI- Eu poderia responder mas vamos deixar para Paulo Cunha responder essa pergunta. Ele que cuida disso(...)

CAVALCANTI- Eu acrescentaria que Sete Quedas existe como uma grande obra de Deus, mas que pouco está produzindo. Apenas um turismo muito rudimentar. Nem de longe comparado ao turismo de Foz do Iguaçu, que as Cataratas proporcionam. Agora, por obra do homem, esse recurso de Deus, que pouco está rendendo, passará a render muito mais para os donos das Sete Quedas que são a União Brasileira e a União Paraguaia. Não é Guaíra nem o estado do Paraná o dono de Sete Quedas."<sup>24</sup>

José Costa Cavalcante tornou-se, o nome oficial do Ginásio de Esportes da cidade de Foz do Iguaçu, mesmo antes de ter morrido.

Se Itaipu proporcionou tal poder a seus diretores que possuíam essa faceta autoritária, própria dos militares que ocuparam indevidamente o poder durante as décadas de 60 e 70, que os

---

<sup>24</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 21 a 27 de out. 81.

elevava acima dos seres mortais que os rodeavam deixando-os num estado de elevação, misto de arrogância e êxtase constante, também alçou aos postos mais altos de sua hierarquia políticos de feições populistas e profissionais.

A "maior obra do século", após ter sido comandada por duas gestões pelo general Costa Cavalcanti, viu seu destino cair em mãos de um político de longa militância no Estado do Paraná. Ney Aminthas de Barros Braga, ex-governador desse Estado, antigo militante do P.D.C.(Partido Democrata Cristão), ARENA(Aliança Renovadora Nacional) e P.D.S.(Partido Democrático Social) foi guindado, em acordo Binacional, ao cargo de Diretor-Geral brasileiro de Itaipu.

Ney Braga destacou-se sempre por uma férrea lealdade ao governo militar, enquanto governador e senador pelo Estado do Paraná. E foi enquanto Senador da República que, em 1973, fez pronunciamento em defesa da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que ainda não começara a ser construída:

"...É toda uma obra integracionista continental, sonho secular dos heróis dos dois países, imolados pelas incompreensões do passado, mas que hoje se realiza pela ação esclarecida de governos voltados para as realidades do presente. Obra da qual o Brasil participa, lado a lado e fraternalmente, com o Paraguai. Tudo conduz a enlaces profundos com os países que, conosco, formam essa área do continente de tantos recursos e potencialidades. ITAIPU é mais um elo de ligação entre duas nações soberanas e amigas..."<sup>25</sup>

Ao contrário de seu predecessor, que afirmava sempre não ser político, Ney Braga, que assumiu o cargo em 17 de maio de 1985, sempre se notabilizou, tanto a nível estadual como nacional, pela atividade política. A qual deu continuidade como dirigente máximo da Itaipu, sendo o principal elo de ligação entre os interesses da Empresa e do Estado do Paraná, que passou a possuir um representante seu frente àquele projeto que redundaria em enorme arrecadação para o Estado, e o Governo Federal.

Ney Braga, pela sua prática política, esteve sempre ligado ou participativo nos contatos que se estabeleceram entre a Empresa e a sociedade. Contatos esses que nem sempre foram

---

<sup>25</sup>-Cf. *Informativo Itaipu Binacional*. Foz do Iguaçu, nº Zero 25 de jul. 1986

cordiais. Mormente em relação a dois segmentos da sociedade: os colonos e "sem-terras" que se viram lesados pelas desapropriações e/ou indenizações irregulares. E os sindicatos da Construção Civil e dos Urbanitários, que através de manifestações, greves e denúncias traziam à luz um outro lado de Itaipu: a da dispensa em massa de trabalhadores, das más condições de trabalho, das injustiças salariais, e de toda uma série de problemas envolvendo as relações trabalhista da Empresa e do consórcio de empreiteiras que prestavam serviços a ela (UNICON/CONEMPA para as obras civis; CIEM, Consórcio Itaipu Eletromecânico; ITAMON, montagem dos equipamentos permanentes)<sup>26</sup>.

O Diretor-Geral, que aparecia em todos os acontecimentos importantes ligados à vida de Itaipu, ajudou a disseminar entre seus trabalhadores, e toda a coletividade, a visão de que a empresa, com toda sua magnitude e grandiosidade, guardava sob suas asas todos aqueles que a ela estivessem ligados, abençoando-os e protegendo-os dos perigos da sociedade externa a ela, recheada de violência, de miséria e de incompreensões. Itaipu era a "mãe" de milhares de trabalhadores, que a ela recorria e por ela eram amparados. Seu poder irradiava-se pela sociedade, para milhares de pessoas vinculados a ela direta ou indiretamente. Como disse Michel Foucault sobre o poder na sociedade, ele "trabalhava os corpos, penetrava no comportamento, se intrometia com o desejo e o prazer."<sup>27</sup>

Ciente desse poder, Nei Braga utilizava-se de todo espaço que os meios de comunicação nacional e internacional lhe punha a disposição, bem como através de discursos proferidos em diversos e constantes eventos do qual participava, continuamente reforçando-o, propagando-o e infiltrando-o nos poros de toda a coletividade.<sup>28</sup>

Dentre as muitas e constantes ações que tinham por intenção fixar no imaginário coletivo a presença sempre "participante", a onipresença de Itaipu em todos os segmentos da sociedade, como que ordenando os destinos dos setores que direta e indiretamente estavam a ela ligados, Nei

---

<sup>26</sup>-Cf. R.P.I. op. cit.

<sup>27</sup>-Cf. FOUCAULT, Michel. Entrevista ao *Jornal Versus*. São Paulo, n.01, 1974.

<sup>28</sup>-Cf. FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. op. cit. *Microfísica do poder*. op. cit.

Braga utilizava como estratégia, o constante aparecimento em público, seja na recepção de personalidades políticas e militares de vários países do mundo, seja nas solenidades oficiais em Foz do Iguaçu e região, ou em eventos culturais e esportivos patrocinados pela Empresa.

Em todas o mesmo discurso de enaltecimento da fraternidade entre Brasil e Paraguai, na construção da maior hidrelétrica do mundo e a necessidade de um crescimento conjunto desses "países irmãos", o "progresso" representado pela usina.

Se através dos discursos constróem-se os sujeitos,<sup>29</sup> e através deles também são moldadas suas relações com a sociedade, o Diretor-Geral de Itaipu foi pródigo em criar e difundir um discurso que embutia em si a modernidade de Itaipu, o progresso civilizatório por ela representado, a ideologia geopolítica de dominação do Brasil em relação a seus vizinhos do cone sul, principalmente aqueles que dependiam de forma mais aguda do auxílio brasileiro, sempre sendo tratados como países irmãos da América do Sul,<sup>30</sup> demonstrando, como bem frisou José Luiz Fiorin, que "o discurso do poder tem, então, a nítida finalidade de criar uma realidade, quer que o ponto de vista instaure o objeto".<sup>31</sup>

Quando da visita da princesa Anne da Inglaterra, assim se manifestou Ney Braga em seu discurso, tão assemelhado a muitos outros:

"Felizes ficamos, Alteza Real, em recebê-la nessa Hidrelétrica, a maior do mundo, cuja construção só se tornou possível graças à fraternidade entre brasileiros e paraguaios"<sup>32</sup>

Participou da solenidade de abertura de cursos patrocinados pela Itaipu, onde reforçava a participação da Empresa e a colaboração entre países irmãos:

"Justificando os objetivos do Curso sobre Impacto Ambiental de Represas, o ministro Ney Braga, afirmou que "a Itaipu Binacional, entidade que personaliza a irmandade

<sup>29</sup>-Cf. FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. op. cit. p.07. SADER, Eder. op. cit. pp.56-60.

<sup>30</sup>-Cf. FIORIN, José Luiz. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual Editora, 1988. pp.107-110.

<sup>31</sup>-*Idem*, *Ibid*. p.01.

<sup>32</sup>-*Canal de Aproximação*. Foz do Iguaçu, nº 11, set/nov. 1987.

entre os povos paraguaio e brasileiro, desde a sua criação, destacou como de grande importância a conservação do meio ambiente, tendo preparado, ainda no primeiro ano de seu funcionamento, um plano básico para alcançar esse fim.(...)""<sup>33</sup>

Estava presente, para os discursos ou premiações, nas atividades culturais e esportivas programadas pela empresa à comunidade de Itaipu, como gincanas e concursos nos Colégios dos conjuntos habitacionais e Olimpíadas Desportivas:

"Ao abrir a competição, Ney Braga parabenizou os dirigentes e atletas que participam do evento e agradeceu "a todos pela beleza desta festa. Pelo espírito comunitário que une todos nós das empresas e também dos dois países que são irmãos".(...) "E concluindo, Ney Braga, disse: "Esta grande festa. Esta linda festa, nesta região maravilhosa, que une dois povos irmãos e amigos, ao declarar aberta a IX Olimpíada de Itaipu eu quero dizer: meu coração se anima de gratidão ao passado, confiança no presente e fé no futuro".<sup>34</sup>

Também não se furtou em manter vínculos estreitos com a Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (FACISA) de Foz do Iguaçu, dando apoio à infra-estrutura da mesma em termos materiais e humanos, o que lhe valeu, o convite para ser paraninfo da turma de 1986 daquela instituição. Em seu discurso, retomou a sempre presente referência à irmandade entre o povos da região, às dádivas divinas daquele lugar, a ação do homem transformando a natureza para construir um futuro melhor, o progresso gerado pela Itaipu.<sup>35</sup>

Se os generais Costa Cavalcanti e Ney Braga compunham o que se pode chamar de figuras notórias da política nacional e desempenharam sua "missão" frente àquele empreendimento de forma a evidenciar-se constantemente no cenário geral que embutia Itaipu, outros personagens foram criados ou "inventados" para servir aos mecanismos de poder emanados daquela Empresa, e servir de elo entre ela e os poderes públicos regional e estadual.

Nesse sentido, galgando degraus da política, vislumbrava-se sempre cargos importantes na empresa ou vôos mais altos no cenário político do país.

---

<sup>33</sup>-*Idem.*, nº 10, jul/ago 1987.

<sup>34</sup>-*Idem.*, nº 06, mar/87.

<sup>35</sup>-*Idem.*, nº 05, fev/87.

Um exemplo importante foi representado por Tércio Alves Albuquerque que, produto das necessidades políticas de Itaipu, de possuir um seu representante junto à comunidade de Foz do Iguaçu, foi sendo moldado e soerguido, através de investimentos políticos e do respaldo financeiro da Empresa, a postos-chave na política estadual.

O resultado desse processo foi a conquista do cargo de Diretor de Coordenação e posteriormente de Diretor Administrativo na Itaipu.

De funcionário de um consórcio de empreiteiras que prestavam serviços a Itaipu, a UNICON, chegou a presidente da Assembléia Legislativa do Paraná, tendo sido antes, em duas oportunidades, 1973 e 1974, enquanto presidente da Câmara de Vereadores de Foz do Iguaçu, empossado como Prefeito Municipal.<sup>36</sup>

Em uma entrevista a um jornal de Foz do Iguaçu, foi interpelado sobre suas relações com a Itaipu e com as empreiteiras que o teriam não só ajudado a eleger-se, mas de quem estaria recebendo dinheiro para defender seus interesses. Um momento da entrevistas que nos pareceu relevante, pelo nervosismo que causou no então Deputado Estadual, e pelas respostas repletas do discurso político comum de exaltação aos benefícios produzidos pela Obra, revelava esse encadeamento que se formava nos poros da atividade política relacionadas a Itaipu:

"Realmente eu defendo Itaipu. A nossa cidade teve um desenvolvimento extraordinário(...) Eu desafio qualquer pessoa a provar isso [*que recebe ordenado de Itaipu*]. Renunciarei o meu mandato se isso for provado(...) Já fui funcionário da UNICON. Pedi demissão no dia em que me elegi deputado.(...)Eu pertencia a Assessoria do superintendente do escritório de Curitiba.(...) Assessorava o presidente nos encontros com os órgãos públicos; fazia a pauta do presidente quando chegava da capital..."<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup>-Político com formação no Partido governista, e identificado com os setores mais conservadores da cidade, defendeu em diversas oportunidades o regime militar instaurado no Brasil em 1964, que, para ele "na realidade nunca estivemos numa ditadura propriamente dito (...) tivemos um sistema de governo antidemocrático, não ditadura". Essas posições sempre próximas do juízo do governo e das elites do país, bem como sua vinculação com a ARENA e com o P.D.S., valeram-lhe bastante prestígio junto à Empresa Binacional, que o guindou aos postos que almejou.

<sup>37</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 4 a 11 fevereiro de 1981.



Toda essa "mis-en-scene", todo esse jogo político, de poder, criado por Itaipu, se propunha inegavelmente, a construir, difundir e reforçar o "imaginário Itaipu". Não só à população de Foz do Iguaçu que, envolvida em seu cotidiano pelas ações da Empresa Binacional no conjunto de remodelações da cidade e no digerir as alegorias por ela produzida através da mídia e de eventos, já a tinha incorporado como um seu patrimônio, assim como as Cataratas do Iguaçu e a Ponte da Amizade.

Mas também à sociedade brasileira como um todo, que contribuiu com a mão-de-obra em larga escala, como uma forma de justificar os investimentos e os gastos por ela (Itaipu) produzidos.<sup>38</sup> Ao Paraguai, que além de fornecer mão-de-obra barata, observava seus brios serem polidos constantemente pelo governo brasileiro, estratégia fundamental para não revolverem aspectos delicados dos acordos assinados antes das obras (como os limites territoriais em Guaíra, o valor pago pela energia produzida, a moeda referencial para os pagamentos), e que poderiam (e já estavam sendo em alguns setores) questionados pela opinião pública daquele país.<sup>39</sup> E finalmente para o mundo que abria perspectivas de apoio ao iminente "progresso" brasileiro, à perspectiva de renegociação da vultosa dívida externa com os bancos credores, e ao reconhecimento internacional do desenvolvimento tecnológico do país, pelo menos no que diz respeito à construção de barragens, que alcançava níveis respeitáveis internacionalmente.

Sem poupar esforços, e muito menos dinheiro, a fim de estabelecer Itaipu como um referencial de grandeza, prosperidade e "capacidade" do povo brasileiro, todo um trabalho vinculado à difusão da imagem de Itaipu, foi estabelecido e divulgado internamente, na obra, para os trabalhadores<sup>40</sup>, principalmente os que mais sofriam com a extenuante rotina de serviços pesados, aos quais mostrava sua participação no "maior empreendimento feito pelo homem" e "na

---

<sup>38</sup>-Ver valores nesse mesmo capítulo.

<sup>39</sup>-Cf. MENEZES, Alfredo da Mota. *op. cit.* pp.69-94.

<sup>40</sup>-Existiam dois jornais onde eram divulgadas as notícias referentes à obra, aos personagens que nela trabalhavam, e às questões trabalhistas e eventos patrocinados por Itaipu: *Canal de Aproximação*, de Itaipu, e *Boletim UNICON*, dessa empreiteira.

capacidade de domínio do homem sobre a natureza".<sup>41</sup> E externamente aos turistas que àquela Usina se dirigiam orgasticamente a fim de contemplar o domínio do homem sobre a natureza.<sup>42</sup>

A Empresa, através do departamento de relações públicas, se incumbia de acompanhar os visitantes dando-lhes todas as informações necessárias e mesmo, em boa medida, desnecessárias, pois muitos não compreendiam os termos técnicos ou não conseguiam se "localizar" dentro daquele gigantesco espaço.

Reflexo e resultado daquele espetáculo da modernidade, a utilização de recursos audiovisuais foi inserida na rotina daqueles que cuidavam das relações públicas da empresa. À todos os turistas, antes de se dirigirem à obra, era apresentado um filme ou dois, tratando de todo o processo de construção da Usina, dentro dos limites técnicos e da transformação daquele espaço que viria a ser ocupado pela Usina, sempre aparecendo nas imagens, a participação dos peões. Deixava gravado na memória o tom de grandiloquência que perpassava por toda aquela projeção, reforçando-se o poder do homem no domínio da natureza, justificando-se a todo momento a necessidade de tal empreendimento e os benefícios por ele produzidos. Criava-se aquele "ilusionismo tecnológico" mencionado por Hardman,<sup>43</sup> de forma que, antes mesmo de conhecê-la, o visitante já se via envolvido por ela. Seja por aquele sentimento de ser tão ínfimo perante a grandiosidade de tudo aquilo, seja por achar-se superior fazendo parte da raça humana. E mais ainda por ser brasileiro.

Imprescindível é fazer-se referência à esses personagens que compunham o quadro de relações públicas de Itaipu, pois seu papel era peça importante na reprodução daquele imaginário. Através dele, dentro ou fora da obra, se comunicava Itaipu. Eram, antes de tudo, guardiões

---

<sup>41</sup>-Cf. Filme de divulgação da Itaipu: *A Pedra que Canta*.

<sup>42</sup>-Itaipu produziu quatro filmes sobre a construção da Usina e sua atuação no tocante à ecologia da região: *A Pedra que Canta*, *O Homem e o Meio*, *A Obra do Século* e *Natureza*, que são apresentados aos turistas que vão visitar aquela hidrelétrica, às escolas e entidades e pessoas que tenham interesse em possuir uma cópia dos mesmos.

<sup>43</sup>-HARDMAN, Francisco Foot. *op. cit.*, p. 106.

daquilo que Itaipu representava no imaginário da cidade, e na difusão do mesmo a nível nacional e internacional.

Se a parte político-administrativa-financeira da obra apresentou tamanha diversidade e complexidade para ser definida em seu todo, o suporte humano que veio compor a estrutura de construção daquela Usina apresentou, também, suas especificidades.

Dentre os milhares de trabalhadores que acorreram à Itaipu, e que compuseram aquela "família", chegando dia após dia à cidade de Foz do Iguaçu em busca da contratação, interessamos os chamados barrageiros que foram recrutados para os mais diversos serviços. E dentre eles, os que são conhecidos como os *peões da obra*, que arcaram com as tarefas mais brutas, mais desgastantes, mais extenuantes da construção da Usina.

Se considerarmos que todas as palavras criadas para designar setores sociais estão carregadas de significados, criados pelas elites<sup>44</sup>, também este termo, barrageiro, trás em si um sentido bastante peculiar. Comporta em si a noção de uma gama de pessoas das mais diversas profissões, categorias, cargos, e vem carregada de uma ideologia de "progresso", de "grandes empreendimentos", de "riqueza", que encobre o cotidiano dos componentes mais subalternos da hierarquia, que vivem aquela perspectiva mas não usufruem da mesma.

Compõem, entretanto, esses barrageiros, uma categoria *sui-generis* no contexto dos trabalhadores em geral: são nômades por excelência.<sup>45</sup> Mudam-se constantemente ao sabor dos novos projetos que os recrutam para trabalhar nos lugares mais ermos e distantes entre si, fazendo com que viajem em condições, na maioria das vezes, precárias, para vincular-se a uma nova obra.

Nesses percursos e destinos reencontram, por vezes, velhos companheiros de outras jornadas, que como todos, estão sempre se transferindo de lugares.

---

<sup>44</sup>-YOKOI, Zilda M. Gricoli. *Identidades e movimentos sociais*. Confer. V Encontro Estadual de História. Florianópolis, 01/09/94.

<sup>45</sup>-Cf. MARX, Karl. *O Capital* (crítica da economia política). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. livro 1, vol. 2. pp.771-776.

Para Antonio Bonifacio da Silva, barrageiro de longa data, tendo passado por diversas obras, "os focos irradiadores dos barrageiros foram as Usinas de Ilha Solteira, Paulo Afonso e Furnas."<sup>46</sup>

Mais precisamente, foi a partir de Furnas em Minas Gerais, primeiro grande projeto de Usina Hidrelétrica, ainda na década de 50, no governo Juscelino Kubitschek.

A partir desse empreendimento, surgem os barrageiros, que irão constituir-se numa categoria bem diferenciada, deslocando-se de obra em obra permanentemente.

Nesse sentido, não importa a distância ou a localização da Barragem, como comprova outro barrageiro, Luis Carlos Soares de Lima, também tendo passado por diversas obras do gênero:

"Os barrageiros vão pra tudo quanto é lugar. Não se importa com a distância. Tem amigos meus que foram para Guri (na Venezuela) e por lá ficaram muito tempo. Tem um amigo que está a 10 anos no Iraque. Outros foram para o México."<sup>47</sup>

Essa vida errante, em muitas oportunidades, excluía a participação da família, ou determinava um afastamento temporário da mulher e dos filhos. Mas, por outro lado, envolvia esses mesmos familiares e outros parentes nesse mundo itinerante, na medida em que arrumavam emprego para os filhos, a mulher, os parentes, e contribuíam para aumentar o número de novos barrageiros:

"Muitos barrageiros largam a mulher e os filhos e ficam um, dois anos fora. Depois voltam para buscar. Ou então volta para onde eles estão e os leva para outra barragem. Muitas vezes levam tios, sobrinhos, cunhados para trabalhar."<sup>48</sup>

É o que confirma a imprensa de Foz do Iguaçu que acompanhou a trajetória de alguns desses barrageiros que se vincularam a Itaipu:

---

<sup>46</sup>-Entrevista concedida por Antonio Bonifacio da Silva. Foz do Iguaçu, maio de 1994.

<sup>47</sup>-Entrevista concedida por Luis Carlos Soares de Lima. Foz do Iguaçu, maio de 1994.

<sup>48</sup>-Idem.

"Para os casados a profissão de barrageiro é um pouco mais complicada. O problema da incerteza quanto ao tempo de serviço não permite que o barrageiro assuma qualquer dívida a longo prazo, e na hora de ir para outra barragem a mudança tem que ser vendida e, na maioria das vezes, a família permanece na cidade até que ele se estabeleça no novo emprego, consiga uma nova casa, escola para os filhos, etc.." <sup>49</sup>

Mas o crescimento do número de barrageiros também estava associado às condições e remuneração oferecidas pelas empreiteiras, que seduziam aqueles que não tinham trabalho qualificado, ou que estavam desempregados:

"Basta oferecer um bom salário, ou simplesmente um emprego, para se reunir um batalhão de ex-trabalhadores do campo, de outras hidrelétricas e de todas as regiões deste imenso país de desempregados." <sup>50</sup>

O recrutamento para trabalhar numa barragem acontecia de diversas maneiras, sendo que, segundo aqueles operários, três formas eram as mais comuns, ou mais utilizadas: as empreiteiras tinham seus "agenciadores" que eram enviados a diversos pontos do país no intuito de contratar aqueles que tinham experiência nas diversas funções exigidas nas Obras. Dirigiam-se para as áreas onde já existia uma barragem em construção ou em fase final, e ali ofereciam emprego, sendo que a chamada "Rádio-Peão" <sup>51</sup> se incumbia de difundir a notícia.

Também em locais de grande movimento e na própria obra eram afixados cartazes com as qualificações exigidas dos candidatos pretendidos pelas empreiteiras.

Dali os trabalhadores saíam praticamente contratados, direto para um novo emprego:

"Esses agenciadores chegam nos locais de barragem e falam pros barrageiros: tem uma obra em tal lugar; só que é pra 4 meses; mas eu te pago 150. Se ele ganha 100 e oferece 150 o barrageiro vai. Mesmo pra trabalhar um tempo menor. Depois muda pra outra obra." <sup>52</sup>

---

<sup>49</sup>-Revista *Memória de Foz do Iguaçu*. Foz do Iguaçu, nº 2, dez/82. p. 43.

<sup>50</sup>-*Idem*. p. 41.

<sup>51</sup>-"Rádio-Peão" é a transmissão espontânea de informações entre os trabalhadores dentro da Barragem.

<sup>52</sup>-Luis Carlos S. de Lima. Entrevista.

Outra prática comum para se conseguir os serviços desses barrageiros, era a propaganda nas cidades através de programas de rádio, aqueles que atingiam as camadas populares, nos quais eram veiculadas as ofertas de emprego, a qualificação exigida, salários pagos, benefícios e os locais para onde deveriam dirigir-se os interessados.

É de se imaginar a procura por tais empregos pela população mais carente, geralmente desqualificadas em termos profissionais, e que aceitavam qualquer salário e qualquer condições de trabalho para sobreviver.

Os contratados pelos "agenciadores" eram enviados de ônibus ao local das obras (ou à cidade onde esta se localizava) a fim de começar imediatamente suas tarefas.

Vale dizer que os barrageiros com qualificação aceitavam o emprego não apenas pelo salário oferecido. É que embutido no contrato firmado com as empreiteiras, necessariamente estavam garantidos habitação, alimentação, transporte, escola para os filhos, tudo gratuitamente. Sem esses benefícios não se arriscavam. A não ser que a situação fosse extremamente delicada.

Uma terceira prática para arregimentar os barrageiros, estava vinculada às relações de solidariedade entre os diversos trabalhadores, formadas nas obras ao longo do tempo. Ou, podemos chamar, de *grupos de confiança profissional*, estabelecidas em cada setor de atuação profissional e em distintos níveis de hierarquia.

Assim, quando da necessidade de um trabalhador especialista em certa área, ou de um número de trabalhadores para "tocar" determinada fase do projeto, a "chefia" solicitava a contratação daqueles indivíduos, que já haviam sido seus subordinados anteriormente, nos quais depositava confiança, e entre os quais manter-se-ia a relação de poder de uns sobre os outros e a hierarquização, sem contestações.

Essa relação ocorria em todos os níveis hierárquicos, desde os cargos técnicos especializados, até os mais rudes, "formando uma máfia, nos vários níveis de emprego: técnico,

peão, chefia, pois quando determinado chefe transfere-se para outra obra, leva com ele aquelas pessoas de sua confiança".<sup>53</sup>

Porém, concomitante a esses mecanismos "normais" de contratação, os trabalhadores, principalmente os menos experientes e aqueles que nunca haviam trabalhado numa grande obra, estavam sujeitos a serem enganados pelos chamados "gatos", e perder as economias conseguidas em outras atividades, não tendo a quem recorrer.

Esses "gatos" eram pessoas que se diziam "agenciadores" de determinadas empreiteiras, e cobravam um "adiantamento" dos peões para vinculá-los às obras. Após receber esse adiantamento, transportavam os peões até a cidade mais próxima, e ali os abandonavam. Como atesta um documento da Comissão Pastoral da Terra (C.P.T.), de Foz do Iguaçu de 1978:

"Em Foz do Iguaçu, nos bairros mais pobres ou nas favelas o drama é o dos desempregados. Muitos chegaram ali trazidos de caminhões por "gatos" (empreiteiros) que os enganaram com promessas de emprego na obra de Itaipu. Depois de cobrar uma boa quantia de "adiantamento", os "gatos" desaparecem, deixando os trabalhadores sem dinheiro, sem comida e - o que é pior - sem trabalho."<sup>54</sup>

De qualquer maneira, os barrageiros, enquanto trabalhadores itinerantes, constantemente arriscavam-se em busca da sobrevivência sem preocupar-se com os valores burgueses de acumulação de bens, de poupança, de frugalidade.

Parece-nos que estes não carregavam consigo uma lógica cartesiana de tempo, "uma ótica urbana, de fábrica, de trabalho do tempo."<sup>55</sup> E sim uma lógica de tempo cíclico, vinculada à construção da obra, que o remeteria constantemente a novos projetos, a novos rumos. Nunca se fixando em parte alguma, nunca investindo naqueles lugares passageiros.

Quando muito, pensavam em se aposentar, tendo adquirido um pedaço de terra, e ali viver o resto de seus dias. Ou dedicar-se a outra atividade para "passar o tempo".

---

<sup>53</sup>-Idem.

<sup>54</sup>-Comissão Pastoral da Terra. Foz do Iguaçu, 1978. p. 39.

<sup>55</sup>-YOKOI, Zilda M. Gricoli. *op. cit.*

Raramente investiam na compra de uma casa, por exemplo, no local onde estava trabalhando. Normalmente investia na compra de um automóvel, do qual se desfazia, junto com outros pertences materiais, como já expusemos, assim que se transferia de obra. Como diz Antonio Bonifacio sobre vários de seus companheiros de obra, "o barrageiro chega um momento que diz: chega, aqui já deu o que tinha que dar. Vende tudo e vai embora pra outra obra."<sup>56</sup>

Nesse quadro de construções de barragens brasileiras, Itaipu teve especificidades que destoaram enormemente das demais. A primeira delas é que pelo seu porte, ao contrário dos três, quatro anos de tempo médio para a construção, demorou dezoito anos para entrar em funcionamento contra os quatorze previsto no projeto inicial.

Essa situação fez com que muito dos barrageiros permanecessem um tempo suficiente naquela cidade para criar certas raízes. Muitos ali se aposentaram com bons salários; outros devido à estabilidade que adquiriram no emprego investiram em algum patrimônio.

Portanto o tempo levado para a consecução de Itaipu, foi responsável por gerar uma nova dinâmica no cotidiano de Foz do Iguaçu. Mas há que se somar a isso dois outros fatores que complementam essa especificidade.

Itaipu foi a última Usina Hidrelétrica de porte construída no Brasil nos finais dos anos 80. Em função da recessão por que passava o país, todos os projetos de novas Usinas foram engavetados, tirando a possibilidade desses barrageiros seguirem seu destino. Muitos se ariscaram a ir para outro tipo de trabalho em outras cidades. Também, muitos tentaram, mas nem todos conseguiram, seguir para barragens no exterior. Entretanto, boa parcela agregou-se à cidade de Foz do Iguaçu e outras circunvizinhas, engajando-se em atividades diversas.

E essa solução encontrada por aqueles ex-trabalhadores de Itaipu está estreitamente ligada ao outro fator importante. Ou seja, o de que aquela Usina foi uma das pouquíssimas a ser construída nas proximidades de núcleos populacionais assentados e com dinâmica própria: a cidade de Foz do Iguaçu no lado brasileiro da fronteira, Ciudad Puerto Presidente Stroessner

---

<sup>56</sup>-Antonio Bonifacio da Silva. *Entrevista*.



(posteriormente Ciudad Del Este) no lado paraguaio, e Puerto Iguazú no lado argentino. Todos a uma distância da obra de não mais que 25 Kms.

Portanto, a vinculação, a interferência daquela obra no cotidiano da cidade de Foz do Iguaçu, era mais do que aguardada por todos que ali viviam, os quais faziam planos e projeções, ora sombrios, ora grandiloqüentes sobre os tempos vindouros, sob a aura de Itaipu.

As incertezas frente ao desconhecido se refletia na mídia local, como na revista Painel de 1976, que expressava as perspectivas da população da cidade:

"Estamos vivendo o prelúdio de uma nova era para Foz do Iguaçu. Uma nova etapa de consagrações dedicadas a um povo que vê em sua cidade o palco de grandes realizações quando não formadas pela própria natureza. Estamos a caminho daquilo que virá a ser um dos maiores empreendimentos acarretados pelo governo - Itaipu!"<sup>57</sup>

E as indagações prosseguem sobre a capacidade da cidade em comportar um projeto daquela envergadura, que trariam, sem dúvidas, alterações profundas ao cotidiano de Foz do Iguaçu:

"(...) estaremos preparados para receber tal afluxo migratório, que nos dará a condição de ser uma das cidades mais populosas do Estado? (...) Pois Itaipu irá construir casas para aqueles que estão dentro de sua previsão trabalhista, mas nossa tese se prende aos trabalhadores esporádicos que advirão à nós. Pois, atrás dos que estão garantidos, sempre haverá quem esteja a espera de uma chance para usurpar-lhe tão cobiçado cargo."<sup>58</sup>

E em 1978, quando já iniciadas as obras, partindo Itaipu para o ápice de contratações, dúvidas ainda surgiam sobre a capacidade de Foz do Iguaçu enfrentar os problemas que surgiriam, frutos da modernidade que estava sendo imposta naquelas plagas, gerando especulações sobre as soluções a serem dadas, para atenuar tal impacto:

---

<sup>57</sup>-Revista Painel. Foz do Iguaçu, nº 18, jul/75. p. 16.

<sup>58</sup>-Idem, Ibid.

"Com o advento de Itaipu, a chamada "Obra do Século", eis que Foz do Iguaçu sente-se envolvida por um crescimento sem estar preparada para receber o impacto da construção da maior hidrelétrica do mundo.(...) Em 3 anos a população de Foz do Iguaçu salta de 34 mil para 130 mil habitantes. Surgem então problemas de toda ordem, obrigando a Administração Municipal a capacitar todas as suas áreas de atuação, de instrumentos ajustados à nova realidade, dentro de uma metodologia prática e atuante de trabalho."<sup>59</sup>

E se muitos tinham suas preocupações quanto aos destinos da cidade com a presença de Itaipu, outros viam naquele projeto, de forma até exagerada, a solução para todos os problemas e o caminho para um progresso que estaria além do contexto brasileiro, e a inserção da mesma no contexto dos grandes centros desenvolvidos do país. Tal é opinião de um articulista de uma revista local, Carlos Martins, em 1975:

"Mais do que agora, somos potencia mundial. Ato até certo ponto heróico, visto termos galgado tudo isto num espaço de apenas doze anos. Foz do Iguaçu, hoje terá a urbanização merecida e sonhada há muito tempo. Teremos toda a área da cidade totalmente asfaltada e saneada. Teremos uma infraestrutura condizente com o futuro que nos cerca, devido Itaipu. Sim, Itaipu! a maior obra do gênero, que será construída dentro do nosso território."<sup>60</sup>

A partir, então, de 1974, um número sempre crescente de novos trabalhadores chegavam àquela cidade para conseguir emprego em Itaipu. E Foz do Iguaçu era a base de apoio, o lugar onde se encontrava o escritório de contratação de pessoal.

Enquanto não estavam concluídas as obras dos conjuntos residenciais da Usina, os hotéis, pousadas, e todos os espaços públicos se viram tomados de assalto por aqueles homens que ali acorriam.

Na rodoviária, todos os dias, levam e levam de passageiros provenientes de todas as partes, desembarcavam com o mesmo objetivo.

Muitos ali deixavam seus pertences guardados para enfrentar a fila no escritório de contratação. Filas estas que se estendiam por quilômetros, segundo aqueles que a enfrentaram.

---

<sup>59</sup>-*Idem*, nº 54, Jun/78. p. 12

<sup>60</sup>-*Idem*, nº 28, mai/76. p. 12

Enquanto não conseguiam preencher a ficha de inscrição para serem contratados, esses candidatos a trabalhadores de Itaipu, ao final do dia e durante toda a noite perambulavam pelas ruas, pela zona do meretrício, dormiam naquilo que seria a fila no dia seguinte, ou nos bancos das duas únicas praças da cidade ou na rodoviária. Para, logo cedo, enfrentar mais um dia de fila, no intuito de serem recrutados.

O processo de contratação obedecia à necessidade numérica de empregados para determinados serviços, porém à medida em que iam ocorrendo o cadastramento daqueles operários, colocava-se em prática uma das tarefas básicas do capitalismo, segundo Marx que é a reprodução constante do assalariado como assalariado, para manter o ritmo de produção e gerar os lucros esperados pela empresa. Para ele "a grande beleza da produção capitalista reside não só em reproduzir constantemente o assalariado como assalariado, mas também em produzir uma superpopulação relativa de assalariados, isto é, em relação à acumulação de capital".<sup>61</sup> E trabalhadores para desempenhar tal função é o que não faltou para Itaipu.

Com isso assegurou-se que "a lei da oferta e da procura de trabalho ficasse mantida nos trilhos certos, a oscilação salarial, confinada dentro dos limites convenientes à exploração capitalista, e, finalmente, garantida a imprescindível dependência social do trabalhador para com o capitalista"<sup>62</sup> lá representados pelas empreiteiras contratadas enquanto instituições privadas, como pela própria empresa binacional, pública.

Num primeiro momento foram contratados algumas centenas de operários para o desmatamento da área nativa das futuras construções, que foram reaproveitados em outras funções, ou substituídos pelo imenso contingente que se renovava a cada dia como alternativa para a empresa.

Fazia-se o exame médico em salas perto do canteiro de obras (onde viria a ser o Ecomuseu de Itaipu). Reunia-se um grande número de operários, com certeza mal cheirosos pelos dias sem banho, e aqueles que não possuísem doenças flagrantes eram contratados, seguindo diretamente

---

<sup>61</sup>-Cf. MARX, Karl. *O Capital*. op. cit. p.888

<sup>62</sup>-*Idem, Ibid.*

para os alojamentos que rapidamente estavam sendo construídos, ou para hotéis alugados pela empresa. Recebiam vale para as refeições, e passavam a usufruir de transporte em caminhões até o local dos serviços.

Ainda nesse processo, os médicos se incumbiam de dar vacinas e medicamentos em massa a fim de evitar doenças tropicais que naquela região, em meio à floresta subtropical, tinha grande incidência. E também contra picadas de animais.

Em meio às matas densas, com o implacável frio e umidade daquela área no inverno, e o escaldante calor de mais de 40 graus no verão<sup>63</sup>, os problemas de saúde eram constante, e muitos já na primeira etapa das obras sucumbiam.

Dentre aqueles que não eram contratados, muitos voltavam dali mesmo para seu lugar de origem ou em busca de outras obras. Entretanto um expressivo número ficava errando pela cidade no aguardo de novas contratações, para novas tarefas que porventura estivessem aptos.

Nessa espera, gastavam até o último centavo com comida e bebidas. Passavam, então, a fazer "bicos", muitas vezes mendigavam pelas ruas, em meio ao frio ou calor, para conseguir o necessário para ir sobrevivendo, para se arrastar até a próxima fase de contratações. Inúmeros buscavam uma forma de comprar passagem para voltar à sua terra.

Muitos desses, pelas condições de aparência em que se apresentavam, eram descartados das contratações, pois, como lembrava Maria Inês Machado Borges sobre a população pobre de São Paulo no início do século XX, "eram muitas vezes confundidos pelos contemporâneos com os vadios e mendigos, e a sua presença, como andarilhos em busca de trabalho, era motivo de inquietação de muitos moradores da região."<sup>64</sup>

Afora esses trabalhadores que vinham espontaneamente, muitos ônibus chegavam à rodoviária trazendo pessoal contratado pelos "agenciadores" das empreiteiras, os quais, ato

---

<sup>63</sup>-A cidade apresenta clima subtropical, com verões quentes, e chuvas em todos os meses do ano. Índice pluviométrico-média anual: 1857 mm. Temperatura média anual: máxima- 37.1, mínima- 9.5. Cf. *A.E.F.I.* p.20.

<sup>64</sup>-PINTO, Maria Inês Machado Borges. *op. cit.* p.102.

contínuo, seguiam para os alojamentos da Usina e dali para o canteiro de obras, já devidamente vacinados.

No entanto, todos esses trabalhadores, indistintamente, contratados em Foz do Iguaçu ou trazidos pelos "agenciadores", estavam sujeitos à demissão assim que as tarefas, para as quais foram empregados, houvessem se encerrado.

Assim, novamente era hora de enfrentar as filas. E como comenta um diretor do Sindicato, "os que não tinham ficha ruim eram recontratados, para outros serviços, por quatro ou cinco vezes."<sup>65</sup>

Entenda-se por ficha ruim, aquela de trabalhadores que empregados na obra não se sujeitavam às exigências feitas pelos chamados "cachimbos", ou chefes diretos, aqueles que Hobsbawn designava no século passado como "gerente" e que não eram "a autoridade impessoal da 'companhia' que dirigia os negócios", onde "até a companhia era identificada com um único homem, e não com um corpo de diretores".<sup>66</sup> Com esses mantinha relações diárias, muitas vezes vendo sua vida correr riscos em função das exigências brutais que lhes impunham.

Nesse clima de pressões, onde a tensão entre a chefia direta e operários era constante, não ter a ficha ruim, era muito difícil, o que para a empresa, que dispunha de um "exército de trabalhadores" à disposição, não se constituía em grave problema.

E apesar de todo o desgaste e sofrimento experimentado nesse processo de contratações e demissões, muitos desses homens, vindos de áreas em que viviam em precárias condições, tinham aquele como o melhor lugar do mundo:

"Um trabalhador saído do campo, quando volta para sua terra dizendo que ganhava na obra 3 vezes mais do que ganhava na lavoura, voltava para Foz com mais 5 ou 6 trabalhadores."<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup>-Entrevista concedida por Assis Paulo Sepp. Foz do Iguaçu, julho de 1994.

<sup>66</sup>-Cf. HOBSEBAWN, Eric J.. *A era do capital*. op. cit.. p.226.

<sup>67</sup>-Assis Paulo Sepp. Entrevista.

Como, portanto, não imaginar os efeitos dessa heterogênea massa de trabalhadores e de culturas no cotidiano até então pacato e interiorano de Foz do Iguaçu?

É importante reforçar que esses barrageiros vinham de lugares muito diversos, trazendo consigo culturas regionais que, na maioria das vezes, já foram plasmadas com outras culturas em outros lugares, fruto de seu itinerante modo de vida.

No auge da obra, apenas do lado brasileiro, pouco mais de 20 mil barrageiros compuseram a massa humana daquele projeto, estando de alguma maneira ligados à cidade de Foz do Iguaçu:

"Dos brasileiros, quase metade (43,85 %) veio da região sul do país. Grande parte (26,55 %), do próprio Estado do Paraná, muitos deles do norte, onde o êxodo rural tem sido intenso por causa da mecanização da agricultura. Também veio do campo - passando ou não por outras barragens - grande parte dos que vieram da região Sudeste do país (37,48 %) e da região nordeste (15,75 %) e do Centro-Oeste (2,74 %)."<sup>68</sup>

Portanto, não era de se estranhar que os meios de comunicação, lançando um "olhar" sobre os novos tempos que estavam por vir, sobre as transformações que ocorriam no cotidiano da cidade, especulassem a respeito de Foz sob a égide de Itaipu:

"A transformação que se observa na cidade, em todos os campos de sua estrutura, conduz-nos à presença de um novo grupo social, envolto de idéias novas, com diferentes modos de atuar".<sup>69</sup>

Em 1976 já se reforçava a incerteza pelo que adviria com as obras e pela mudança do cotidiano naquelas longínquas terras de fronteira:

"A cerveja e o bate papo com os amigos, aquele contato informal diário, ainda não são coisas do passado. O que encabula um pouco a nossa gente, acostumada com o ambiente familiar da cidade, é o desenvolvimento que toma conta da região tão rapidamente."<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup>-*Revista Memória*. op. cit.. p. 43.

<sup>69</sup>-*Revista Painel*. nº 31, ago/76. p. 09.

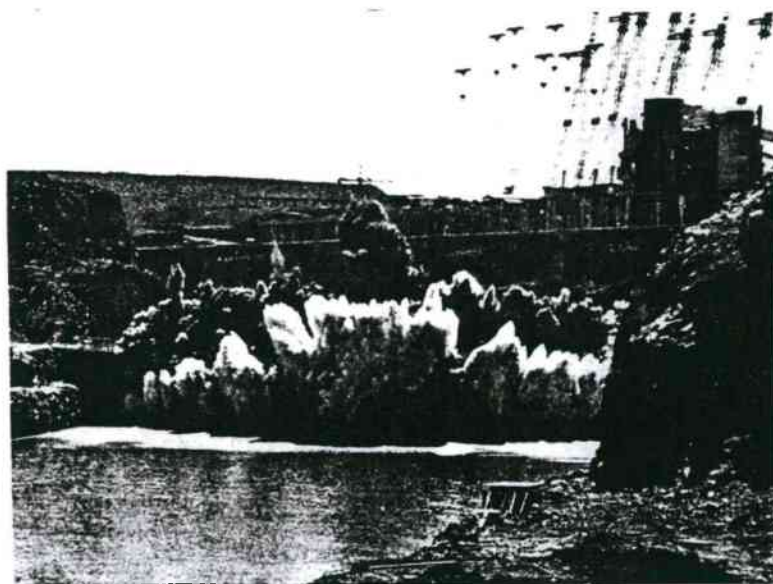
<sup>70</sup>-*Idem, Ibid.*



*Fonte: Canal de Aproximação*  
A modernidade chegando às matas da fronteira



*Fonte: Canal de Aproximação*  
Presidentes militares do Brasil e do Paraguai: Geisel, Figueiredo e Stroessner



*Fonte: Canal de Aproximação*  
Abertura das comportas do vertedouro: espetáculo

## CAPÍTULO TERCEIRO

### A VIDA EM ITAIPU

*Subiu a construção como se fosse máquina  
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas  
Tijolo com tijolo num desenho mágico  
Seus olhos embotados de cimento e lágrimas.  
("Construção" - Chico Buarque de Holanda)*

*A cabeça gira e o coração se contrai quando pela primeira vez percorremos essas casas encantadas, onde o ferro e o cobre deslumbrantes parecem se movimentar sozinhos, parecem pensar e desejar, enquanto o homem frágil e pálido se faz o humilde servidor desses gigantes de aço".*

*(Jules Michelet - Le Peuple)*

É inquestionável a importância que a Usina de Itaipu teve para a cidade de Foz do Iguaçu, fundamentalmente no que se refere à instalação de toda uma infra-estrutura urbana, que o poder público local, sem a sua ajuda, teria muitas dificuldades em conseguir num exíguo espaço de tempo.

Estrada de dupla via ligando a cidade à obra e que tornou-se, durante muito tempo, único meio de chegar a determinados bairros; amplas avenidas de acesso aos conjuntos residenciais e em toda sua área de abrangência; canalização de córregos; iluminação em certas áreas; segurança



nas proximidades dos três conjuntos habitacionais construídos pela empresa, num total de 4.750 casas do lado brasileiro (e idêntico número no Paraguai) "além de alojamentos para solteiros, em ambas as margens, junto ao canteiro(...)que abrigam, além de operários solteiros, famílias, totalizando uma população de aproximadamente 21.100 pessoas do lado brasileiro"<sup>1</sup>; investimento em pesquisa relacionada principalmente com o meio ambiente (talvez como "mea culpa" pela devastação de imensas áreas verdes ou produtivas, alagadas pelo Lago de Itaipu, e como forma de expiação às críticas constantes que surgiam não apenas de organismos ambientais nacionais e estrangeiros, mas da população despejada daquela área);<sup>2</sup> investimentos em obras públicas que diretamente estavam ligadas aos interesses da Usina.

Enfim, modelou a cidade, calcada numa idéia de modernidade e de progresso, de poder econômico, de desenvolvimento regional, de bem estar da população, que se traduziu na construção de uma "cidade civilizada" na fronteira do país, aglutinando em si natureza e engenhosidade.<sup>3</sup>

Instalou um sistema escolar para atender por volta de 10.500 alunos até o nível secundário; construiu e aparelhou um Hospital de ótimo nível para seus funcionários e dependentes, mais tarde destinado à toda a população; incrementou o turismo local com a visitação às obras de Itaipu, contribuindo para o crescimento desse setor.<sup>4</sup>

Inegavelmente, uma presença marcante na cidade. Mas não foi só ao nível das obras que Itaipu marcou sua presença em Foz do Iguaçu. Sua representatividade política na região e sua onipresença em toda a sociedade local, tornou-se quase que um referencial para todos os passos a serem dados pelo Poder Público e pelos empresários dali. O Poder Público, especificamente, durante todo o processo de instalação e conclusão das obras, circulou entre os interesses da esfera

---

<sup>1</sup> - Cf. R.P.I. p. 39.

<sup>2</sup>-O órgão da Itaipu responsável por tal tarefa, é o Ecomuseu de Itaipu, que mantém professores, cientistas, técnicos e pesquisadores para executar trabalhos nessa área.

<sup>3</sup>-Sobre essa temática ver as obras de FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. op. cit.. BRESCIANI, Maria Stella Martins. op. cit.. BERMAN, Marshall. op. cit..

<sup>4</sup>-Dados disponíveis no *Resumo do Projeto Itaipu* bem como nos relatórios anuais da empresa.

pública da qual tinha que dar conta, e da esfera privada, representada por um empreendimento público, que lhe permitia o controle daquela nova conjuntura que estava se moldando.<sup>5</sup> Sempre num jogo pendular nos subterrâneos da sociedade local.

E é nessa conjuntura que muito daqueles despossuídos de meios para investimentos, ou aqueles que perseguiram alternativas para emancipar-se economicamente, começaram a sentir a Usina entrar em seu cotidiano, direta ou indiretamente, penetrar em sua vida, permitindo-lhes vislumbrar a possibilidade de aquinhoar uma pequena fatia daquele gigantesco investimento ou, simplesmente, fazer parte daquela "família".

Esse aspecto é importante uma vez que a cidade expandiu-se com a Itaipu e em função dela. E todos os segmentos da cidade viram-se rapidamente enlaçados, enrodilhados, envolvidos, direta ou indiretamente sob sua influência.

Em todos os lugares onde se estivesse na cidade, invariavelmente aparecia alguém que trabalhava ou havia trabalhado na Itaipu; na Universidade diversos estudantes e professores mantinham ou mantiveram por algum período vínculo empregatício com a Itaipu; na Câmara Municipal, vereadores representavam seus interesses; pesquisadores utilizavam-se de suas instalações para suas pesquisas; artistas recebiam apoio ou apresentavam suas obras em Itaipu; alguém alguma vez utilizou-se de seus clubes, hospitais e escolas; o "trend" turístico local recebia verbas, mantinham um representante da empresa no organismo que gerenciava o turismo na cidade e ganhava com a visita de milhares de pessoas de diferentes lugares.

Seu poder de atuação em todas as áreas da cidade, o fascínio que exercia sobre aqueles que pretendiam ascender rapidamente numa profissão, ou naqueles que não tinham emprego, o "status" que se adquiria socialmente por pertencer aos quadros de Itaipu, faziam-na onipresente no cotidiano da população local, como anjo e demônio do cidadão que aprendeu a com ela conviver.

Sobre esse poder, essa impessoalidade e essa onipresença irradiada por Itaipu, Héctor Bruit, assim se referiu à United Fruit Co., ou "mamãe-grande", cuja similaridade é enorme:

---

<sup>5</sup>-Sobre essa questão ver HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

"Mas era assim mesmo, ainda que muitas pessoas do lugar não tivessem a coragem ou a vontade de acreditar. A realidade mais parecia-lhes um sonho, talvez um pesadelo, porque a Companhia era alguma coisa impessoal, tão multiforme, como uma ameba, tão estranha para gentes acostumadas por séculos a obedecer o sacerdote, o chefe de polícia, o capataz, ou simplesmente a ninguém. O esquisito era que todos sentiam que a Companhia irradiava um poder magnético, envolvente, disciplinador, mas ela mesma não tinha outra figura senão aquela de um indivíduo chamado gerente. Então, a imagem que desenhavam da Companhia se situava no limiar do real e do fantástico".<sup>6</sup>

Mas durante o processo de instalação da Usina, a cidade teve de ir se readaptando em seu modo de vida, em sua ação e reação frente ao "novo" que alucinadamente se implantava no âmago de todas as coisas. A cidade teve que se remodelar para atender às exigências que se faziam cada vez maiores e mais complexas. E remodelou-se com tal rapidez, amparada nessa remodelação pela empresa que a tudo assistia e em tudo opinava, que em curto espaço de tempo perdeu sua identidade. Já não era mais a Foz do Iguaçu das Cataratas. Agora era a Foz do Iguaçu da Itaipu e das Cataratas. Ou melhor: Foz do Iguaçu da Itaipu, do "Paraguai" e das Cataratas.

Mudou não só no aspecto físico, estético, espacial. Mudou no seu ritmo. Mudou na sua maneira de ser, mudou nas suas perspectivas, na sua ética, na sua vontade. Mudou na sua essência. Mudou no seu mudar, no fazer sua história. Mudou na visão de si mesma, como veremos adiante.

Esse processo percorreu o caminho periferia-centro. Foi tomando corpo, se expandindo das áreas outrora coberta pela vasta vegetação que estendem às margens do Rio Paraná por vários quilômetros, em direção ao centro da cidade. Centro esse que mantinha características de pequenas localidades interiorana sendo despojado de infra-estrutura para atender a demanda de uma construção do porte da que estava para se realizar.

Em meio a tantas mudanças, o que pincelar? O que fazer emergir para lançar um "olhar" sobre a cotidianidade daquela população que está para ser assaltada por uma nova ordem?

---

<sup>6</sup>-Cf. BRUIT, Héctor. Crônica de um massacre - Uma greve operário-camponesa contra a United Fruit Co..In: *Revista brasileira de História*. São Paulo: Editora Marco Zero, v.5, n.10, março/agosto 1985. p.31.

Buscamos analisar alguns aspectos que são em si complementares. Ou estão enquadrados no mesmo tipo de prática configurada pelo processo de construção do empreendimento Itaipu: a organização da vida e do espaço para os trabalhadores que para ali se dirigiram em função da obra e o controle social exercido pela Empresa, e que vão tornar-se prática e necessidade naquela sociedade, obedecendo ao reflexo emanado das normas impostas pela Empresa Binacional de Itaipu em sua área de controle.<sup>7</sup>

Esses dois aspectos estão intimamente vinculados às relações que se moldaram no espaço ocupado por Itaipu e, concomitantemente, em Foz do Iguaçu, no bojo da construção da maior Hidrelétrica do mundo.

Procuraremos mostrar nesse capítulo, como, durante os dezoito anos em que transcorreram as obras de instalação da Usina de Itaipu, a cotidianidade da população, principalmente aquela vinculada à obra, mas também os segmentos populares que acorreram à cidade para trabalhar na Usina, se viram, de sopetão, enredados nas malhas das relações que ali se estabeleceram. Quais os mecanismos criados para a manutenção da ordem dentro desse espaço, evitando um confronto, possível ou imaginável, entre a Empresa e os trabalhadores?

Quando em 1974 se constituiu a Itaipu Binacional, empresa responsável pela obra da Hidrelétrica de Itaipu, uma das primeiras providências que foram tomada, naturalmente, foi construir e organizar o espaço das habitações para os trabalhadores que afluíam para aquela localidade. Providência essa que contou com o auxílio do poder público local e federal, no sentido de cessão de áreas para instalação da infra-estrutura, e para promover o reassentamento de moradores que aí estavam como proprietários legais, ou esperando a legalização de suas terras junto aos órgãos competentes. (MAPA III)

Os problemas gerados nesse primeiro período de instalação da Usina junto àquela população foi muito grande, visto que nem todos tinham intenções de sair de suas respectivas

---

<sup>7</sup>-FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. op. cit.

áreas, ou, percebendo que as indenizações estariam aquém do valor real, e não possuindo mais recursos para adquirir outro imóvel em outras regiões da cidade, adiaram ao máximo sua saída.<sup>8</sup>

Para a consecução do projeto de moradia dos trabalhadores de Itaipu, que previa a construção de três conjuntos habitacionais, alardeados como possuindo "padrões de primeiro mundo"<sup>9</sup>, para cada nível de trabalhadores, a Empresa e o Poder Público levaram em consideração, no intuito de estabelecer as áreas de "interesse público", a localização dos terrenos, que estavam entre a periferia norte da cidade e o canteiro de obras.

Essa área era composta, principalmente de sítios particulares e terrenos que pertenciam ao governo federal, sendo, então, matas virgens.

O local onde instalou-se a Vila A, era a única região que possuía um certo número de moradores permanentes, bem como comportava a zona do meretrício, os quais foram remanejados para outras áreas da cidade para que o projeto tivesse andamento.

As Vilas construídas por Itaipu obedeciam um rigoroso projeto, que foi levado a cabo por empreiteiras contratadas para essa finalidade. Vale destacar que estas foram construídas em ambos os países envolvidos com a Hidrelétrica, tendo sido projetadas para abrigar trabalhadores dos dois lados da fronteira.

Divididas em três segmentos, as vilas seguiram o critério de distribuição por funções desempenhadas pelos trabalhadores na obra, o que determinava o padrão das moradias, a estética, o isolamento e a segurança da área, itens importantes para destacar aqueles que estavam ligados à Itaipu, e que, portanto, carregavam consigo tal *status*. Também estabelecia e garantia o processo de hierarquização entre aqueles que estavam ligados à Obra.

---

<sup>8</sup>-Sobre a questão das desapropriações, além dos diversos artigos de jornais locais como *Nosso Tempo*, *A Gazeta*, e revista regionais como *Painél*, *Panorama*, *Paraná Oeste* dentre outras, ver o livro de MAZZAROLLO, Juvêncio. *A taipa da injustiça*. Foz do Iguaçu: Comissão Pastoral da Terra, 1980. Ver também o texto *O mausoléu do faraó: a Usina de Itaipu contra os lavradores do Paraná*. Comissão Pastoral da Terra. Foz do Iguaçu, 1979.

<sup>9</sup>-Todos os Relatórios Anuais da empresa trazem essa mesma definição.

Para a distribuição dessas residências, que beneficiava não somente os trabalhadores diretamente contratados por Itaipu mas também aqueles contratados pelas empreiteiras, levava-se em consideração o cargo ocupado pelo funcionário, ao qual se destinava um tipo específico de casa. **(Anexo I)**

Apesar de toda a organização para tais distribuições, nem sempre levava-se em conta as normas pré-estabelecidas, reconhecidamente no que diz respeito às vinculações de amizade e poder que se criavam dentro da Empresa, e que tornava-se responsável pela ascendência de determinados moradores sobre outros com o mesmo cargo ou função, porém ocupando residências de maior categoria. Como atesta Sérgio Benevides que trabalhava, na época, na Divisão de Assistência Social da Itaipu:

"Conseguia-se morar em determinada casa na Vila "A", ou por promoção ou por "peixada". Questão política mesmo: o fulano é apadrinhado pelo beltrano..."<sup>10</sup>

Fundamentalmente cada trabalhador via-se incorporado e envolvido com a sua vila, através da participação nas atividades comunitárias, no conselho da escola, na diretoria do clube, nas competições desportivas da empresa, nas festas cívicas, que a todo momento eram chamados. Além disso carregava impresso em sua profissão ou função, o espaço em que estava inserido.

Cada uma dessas vilas possuía toda a infra-estrutura necessária para manter (com exceção da vila destinada aos "peões" denominada vila "C") uma qualidade de vida considerada excelente, enredando de tal forma seus moradores pelas opções que ofereciam, em detrimento do que a cidade poderia lhes oferecer, que estas tornaram-se um mundo a parte dentro da estrutura de Foz do Iguaçu.

Havia duas escolas: uma específica para os filhos dos funcionários mais graduados que moravam nas vilas "A" e "B", e outra para os filhos dos "peões" na vila "C". Naquela escola, reproduzia-se através dos números das turmas a que pertencia cada aluno, a hierarquização

---

<sup>10</sup>-Entrevista concedida por Sérgio Benevides. Diretoria do Sindicato dos Urbanitários de Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu, 15/04/94.

funcional da Obra. Existiam dois clubes esportivo e de lazer, diferenciados, com toda a infraestrutura, destinados para os moradores das vilas "A" e "B", enquanto que para os barrageiros menos graduados da vila "C" e os "peões" dos alojamentos do canteiro de obras, existia um centro comunitário. Um Hospital Geral, localizado na Vila "A", destinado a todos os dependentes de Itaipu. Espaço comercial, com agência bancária e dos Correios; espaço comunitário para festas, reuniões, etc.; ruas asfaltadas e arborizadas (com excessão da vila "C" que possuía apenas as ruas principais asfaltadas sendo todas as demais de terra); serviço de transporte coletivo ligando-as às diversas partes da cidade; além de serviços de limpeza, água, esgoto e telefones (novamente a excessão se dá à vila "C" que possuía dois telefones públicos para atender toda a população). Toda ela funcionando, como não funcionava no resto da cidade.

E por fim, como elemento essencial para o perfeito desempenho de todas as atividades e funcionamento dessa estrutura, um Sistema de Segurança que, dia e noite, zelava pela ordem nesses espaços.

Cada um dos conjuntos habitacionais possuía uma dinâmica própria, um *modus-vivendi* pertinente à sua realidade, e que refletia as expectativas, em parte, de seus moradores. Ou seja, a de morar gratuitamente, ter água, luz e saneamento básico, segurança, infraestrutura de lazer.

Sem dúvida, a vila ocupada pelos peões da Obra carecia de alguns desses itens, o que a tornava frente às outras duas vilas, uma área de conflitos latentes como mostraremos mais adiante.

Ainda assim, através de uma rígida hierarquização, Itaipu procurou a manutenção da ordem nestas vilas com o auxílio de uma Segurança Física da Obra, para reprimir eventuais conflitos, um Departamento de Assistência Social cuja incumbência seria contornar e/ou sanar os problemas de ordem psicossocial, e através de um dicotômico processo de rivalização entre essas vilas, acentuando as diferenças entre os funcionários que habitava cada uma delas, por um lado, e promovendo uma pseudo-integração através de jogos, gincanas e atividades beneficentes, estratégia esta que as manteve isoladas entre si.

A fim de se organizar a habitabilidade desses conjuntos residenciais, exigia-se que os moradores seguissem as normas estabelecidas pela Empresa para tal objetivo (**Anexo II**), as quais

apenas em parte eram respeitadas. Em função da dinâmica dessas Vilas, muitos dos itens constantes daquelas "normas" eram "letras mortas". Mesmo com toda a vigilância da Segurança de Itaipu.

Com certeza essas normas encontravam maior respaldo nas Vilas das elites de Itaipu, ou seja, as Vilas "B" e "A", pela própria estrutura montada pela Empresa para seus moradores, que, vivendo numa cidade dentro de Foz do Iguaçu, tinham todas as condições de viver da melhor maneira possível, longe dos padrões de habitação da maior parte dos brasileiros.

Porém a própria vida de certa reclusão e trabalho constante a que estavam relegados os moradores da Vila "C", a vila dos peões da Obra, fazia com que sua relação com o espaço em que viviam se tornasse fora do controle da autoridades da Empresa, que ora faziam "vistas-grossas" às alterações empreendidas pelos operários em sua residências a fim de melhorar sua habitabilidade, ora intervinham através dos órgãos assistencialistas para contornar controvérsias entre esses moradores, ora empregavam a força da Segurança de Itaipu para resolver problemas de maior gravidade que envolvia a ordem daquele espaço.

Se as "normas" estabeleciam para nesses espaços "manter conduta que não fira os princípios de respeito, educação e ordem", podemos afirmar que, em locais onde o espaço de moradia é restrito ou aglomerado, como foi demonstrado por Chalhoub<sup>11</sup>, o clima de tensão entre os moradores é constante.

E aquela "ordem", "respeito" e "educação", na Vila "C", onde os operários moravam "parede a parede" em habitações geminadas, composta de blocos com quatro casas, "morando 16 pessoas numa casa de 50 e poucos metros quadrados",<sup>12</sup> eram constantemente transgredidas, ou mesmo não respeitadas, pois "quase todos os operários trabalham 12 horas por dia".<sup>13</sup> E o esgotamento, a fadiga, resultavam em revoltas contra aquela estrutura.

---

<sup>11</sup>-Cf. CHALHOUB, Sidney. op. cit. pp. 125-126.

<sup>12</sup>-Sergio Benevides. *Entrevista*.

<sup>13</sup>-Entrevista com o barrageiro Miguel Matias. In. *Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 04 a 11/03/81.



Muitos operários dobravam turnos, e ao voltarem para casa, extenuados, caíam numa outra realidade: a realidade da convivência na Vila com os demais operários. Miguel Matias, funcionário da UNICON, atesta isso:

"Todas as semanas há a "dobra". É no fim de semana. Nos outros dias o peão entra às 7 horas da noite e sai às 7 horas da manhã seguinte. Quem entra às 7 horas da noite de sábado, só vai sair ao meio dia de domingo, morto de cansado. (...) Só quando se trabalha 17 horas seguidas é que se tem 17 horas de folga. Mas em geral o descanso é de 12 horas apenas".<sup>14</sup>

Nesse ritmo de trabalho, os funcionários menos graduados mantinham uma relação social com seus vizinhos pouco estreita, pois praticamente passavam todo o tempo trabalhando ou, quando em casa, dormindo. Por outro lado, os familiares e agregados desses trabalhadores, é quem mantinham relações mais próximas com a vizinhança.

Nesse cotidiano de pessoas vindas de diversas partes do país, de culturas estranhas entre si, emergia, muitas vezes, uma relação conflituosa, que ia desde os roubos constantes de objetos e utensílios que ficavam fora das casas pois não havia espaço para guardá-los em seu interior, até a interferência na intimidade dos casais, que frente à qualidade precária das construções permitiam se ouvir tudo o que acontecia do outro lado da parede. E, como bem salientou Chalhoub em relação ao Rio de Janeiro da Belle Époque,<sup>15</sup> na medida em que parentes e amigos vão se agregando ao espaço da casa, como forma de solidariedade que entre eles se estabelece, as dificuldades de relacionamento naqueles exíguos parâmetros da casa, permite a interferência constante em assuntos que não lhes dizem respeito.

Também nessa conjuntura, para administrar esses conflitos ou tentar saná-los, eram acionados os assistentes sociais da empresa, que buscavam um bom termo para tais casos. Sérgio Benevides retrata algumas situações:

---

<sup>14</sup>-*Idem*.

<sup>15</sup>-Cf. CHALHOUB, Sidnei. *op. cit.*, pp. 129-132.

"Existiam problemas seríssimos de alcoolismo, de drogas entre a juventude, e nós fazíamos um trabalho de conscientização. Por exemplo, tinha muitos casos de espancamento de maridos contra a mulher, de filhos com problemas de pai alcoólatra e mãe alcoólatra.(...) Tinha muitas brigas de casais, roubo de roupa dos varais , brigas entre vizinhos. Existiam muitos problemas na Vila".<sup>16</sup>

Frente à essa realidade, à medida que um número maior de trabalhadores vão sendo admitidos na obra e vem aumentar a quantidade de moradores da Vila "C", e a aceleração das Obras vai se tornando cada vez mais extenuantes aos trabalhadores, o alcoolismo se difunde com maior intensidade. Bálsamo e anestésico para uma realidade bruta, de trabalho árduo, constante, alienante.

Aqueles trabalhadores da Obra, além das cervejas e cachaças compradas no Brasil por um preço que inflacionava a cada dia, tinha a possibilidade de comprar no Paraguai bebidas por preço baixo e embriagar-se nas horas de folga. Quem mais sofria com esse problema eram os funcionários solteiros que se viam enredados por um mundo desconhecido, longe de sua terra natal, trabalhando de forma atordoante, com pouco tempo de folga e lazer, o que limitava sua permanência aos arredores da Vila "C" ou na zona do meretrício, quando tinham, então, que deslocar-se vários quilômetros de sua residência e gastar além do normal.

Existia um interesse por parte da empresa em que os funcionários fossem extravasar suas angústias, neuroses, desejos, na zona do meretrício. Esta, acompanhava em sua estrutura, a hierarquia dos frequentadores vindos de Itaipu:

"Cada casa da zona atendia um tipo de funcionário. E eles chegavam, conforme seu cargo, num tipo de carro. A peãozada ia de caminhão, outros mais graduados iam com o ônibus, outros de Kombi ou de fusca...Também em cada lugar se pagava um custo diferente."<sup>17</sup>

E aquele era um espaço para extravasar toda a raiva dos chefes, das condições de vida, dos inimigos do trabalho, porém sempre amparados pela empresa:

---

<sup>16</sup>-Sergio Benevides. *Entrevista*.

<sup>17</sup>-Luis Carlos S. de Lima. *Entrevista*.

"Quando havia briga, tumultos com funcionários da Itaipu, era tudo acobertado. Ninguém chamava polícia. Porque o camarada no outro dia cedinho tinha que estar trabalhando na obra."<sup>18</sup>

O pesadelo do desemprego, a insegurança de ver às suas costas uma enorme fila de trabalhadores ansiosos por um emprego, talvez fosse motivo suficiente para estar alerta durante o dia e entregar-se à bebida à noite. Bebiam, muitas vezes quem sabe, para esquecer a própria rotina de trabalho ou como eram tratados pela Empresa, a despeito de todo discurso utilizado pela Itaipu que enaltecia as condições oferecidas a seus funcionários: "casa, alimentação, transporte, tudo gratuito". Guardadas as devidas proporções, essa situação nos remete aos operários das indústrias, na França do século XIX, analisados em seu cotidiano por Maria Stella Bresciani:

"A insegurança, este o móvel que impele o operário à busca do amor violento e volúvel, da bebida em excesso e da algazarra grosseira na saída da fábrica; é uma compensação ao frio do metal, à insensibilidade da máquina e à mudez imposta pelo barulho atordoante do monstro metálico."<sup>19</sup>

Entretanto, observando e analisando o cotidiano desses trabalhadores, chega-se à conclusão de que junto à gratuidade desses elementos básicos oferecidos pela Empresa, e que eram o motivo da atração de tantos trabalhadores para aquela Obra, vinha uma série de contratempos que deviam ser aceitos sem reclamação pelos funcionários, e que mostravam a real face dos empreendedores daquele projeto.

Os trabalhadores mais graduados, conseguiram, ao longo do tempo em que permaneceram ligados à empresa e usufruindo de todos os benefícios por ela dado, comprar carros novos ou semi-novos, terrenos, aparelhos eletro-eletrônicos de última geração vindos do Paraguai, trazidos por contrabandistas, talvez muitos deles ex-funcionários de Itaipu, e levar uma vida "digna" após seu desligamento da Empresa Binacional.

---

<sup>18</sup>-*Idem*.

<sup>19</sup>-Cf. BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1992. p.62.

Em contraposição à vida montada pela empresa para atender aos trabalhadores médios e superiores recheada de regalias, aos peões moldou-se toda uma ordem específica na rotina de seu dia-a-dia.

O cotidiano desses operários tinha início, em um dia normal de trabalho, sendo transportados de sua Vila, ou dos pontos pré-estabelecidos pela Empresa, em caminhões que "mais se parecem com carretas de gado ou câmaras frigoríficas(...) nos moldes adotados para circulação de animais a caminho do matadouro".<sup>20</sup> Esse meio de transporte, ao contrário dos funcionários mais graduados que era em excelentes ônibus, causava grandes protestos por parte dos operários, dos sindicatos e da imprensa que denunciavam as condições em que neles se viajava, pois, como disse um operário, "estamos sendo transportados como animais".<sup>21</sup>

Sobressaía a falta de higiene e segurança naquele meio de transporte, sujeitando, constantemente, o trabalhador a acidentes e à convivência em um espaço degradante:

"Além de perigoso é imundo. Quando ele parar, observe bem o estado que está lá dentro: uma sujeira que não dá para aguentar. Acho que eles pensam que a gente é bicho".<sup>22</sup>

Esses operários reclamavam em silêncio, pois o medo com represálias que podiam partir da empresa, sendo a mais veemente, "a conta", era constante:

"Isso é uma verdadeira vergonha. Enquanto eles andam naqueles carrões com motorista particular e ar condicionado, nós temos que "sifu" aqui nesta m... Será que o nosso serviço é inferior ao deles? Olha moço, pelo amor de Deus, não coloque o meu nome no jornal. Se tu botá, eu sei que eu vou ganhar a conta e tenho cinco filhos pra sustentar. Emprego tá difícil, né".<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 07/01/81.

<sup>21</sup>-*Idem*.

<sup>22</sup>-*Idem*.

<sup>23</sup>-*Idem*.

Para o sindicato, o fim desse tipo de transporte foi uma conquista, como diz Bonifácio diretor do Sindicato dos Urbanitários de Foz do Iguaçu:

"Olha, a coisa que mais me angustiava e que eu mais lembro daquela época, era o "discoteque". Os caminhões que transportavam a peãozada para o canteiro de obras. Parecia que estavam transportando boi. Felizmente conseguimos acabar com aquilo".<sup>24</sup>

Após essa maratona para se chegar até o canteiro de obras, o peão tinha que enfrentar a enorme fila para bater o cartão de ponto, sem que houvesse minuto de atraso, pois isso implicaria em desconto no salário, e com a reincidência, viria "a conta".

Iniciava-se, então, o trabalho, que pelas leis trabalhistas do Brasil e do Paraguai, seria de 8 horas, mas que sob as leis específicas de Itaipu, obrigava todo peão a cumprir de duas a quatro horas-extra todos os dias, com a maior rigorosidade, principalmente nos trabalhos mais urgentes da Usina como, por exemplo, na concretagem.

Esses peões que, sem dúvida, recebiam salários acima da média de outros barrageiros ou operários da construção civil, mas que, em função do altíssimo custo de vida provocado pela chegada de Itaipu e numa economia dolarizada como a da fronteira, tornava-o bastante relativo, se sujeitavam aos mais diversos serviços na obra, a fim de garantir o emprego. Eram incessantemente bombardeados pela propaganda da Empresa que exaltava os benefícios que lhes era proporcionados, o que, portanto, tornava difícil qualquer manifestação de descontentamento por parte daqueles funcionários.

Um dos exemplos de trabalho de alta periculosidade a que eram submetidos esses operários, era o da construção da barragem. Miguel Matias, que ali trabalhou conta como era o ritual e os perigos que enfrentavam diariamente naqueles espaços insalubres nas profundezas da terra:

"O concreto vem mole. Cada carga despeja entre 15 a 20 toneladas. Se o peão se descuida ou não tem grande destreza, pode ser engolido pelo concreto. Ai entra em ação

---

<sup>24</sup>-Antonio Bonifácio da Silva. *Entrevista*.

o vibrador, operado manualmente. É pesado e produz uma vibração intensa em todo o corpo. É movido por um compressor.(...) O vibrador faz água e concreto espirrar no operador e nos que estão por perto. Em pouco tempo fica-se todo molhado para o resto do dia. Além disso o concreto vem gelado.(...) Vem uma onda de frio,depois outra quente. É a vez em que o peão pega gripe, sinusite, pneumonia...O concreto entra na bota e se não retira logo faz ferida, queima a perna".<sup>25</sup>

Nesses tipos de serviços, onde o perigo rondava e espreitava cada trabalhador, nem todos tinham a sorte de saírem vivos. Muitos desapareceram, outros ficaram inválidos. Porém, nos boletins da Empresa, sempre constava que o operário não havia tomado as devidas precauções, e as cifras de acidentes eram sempre aquém das reais.

Em 1981, momento de intenso trabalho nas obras da Usina, ocorreram em Foz do Iguaçu 21 acidentes fatais de trabalho, sendo que a metade ocorrida na canteiro de obras. Dados estatísticos precisos sobre a quantidade de mortes naquela Obra jamais foi emitido oficialmente, porém pela brutalidade dos trabalhos, pela situação a que estavam expostos os trabalhadores, e pelos depoimentos daqueles que presenciaram e saíram ilesos dos acidentes, ou ouviram comentários dentro e fora da Obra, dá para se ter uma idéia do número de acidentes ali ocorridos:

"Lembro de uma vez em que um peão recebeu uma caçambada de concreto em cima, tudo por causa de má informação e uma ordem mal dada por um feitor. Caiu o concreto e o homem desapareceu. Com picareta cavamos até que encontramos seus cabelos. Pelos cabelos o arrancamos de lá. Mas ele estava congelado, durinho. Notamos que o coração dele batia. Estava vivo! Veio a segurança e o levaram. Se não tivéssemos sido rápidos, ele teria morrido porque o concreto congelado em questão de minutos vira uma pedra".<sup>26</sup>

Em outra oportunidade, presenciou um acidente fatal:

"Um dia estavam quatro peões conversando à beira da estrada. Passa um Teréx com 75 toneladas de carga; o pneu faz espirrar uma pedra que foi direta no peito de um deles. Olha, a pedra abriu um rombo no peito do homem. A morte foi instantânea".<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup>-Miguel Matias. *op. cit.*

<sup>26</sup>-*Idem.*

<sup>27</sup>-*Idem.*

E a Empresa sempre se regozijava da segurança que proporcionava aos operários, através do fornecimento de materiais para a proteção dos operários, como capacetes, luvas, abrigos contra chuva, etc.. Só que os mesmos eram descontados na folha de pagamento dos funcionários. Nesse sentido, a Empresa não investia em nada nos operários menos graduados, inclusive cobrando a fotografia que era tirada para o crachá obrigatório, sem o qual não era permitida a entrada no canteiro de obras.

Para enfrentar o ritmo de trabalho imposto pelas obras, o operário necessitava de uma alimentação adequada. E a Empresa estruturou, no canteiro de obras, um refeitório que tinha por objetivo atender todos os trabalhadores, de todos os níveis.

Respaldados num manual de "Normas para Utilização dos Refeitórios" e "Distribuição dos Comensais nas Salas dos Refeitórios" (**Anexo III**), imprimia-se novamente a marca da hierarquização a que estavam submetidas todas as pessoas ligadas a Itaipu.

Nesses espaços reservados às refeições, constatava-se a distinção estabelecida entre os funcionários, distribuídos em quatro salas, e às quais só era permitida a entrada portando crachá e o devido "Vale" (**Anexo IV**) correspondente ao setor destinado à categoria do trabalhador.

Assim, se na Sala A (servidos por garçons) e B existiam mesas com quatro lugares, nas Salas C e D as mesas comportavam oito trabalhadores; se a alimentação nas duas primeiras Salas era de excelente nível, aos operários menos graduados eram servidas refeições em quantidade suficiente, porém com qualidade inferior, como denunciavam os trabalhadores através da imprensa:

" Não há queixas quanto à quantidade de comida, mas contra a falta de higiene as críticas são severas.(...) A falta de higiene nos refeitórios por vezes repugna os trabalhadores ao ponto de não conseguirem comer".<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 30/09 a 06/10/81.

Enquanto os funcionários lotados em áreas de menores riscos podiam usufruir do refeitório, aqueles que trabalhavam em lugares de alta periculosidade, não podendo afastar-se de suas atividades, faziam suas refeições no próprio local de trabalho. A comida, que já era questionada em sua qualidade, ainda lhes era trazida, geralmente, fria, e em quantidades que não satisfaziam as suas necessidades. Além do tempo que possuíam para deglutir-la que era escasso:

"Os que trabalham na concretagem fazem refeições no próprio local de trabalho. Comem pouco e mal(...) queixam-se da qualidade e insuficiência da alimentação".<sup>29</sup>

E a situação tornava-se pior nos dias de "dobra", quando o excesso de trabalho, conjugado com uma má alimentação, contribuía para o agravamento da saúde daqueles trabalhadores:

"Bem, se eu vou trabalhar à noite, janto em casa às cinco horas da tarde. Às 6 pego o "papa-fila" (aquele caminhão que parece um poleiro), lá na Vila "C", onde moro, vou até a obra bater o cartão e 10 minutos antes das sete tenho que estar no local de trabalho. À meia-noite dão o café com um sanduíche para aguentar até o meio-dia. Chega o caminhão lá embaixo, o feitor manda um da turma buscar as garrafas ou as latas (para quem tem garrafa, senão fica sem café), apanha o lanche e leva para a turma no trabalho. Come-se ali mesmo".<sup>30</sup>

Para se ter uma idéia, basta que imaginemos o que seria almoçar ou jantar (visto que nas profundezas da obra "todos os peões são pardos" e a passagem de tempo só é auferida pelos apitos das sirenes e dos capatazes que marcam os intervalos e o fim do expediente) em meio a um barulho ensurdecedor, num ritmo frenético, com poeira e concreto sendo espalhados por todas as partes, e com a figura vigilante de um capataz cobrando a maior rapidez no retorno às suas atividades.

Era extremamente estressante essa rotina, que levava, invariavelmente, o trabalhador ao serviço médico da Usina. Se nos primórdios da Obra, existia uma certa flexibilidade ou mesmo condescendência por parte dos médicos em relação aos operários, com a intensificação da

---

<sup>29</sup>-*Idem.*

<sup>30</sup>-Miguel Matias. *op. cit.*



construção, a empresa foi tornando-se mais severa na busca de extrair ao máximo as forças de trabalho daqueles peões.

Passaram, então, a enfrentar enormes obstáculos para, paradoxalmente, tratar-se e recuperar-se para o trabalho.

O primeiro obstáculo estava em ser atendido com a devida urgência que muitos casos requeriam, o que possibilitava o agravamento da situação. Outro era no atendimento, quando os médicos procuravam minimizar os problemas, no sentido de dissuadir o operário a voltar o mais rápido possível ao trabalho. E por último, o mais importante, é que em casos de reconhecida gravidade, pairava sobre o funcionário o fantasma da demissão. Com um "exército de reposição" para substituir, para repor as forças que se esvaíam, não era problema para a Empresa demitir aqueles que já haviam sido sugados ao máximo, ou aqueles que não se enquadravam no esquema de superexploração de suas energias. Pois a Empresa contava, como frisou Buret referindo-se ao proletariado de Paris do século XIX, com "a população flutuante das grandes cidades, essa massa de homens que a indústria atrai e mantém em torno dela, a qual não ocupa constantemente, mas mantém como reserva às suas ordens".<sup>31</sup>

Num quadro de relações tão conflituosas, seja entre Empresa e operários, seja entre os próprios funcionários, onde vivia-se num mundo prestes a explodir a qualquer momento, a Itaipu manteve como instrumento de coerção e repressão desses trabalhadores uma "Segurança Física" da Obra, recrutada e treinada em moldes militares, para cumprir adequadamente seu papel.

Atuavam nas Vilas, no canteiro de obras, em toda a área de controle e atuação da Itaipu. Porém seu poder transcendia aqueles limites, sendo perceptível sua presença também na cidade de Foz do Iguaçu.

Atendia, com sua constante vigilância, às imposições de manutenção da ordem e disciplina emanadas das "normas" e "regulamentos" de Itaipu, bem como zelava para que não fosse subvertida a rígida hierarquia que ali predominava. Também atendia à segurança e tranquilidade

---

<sup>31</sup>-BURET, *La misère des classes laborieuses en France et en Angleterre*, apud Louis Chevalier, op. cit. 594.

requerida pelas elites de Itaipu, que a ela recorriam sempre que elementos perigosos, muitas vezes os próprios peões da Obra invadissem seu espaço.

Importante dizer que pela grande subdivisão de cargos dentro desse setor, como atesta o organograma relativo a essa área (**Anexo V**), ocorria uma diluição das responsabilidades pelos atos de repressão ou coerção por ela exercido. Assim, nunca a segurança de Itaipu era culpada pelos atos que cometia. Ato esses às vezes grosseiros, como atirar em pescadores nas margens do lago, e mesmo interceptar transeuntes nos conjuntos residenciais, exigir documentos daqueles que estivessem em qualquer área controlada por Itaipu. Todos na cidade, ou pelo menos a grande maioria, viam e sabiam das exorbitâncias daquela Segurança, porém tudo passava como se ela não tivesse nenhuma responsabilidade.

Mas se existiam esses conflitos latentes entre os operários de Itaipu, também havia uma solidariedade muito grande entre eles, que aumentava na razão mesma das dificuldades que experimentavam no cotidiano.

Foi no cotidiano desse espaço que as camadas populares ou "desclassificadas"<sup>32</sup> de Itaipu se permitiram fazer e desfazer suas organizações de solidariedade, grupos, alianças e conflitos, buscando maiores vantagens para si, ou alternativas de sobrevivência, utilizando as armas que possuíam em mãos. Karel Kosik definiu assim esta situação da cotidianidade:

"Na cotidianidade tudo está ao alcance das mãos e as intenções de cada um são realizáveis. Por esta razão ela é o mundo da intimidade, da familiaridade e das ações banais. A morte, as doenças, o nascimento, os êxitos e as derrotas constituem os acontecimentos calculados da vida de cada dia. Nesta o indivíduo cria para si relações baseado na própria experiência, nas próprias possibilidades, na própria atividade e daí considerar esta realidade como o seu próprio mundo".<sup>33</sup>

Eram pessoas vindas de lugares os mais diversos, e que enfrentavam a estranheza desse novo mundo. Muitos deles já haviam percorrido outras localidades onde se construía barragem, e

---

<sup>32</sup>-Cf. MELLO e SOUZA, Laura de . *op. cit.* pp. 13-14.

<sup>33</sup>-Cf. KOSIK, Karel. *op. cit.* pp. 69-70.

sabiam dos problemas que se enfrentavam nessas "frentes" de trabalho, e que surgiam como uma salvação para muitos,<sup>34</sup> mas que se mostravam como um verdadeiro inferno para aqueles que não estavam acostumados, ou que afoitamente buscavam ali a solução para seus problemas.

Tal solidariedade era expressa no local de trabalho, onde mesmo necessitando do emprego os operários não se furtavam de ensinar aos companheiros mais novos, a rotina dos trabalhos ou ajudá-los nos momentos de dificuldades.

Também, e principalmente na Vila, buscava-se apoiar os companheiros nas horas em que o salário não era suficiente para pagar as despesas, ou no empréstimo de materiais para construção, na ajuda para se fazer uma horta ou ampliar a moradia, para levar a criança para o médico quando os pais não estavam em casa, e mesmo para cuidar dos filhos dos outros companheiros que estavam em dobra de turno, e cuja mulher, prática rotineira, estava trabalhando para aumentar os ganhos da família.

Essas relações, que podiam se estender a um número grande de famílias, mas que geralmente se limitava aos companheiros de serviço e aos vizinhos mais próximos, consolidavam-se à medida que problemas se avolumavam no cotidiano dessas pessoas.

E nos limites dessa solidariedade, os operários transgrediam as normas de Itaipu, e amparavam em sua residência, aquele companheiro e seus agregados que eram demitidos da Obra, e tinha de abandonar a casa da Vila em trinta dias. Em função da carência de emprego na cidade para absorver esse contingente que ia sendo demitido, a maior parte desses ex-funcionários de Itaipu demoravam algum tempo para conseguir readaptar-se à nova realidade que se lhes apresentava.

E foi assim que, apesar de toda a segurança e controle imposto pela Empresa Binacional de Itaipu aos seus funcionários, muitos destes levaram consigo para outras regiões onde foram buscar

---

<sup>34</sup>-Cf. Hardman, Francisco Foot. op. cit. A obra como um todo, faz uma reflexão sobre a modernidade chegando nos lugares mais distantes, atraindo um incrível número de pessoas de todas as partes, em busca de sobrevivência, de aventuras. Em busca, muitas vezes de não se sabe o que. Atenção especial, nesse sentido, para os capítulos 5 (*Ferrovia Fantasma: nos bastidores da cena*) e 6 (*Quimeras de Ferro: história repetida como tragédia*)

novas alternativas, ou mesmo na cidade de Foz do Iguaçu, companheiros que enfrentaram os dias turbulentos vividos em Itaipu.

Desta maneira, tensões e solidariedades permearam as relações entre aqueles trabalhadores, envolvidos naquele projeto, num contexto de super-exploração, distribuída espacialmente entre as Vilas e a obra, onde a hierarquia e a segurança interna da empresa davam o tom.

Toda esse esquema montado pela Itaipu, redundou, à medida em que a insegurança das dispensas avançavam, que o fantasma do desemprego rondava aquela massa de operários, em conflitos entre trabalhadores e a empresa.

Conflitos esses que, a partir da organização de sindicatos representativos daqueles trabalhadores em meados da década de 80 (visto que até então o controle de Itaipu e das empreiteiras às associações e sindicatos ocorreram de forma violenta), começaram a tomar maior vulto, e a despeito daquela instituição colocar forças policiais (o Exército, inclusive) para reprimir greves e manifestações, obrigaram a assinatura de acordos e conquistas por parte dos trabalhadores.

Por muito tempo, apesar de a empresa reforçar sempre a tranquilidade, a harmonia que havia em seu interior, nas relações empresa-trabalhador afloravam as discórdias e insatisfações ali existentes, correndo de "boca a boca" os enfrentamentos entre eles. A denúncia de um "quebra-quebra" dentro da usina em 1978, no ápice das obras, feita pela Comissão Pastoral da Terra de Foz do Iguaçu, exemplifica bem o estado de violência latente embutida nas relações empregado-empresa Itaipu, cujo "vazamento" para a sociedade era por ela muito bem controlado:

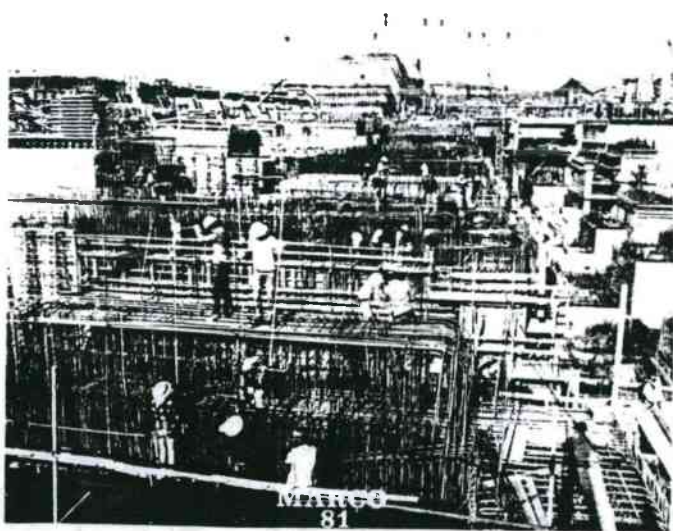
"Não há ninguém, em Foz do Iguaçu, que não tenha ouvido falar disso. Mas a notícia correu apenas de boca em boca, em cochichos. Ninguém comenta em público o *quebra-quebra*. E os jornais, inclusive o diário da vizinha cidade de Cascavel (o mais lido na região), não deram uma única linha sobre o assunto. Como se nada tivesse acontecido na noite de 8 de março de 1978, quando mais de três mil peões, que esperavam o pagamento, receberam o aviso de que ele não sairia. A comida ruim, as más condições dos alojamentos, a falta de água num lugar onde o calor é insuportável... juntou-se isso tudo ao atraso do pagamento, e estourou a revolta. Os trabalhadores começaram a destruir as instalações dos refeitórios, alojamentos, etc.. A força de segurança da Itaipu

quis reprimir, mas não conseguiu. Os peões espancaram e apedrejaram vários "seguranças", e destruíram os carros deles. O *quebra-quebra* só foi parando depois que um chefe da segurança pegou um megafone e, falando aos peões, conseguiu acalmá-los, prometendo um vale para a mesma noite. (O vale foi pago, realmente, embora o pagamento só tenha sido completado quatro dias depois)".<sup>35</sup>

Conflitos que gradativamente foram saindo do interior da Usina para ganhar as ruas de Foz do Iguaçu, denotando que em meio àquela aparente calma, existia um "caldeirão em ebulição".

E nesse sentido, as ações políticas e trabalhistas dos dirigentes e funcionários mais graduados da empresa, como mantenedores da ordem, da disciplina e do respeito à hierarquia, foram implacáveis com a grande maioria dos trabalhadores que se rebelaram, ou que representavam uma ameaça a ela, sendo repostos sistematicamente, conforme a conveniência, em face do "exército de reserva" que havia à disposição.

Aqueles que foram demitidos, vieram a "engrossar" o contingente de pessoas na cidade que tiveram de viver com a herança deixada por Itaipu.



Fonte: Canal de Aproximação  
Peões barrageiros no Canteiro de Obras de Itaipu



Fonte: Canal de Aproximação  
Construção da infraestrutura de Itaipu: Vilas Residenciais

<sup>35</sup>-Cf. *O mausoléu dos faraós: a usina de Itaipu contra os lavradores do Paraná*. op. cit. p.38.

## CAPÍTULO QUARTO

### A HERANÇA DE ITAIPU

*Nas noites de frio é melhor nem nascer  
Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer  
E assim nos tornamos brasileiros...  
("O Tempo Não Pára" - A. Brandão/Cazuza)*

*"La verdadera pobreza es la de las ciudades, porque tiene una vecindad estrecha con los excesos".*

*(Andre Gide)*

E que cidade é essa que se apresenta aos nossos olhos, no momento de abertura da última comporta da maior Hidrelétrica do mundo?

Com certeza não é a mesma de dezoito anos atrás. E nem poderia ser, frente ao transcorrido naquele período, que a marcou profundamente em todos os seus aspectos.

Dizer que transformações ocorreram em todos os lugares com o passar do tempo, não nos ajudaria a decifrar as mudanças radicais que teimamos em detectar naquele amplo conjunto composto por gente, concreto e culturas, baldeadas que foram pela esperança de engajar-se na "maior obra do século", a Usina de Itaipu.

"A cidade nunca será a mesma depois de Itaipu", alardeava um dito cunhado na região, carregado de um sentido de progresso, riqueza ampla, modernidade e abastança para o conjunto da sociedade. Mas, em verdade, tal empreendimento não trouxe aquela prosperidade e riqueza para todos, abundância e fartura aos segmentos populares. Estes foram os penalizados, os que

arcaram com as heranças deixadas pela instalação e construção do mega-projeto Itaipu, tendo ou não se vinculado a ele.

Um aspecto especial para a compreensão do desenvolvimento acelerado de Foz do Iguaçu é o de que as transformações ali operadas, não foram resultado de um fator isolado, como, por exemplo, o turismo às Cataratas, ou especificamente a construção da Usina de Itaipu, ou o incremento do comércio de fronteira, ou mesmo a expansão agrícola experimentada por todo o oeste do Estado do Paraná nas últimas décadas.

Acreditamos que a conjugação desses fatores, cada um gestado à sua maneira e em seu momento histórico, vindo a aglutinar-se ou a preencher o espectro econômico local num período concomitante, mais precisamente entre meados da década de 70 e início de 90, é que propiciaram uma estrondosa dinamização de sua economia, e por conseguinte de toda a infra-estrutura da cidade. Provavelmente esses fatores de forma isolada, teriam poucas probabilidades de proporcionar o desenvolvimento que detectamos em Foz do Iguaçu.

É representativo observar, nesse sentido, a cidade de Tucuruí, no Pará, onde se desenvolveu projeto energético semelhante, cuja cidade estagnou-se completamente após os momentos de euforia das obras, apesar da idéia dos próprios críticos do empreendimento de que "Tucuruí será uma cidade de futuro na Amazônia. Mas ainda não é o eldorado."<sup>1</sup> Outro exemplo, é a cidade de Ponta Porã, no estado do Mato Grosso, que também faz fronteira com o Paraguai, cuja economia está centralizada no contrabando de madeira e na comercialização de produtos importados, que não passou por processo de crescimento significativo. Quanto às cidades de potencial turístico, principalmente aquelas localizadas distante dos grandes centros econômicos do país, pela pouca atenção dispendida a elas por parte das autoridades, em todos os níveis, mantiveram-se ao longo do tempo sem um crescimento mais acentuado. E por fim, vale lembrar que o setor primário em Foz do Iguaçu, a despeito do enorme crescimento e importância que

---

<sup>1</sup>-Cf. PINTO, Lúcio Flávio. *Amazônia: o anteato da destruição*. Belém: Grafisa, 1977. p.128. Também para uma visão mais recente da Usina de Tucuruí e de outros grandes projetos na Amazônia, do mesmo autor, *Amazônia: a fronteira do caos*. Belém: Falangola Editora, 1991.

adquiriu nas demais cidades do oeste do Paraná, tinha uma representatividade pouco expressiva. Para se ter uma idéia, em 1991 Foz do Iguaçu possuía apenas 09 empresas neste setor da economia, sendo em sua maioria na área de mineração, que arrecadou CR\$ 1.687.005 (valor CR\$1.000) num montante correspondente à região de CR\$ 236.911.379, ou seja, apenas 1,6% daquele total.<sup>2</sup>

A parte disso, constatamos que a implantação do projeto Itaipu, se por um lado foi o maior responsável pela organização da infra-estrutura básica da cidade, o foi também pelas enormes distorções a nível de concentração de rendas e de pauperização contínua de amplos segmentos da sociedade, que foram atraídos por ela, e se viram excluídos das atividades formais de trabalho.

Também incrementou e agudizou sensivelmente outros aspectos, mencionados anteriormente, que no quadro geral do cotidiano da cidade se apresentavam praticamente inexistente até a instalação do projeto: o setor informal da economia (contrabando, jogos, ambulantes, vendedores de lixo reciclável, etc.) e o número de pedintes e meninos-de-rua; a insegurança, a criminalidade e a violência; o problema da favelização e de áreas de moradia popular sem a mínima infraestrutura, que abrigavam aquele enorme contingente de excluídos ou "desclassificados" da sociedade.

Foram aquelas pessoas, vivendo naquelas localidades periféricas que muito tinham a ver com a concretização do projeto Itaipu, que surgiram como uma ameaça latente para a elite local. Como diz Bresciani sobre a multidão de pobres da Londres do século XIX, e muito pertinente à realidade experimentada por Foz do Iguaçu nos estertores da Obra: "a ameaça latente dos bolsões de miséria que resistem ao apelo moralizador do trabalho constitui o diagnóstico de um "tumor", algo a ser arrancado do corpo da sociedade"<sup>3</sup>, o que foi tentado inúmeras vezes com a transferência dos moradores das favelas para áreas periféricas, sem a mínima infraestrutura de moradia.

---

<sup>2</sup>-Cf. A.E.F.I. p.95.

<sup>3</sup>-BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. op. cit. p.79.



Entre os moradores mais antigos da cidade era corrente a idéia de que, se a Itaipu não houvesse se instalado em Foz do Iguaçu, o desenvolvimento daquela região teria sido mais harmônico, menos brusco e, portanto, teria trazido menos distorções sociais. Manter-se-ia respaldada economicamente naqueles setores que representavam a "vocação funcional da cidade"<sup>4</sup>: o turismo, o comércio de fronteira, e o desenvolvimento da agropecuária nas terras que foram inundadas pelo lago de Itaipu. E esses setores absorviriam tranqüilamente a mão-de-obra da cidade, como declaram diversos moradores que passaram por todo o processo de implanta o de Itaipu:

"Olha, eu acho que se a Itaipu não tivesse vindo para cá, Foz teria se desenvolvido do mesmo jeito. Só que seria mais ameno, mais calmo esse desenvolvimento. A Itaipu provocou um desenvolvimento muito rápido na cidade, e surgiram todos esses problemas".<sup>5</sup>

O próprio *Plano de Desenvolvimento Urbano de Foz do Iguaçu*, em 1974, alertava para as necessidades que a cidade possuía em organizar esses setores, paralelamente   Itaipu, a fim de solidificar sua economia e não alterar seu cotidiano:

"(...) a ausência de uma estrutura adequada voltada para o turismo, conduz atualmente o turista   mera aprecia o de paisagens nas quais ele não participa, encontrando uma atividade mais dinâmica somente dos lados argentino e paraguaio através de atividades de comércio e de jogo. Mesmo do ponto de vista econômico, essa situa o se apresenta desfavorável para a cidade, ainda mais do ponto de vista de cria o de uma identidade urbana. A cidade deve portanto, desenvolver-se sem conflitos entre as atividades de lazer e o cotidiano local, formando um todo integrado com a paisagem".<sup>6</sup>

Entretanto, fruto dos acontecimentos que ali se desenrolaram a partir da instala o de Itaipu, e que, muito mais que o turismo, o comércio fronteiriço e a agropecuária, atraiu e fixou pessoas em grandes propor es, com extrema rapidez e num curto espaço de tempo, percebemos

---

<sup>4</sup>-Cf. *P.D.U.* p. 74.

<sup>5</sup>-Entrevista concedida por Flaudemir Sant'Anna de Abreu. Foz do Iguaçu, março de 1994.

<sup>6</sup>-Cf. *P.D.U.* p.74.

que aquelas projeções tornaram-se sem sentido. O que se viu, nos parece, foi a sujeição de amplos segmentos sociais a um cotidiano cuja qualidade de vida estava aquém das expectativas traçadas nos discursos ufanistas e redentores dos setores da oficialidade instalados no município.

A falta de dignidade no viver desses mesmos segmentos, visto que os recursos essenciais para tal dignidade (moradia, alimentação, educação, saúde) se restringiu a uma elite, que habitava os conjuntos residenciais da empresa e a área nobre da cidade, ou foram por ela controlados de tal forma através dos aparatos policiais ou jurídicos, para evitar que qualquer subversão à ordem, delas emanadas e por elas estabelecidas, se concretizassem, se viu expresso no problema generalizado da moradia e no favelamento, no crescente índice de criminalidade e violência, na ampliação dos setores informais da economia e na enorme quantidade de desempregados.

Naquele contexto, de maneira mais sutil, mais ardilosa, quem se viu envolvido, engolido pelo motor do nacionalismo desenfreado e triunfalista dos governos militares que dominaram o cenário político brasileiro nos anos 60 e 70, responsáveis por projetos grandiosos como a Transamazônica, Tucuruí, e por Itaipu, e que mantiveram intacto o *status* e o poder de uma elite que vivia como se no país não houvesse crise econômica e recessão, foram, sem dúvida, as camadas populares: o pequeno agricultor, o trabalhador pobre das grandes cidades, os "barrageiros", e todos aqueles que se viam necessitados de trabalho para minorar seu sofrimento, sua fome, pela própria sobrevivência.

E as alterações, na vida de cada segmento dessas camadas populares, principiou-se no momento mesmo em que foram atingidos pela propaganda oficial, pela oferta de emprego das empreiteiras ou seus "agenciadores", e abandonaram, temporária ou definitivamente, aqueles lugares que representavam seu referencial de vida. De onde partiam e, depois de muito perambular pelo Brasil afora, esse também deixava de existir, aflorando aquele "sentimento de perda" mencionado por Bresciani, referindo-se à conjuntura inglesa do século XIX:

"Uma última perda: o homem, em especial o trabalhador fabril e urbano em geral, arrancado dos vilarejos e impelidos a levar uma vida agressiva nas cidades. Perda do *habitat tradicional*, onde conjugava-se o trabalho artesanal com o labor dos campos;

onde toda a família encontrava condições de trabalho e onde a vida não aparecia cindida em tempo do patrão e lugar do trabalho contrapostos a tempo do descanso e lugar de morar".<sup>7</sup>

A medida em que se deslocavam para aquela região de fronteira, para compor, junto com uma gama de novos companheiros, vindos também de meios distintos e com os mesmos objetivos, um exército de operários à disposição da Usina e das elites locais, plasmarse-ão com a população já ali estabelecida, determinando um processo de interação dialética entre as várias culturas ali presentes.

E é essa massa de trabalhadores deslocados, que para lá se dirigiram, atendendo a um chamado seu, pessoal, premido pela necessidade de sobrevivência, ou por um sonho possível, que nos fez trilhar os caminhos da história que culminou na montagem de toda a estrutura daquele empreendimento que desestruturou o cotidiano da população que até então vivia na cidade. Trabalhadores que foram manipulados pelos meios de comunicação que veiculavam o chamado do governo e das empreiteiras, que acenavam com uma "nova vida", um "novo progresso", a redenção da fome, da miséria, da insalubridade, de todos os males da civilização moderna, com a construção da maior Usina Hidrelétrica do mundo. E uma parcela significativa deles, ou não foram absorvidos pela Obra e tiveram que moldar-se à nova realidade que se lhes afigurava, ou, quando conseguiram seu intento, foram depois dispensados em imensas leva, agregando-se a Foz do Iguaçu, tendo que reorganizar suas vidas.

O que aconteceu com os barrageiros que trabalharam na Itaipu e foram despedidos antes ou ao término da Obra, e que, em função da conjuntura recessiva por que passava o país, que cancelou projetos de novas Usinas, se agregaram à cidade? E com aquele enorme contingente de trabalhadores que para ali se dirigiram e não foram absorvidos pela Itaipu? Como todos esses personagens vão se adaptando à nova realidade de Foz do Iguaçu e seu cotidiano?

Portanto, nessa conjuntura, tentaremos mostrar uma parcela da história dos muitos personagens dispensados de Itaipu, e daqueles que vieram na enchurrada das contratações das

---

<sup>7</sup>-BRESCIANI, Maria Stella Martins. *As faces do monstro urbano (as cidades do século XIX)*. op. cit. p.38.

empreiteiras, ou convidados por companheiros, com sonhos de qualquer mortal que anseia pela emancipação econômica e por uma vida digna, e viram-se excluídos de todo o processo da Itaipu. Seja como trabalhador, e portanto participante direto, trabalhando de forma aviltante em boa parte de seu tempo naquela obra, tendo sido demitido com pouquíssimas (ou nenhuma) vantagem ao longo do término das obras; seja como aventureiro que participou da mesma como mero coadjuvante, desenvolvendo atividades que serviram apenas para mantê-los vivos em um lugar que não era o seu; seja como mais um que para ali se dirigiu, investindo o que tinha numa empreitada arriscada, e que não apenas não tiveram retorno, como tiveram que fixar-se à cidade e ali tentar redimir-se de seu erro.<sup>8</sup>

A realidade para toda essa gente mostrou-se outra. Mais feroz, mais mesquinha e mais perturbadora. As promessas se esvaíram como a natureza que outrora, ocupava toda a área do Lago de Itaipu.

Para os que trabalharam na construção da Usina, nada de garantias no emprego, nada de segurança após o término da obra, nada de conquistas duradouras que permitissem uma permanência digna e definitiva na cidade, ou o reencontro, após anos de trabalho, com a terra de onde partiram, ou, para muitos, trabalho numa nova barragem ou grande obra.

Aqueles que não se engajaram no projeto Itaipu, restou-lhes inventar um jeito novo de viver na cidade, adaptar-se às circunstâncias que se apresentavam e fazer frente a elas, como bem salientou Maria Inês Borges referindo à São Paulo de finais do século passado e início do XX.<sup>9</sup>

O que se afigurou para a grande maioria de trabalhadores dispensados da Itaipu, junto com suas famílias e que ali ficaram, foi a perspectiva de sobreviver com o minguido Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (F.G.T.S) enquanto durou, ou arrumar outra atividade para tentar conseguir o mínimo de dinheiro para a sobrevivência. Problema sério para quem se especializou na construção de barragens.

---

<sup>8</sup>-Sobre esses trabalhadores nômades, Cf. MARX, Karl. *O Capital. op. cit.*, pp. 771-773.

<sup>9</sup>-Sobre trabalho informal e/ou as improvisações empreendidas pelos trabalhadores ver PINTO, Maria Inês Machado Borges. *op. cit.*

Uma das muitas reflexões que se faz sobre aqueles trabalhadores em barragens, e especificamente sobre os de Itaipu, é expressa por um funcionário da empresa que viveu o dia-a-dia da Obra junto com aqueles personagens:

"Outro problema foi o da demissão. O "barrageiro" está acostumado a trabalhar 3 a 4 anos numa obra e depois ir para outro lugar. Itaipu demorou 14 anos. Muita gente criou raízes aqui. Quando foi demitido foi obrigado a sair daquela casa. O que ele fez foi construir um barraco nas cercanias. Surgiu bairros como o São Sebastião, o Areião. São pessoas que trabalharam e moraram dentro de Itaipu e depois tiveram que se virar".<sup>10</sup>

Cresceu o excedente de mão-de-obra na construção civil de Foz do Iguaçu, que, a despeito do vertiginoso crescimento experimentado pela cidade, não foi absorvida por esse setor, provocando, como em todo o Brasil na década de 80, desemprego em massa.<sup>11</sup>

Essa massa heterogênea que ocupou a cidade, formou um aglomerado populacional de baixa renda, um cinturão de pobreza nas periferias de Foz do Iguaçu, constituindo-se no que Louis Chevalier, a respeito do contínuo e assustador aumento da população pobre da França no século XIX, chamou de "classes perigosas".<sup>12</sup>

Formaram-se ao redor da cidade, "bolsões"<sup>13</sup> compostos pelos setores empobrecidos, que não possuíam trabalhos regulares ou viviam de expedientes informais, em face da retração do mercado de trabalho<sup>14</sup>, que passaram a ameaçar, aos olhos dos habitantes das áreas centrais, a estabilidade aparente que ali existia, uma vez que "assustavam os contemporâneos por terem um

---

<sup>10</sup>-Sergio Benevides. *Entrevista*.

<sup>11</sup>-Com exceção, em parte, do comércio de exportação e importação na fronteira que, sempre pendia beneficemente para um dos países.

<sup>12</sup>-Para a compreensão do que representava essas "classes perigosas" para a sociedade ver CHEVALIER, Louis. *op. cit.*

<sup>13</sup>-O termo "bolsões de pobreza", que nos parece bastante apropriado para o caso de Foz do Iguaçu, é utilizado por BRESCIANI, Maria Stella Martins em *Londres e Paris no século XIX. op. cit.*

<sup>14</sup>-Cf. PINTO, Maria Inês Machado Borges. *op. cit.* pp.101-104.

vínculo irregular com o trabalho, por conseguirem viver às expensas do roubo e do jogo, por escaparem às possibilidades classificatórias do pobre trabalhador respeitável".<sup>15</sup>

Mais especificamente, criou-se um semi-cinturão de bairros populares/periféricos e aglomerados sub-normais que surgiram das concentrações de trabalhadores pobres ou desempregados nas áreas onde o Poder Público construiu, sempre em números reduzidos, moradias populares, e em áreas que foram sendo ocupadas espontaneamente.

E outro semi-cinturão, não menos problemático aos olhos daquela população que ia se adaptando aos novos ventos que sopravam cada vez mais violentos, espantando a antiga calma, era formado pelas fronteiras com o Paraguai e a Argentina, com uma população de pobres bastante expressiva, de pessoas expulsas de suas terras pelos grandes latifúndios, e por aqueles que também foram atraídos pela construção de Itaipu.<sup>16</sup>

Essa situação vai requerer a intervenção do Poder Público para controlá-la, ordená-la, reprimi-la, para manter a ordem e o pleno funcionamento de todas as atividades controladas pelas elites locais.<sup>17</sup>

Ocorre que, na vida cotidiana daquelas pessoas, "cuja característica dominante é a espontaneidade",<sup>18</sup> onde "o indivíduo é um ser singular que se encontra em relação com sua própria individualidade particular e com sua própria genericidade humana"<sup>19</sup> dentro de um espaço/tempo por excelência de mudanças constantes, da "não oficialidade", e fundamentalmente da improvisação, tais intervenções que buscavam caldear aquela imensa massa desgarrada e

---

<sup>15</sup>-Cf. CHESNEY, Kellow. *The victorian underworld*. Grã-Bretanha: Penquin Books, 1970. Apud. BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX*. op. cit.. p.40.

<sup>16</sup>-Conferir sobre questões referentes à penetração de brasileiros em território paraguaio, e à grande quantidade de terras que lá possuem, LAINO, Domingo. *Paraguai: fronteiras e penetração brasileira*. São Paulo: Edit. Global, 1979. SCHILLING, Paulo R. *El expansionismo brasileño*. Buenos Aires: El Cid Editor, 1978.

<sup>17</sup>-Sobre essas questões ver FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. op. cit.. *A verdade e as formas jurídicas*. op. cit.. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1991.

<sup>18</sup>-Cf. HELLER, Agnes. op. cit. p.29.

<sup>19</sup>-*Idem, Ibid.*, p.23.

agregada à cidade para a obviedade que supunham ser seu o destino natural, tornaram-se mais difíceis e, muitas vezes, nulas.

Pois no cotidiano produziu-se a resposta daquele segmento, daquela gente: se tinham que voltar ao seu lugar de origem ou outra barragem e não tinham recursos, ou não existia trabalho, viram-se forçados, como descreve Maria Stella Martins Bresciani sobre a população pobre em busca de emprego na Londres do século XIX, e que ao longo do desenvolvimento urbano de outras áreas torna-se prática comum, a "residir no centro da cidade (*em favelas*) onde sua busca de emprego ocasional se faz possível a cada manhã",<sup>20</sup> ou bairros populares na periferia que não comportavam tamanha quantidade de famílias, o que alterou profundamente o espaço da cidade, desorganizando-o sob a ótica da autoridades e elites locais.<sup>21</sup>

Se deveriam trabalhar na economia formal e, como relata Maria Inês Borges, sobre situação semelhante na São Paulo no início do século, "os entraves estruturais da economia à acomodação do homem pobre no processo produtivo, o rápido crescimento demográfico de uma população pobre, desempregada, trazida pela corrente imigratória, e a frequência das flutuações cíclicas de suas atividades" levando-os a "uma situação ambígua de participação-exclusão, cujas possibilidades de se integrar nas profissões lucrativas estáveis eram reduzidíssimas, estando condenados ao semi-emprego crônico",<sup>22</sup> trabalhavam na informalidade, nos sub-empregos, foram ganhar o salário-mínimo do Paraguai (geralmente muito maior que o brasileiro, e em dólar) fazendo qualquer tarefa para sobreviver.

Porque, como bem lembrou e enfatizou Eder Sader, a questão do desemprego não se limita "a falta de recursos para a própria subsistência" mas "como a desmoralização sofrida está ligada a

---

<sup>20</sup>-Cf. BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX*. op. cit., p.37.

<sup>21</sup>-A respeito da reorganização dos espaços das cidades pelas camadas populares ver LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. op. cit.

<sup>22</sup>-Cf. Pinto, Maria Inês Borges Machado. op. cit. p.104-105.

uma ferida produzida no âmago de uma identidade construída do *trabalhador honesto e responsável*, que assegura o sustento da família e tem seu lugar na sociedade".<sup>23</sup>

E, no limite, aquelas famílias mandaram suas crianças para as ruas como pedintes, lavadores ou guardadores de carros, vendedores, engraxates... ou viraram criminosos confessos ou considerados como tal.

Mais uma vez a imagem recorrente da modernidade representada pela conjuntura européia do século XIX, do desenvolvimento da industrialização, do crescimento das cidades, e da banalização do ser humano, se faz presente, como podemos perceber na análise de Bresciani sobre a configuração das massas populares na França, onde afirma que "praticamente inexiste diferença entre *homem trabalhador, pobre, e criminoso*" os quais "constituem níveis de uma mesma degradada condição humana, a do trabalhador dos grandes centros urbanos" onde "a exposição pública do trabalho e da pobreza compõe no social uma dimensão assustadora da realidade."<sup>24</sup>

É nesse espaço e nessas circunstâncias, que o cotidiano de Foz do Iguaçu alterou e foi alterado por essa gente parida por Itaipu.

A marca registrada da cidade à medida em que se avançava para o término das obras de Itaipu, foi a convivência daquela imensa parcela de população pobre com as dificuldades impostas pela estrutura sócio-política e econômica, que ali estava estabelecida sobre um capitalismo feroz e impiedoso, levando-os a criar alternativas para "driblar", para burlar uma situação concreta a que estavam submetidos.

Em 1991, ano em que se concluiu a Usina de Itaipu, numa radiografia da população de Foz do Iguaçu apresentada no anuário estatístico da cidade, percebemos como essa massa de trabalhadores que surgiu de todos os lugares do Brasil e países vizinhos, vão deixar sua herança, em termos de problemas sociais.

---

<sup>23</sup>-Cf. SADER, Eder. *op. cit.* p.70.

<sup>24</sup>-Cf. BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX*. *op. cit.*, p.51-52.



Para uma população de 190.175 habitantes, correspondia aos bairros populares,<sup>25</sup> uma população de 107.809 pessoas. E para esse total de pessoas que viviam nas áreas periféricas da cidade, os dados apontavam que 62.184 estavam incluídas no rol das Pessoas em Idade Ativa, para servir o mercado de trabalho. Porém apenas 29.963 estavam formalmente cadastradas como economicamente ativa. As demais, estavam, sem dúvidas vinculadas ao mercado informal.<sup>26</sup>

Esses áreas densamente povoadas surgiram em função da chegada daquela imensa massa de trabalhadores, qualificados ou não, para Itaipu, o que obrigou o Poder Público a tomar medidas quanto à construção de moradias para abrigá-los. Como bem ressaltou Hobsbawn sobre o espaço ocupado pelas camadas populares nas grandes cidades européias do século XIX, "para os planejadores de cidades, os pobres eram uma ameaça pública, suas concentrações potencialmente capazes de se desenvolver em distúrbios deveriam ser impedidas e cortadas por avenidas e bulevares, que levariam os pobres dos bairros populosos a procurar habitações em lugares menos perigosos"<sup>27</sup>, também em Foz do Iguaçu lançaram mãos de projetos nesse sentido.<sup>28</sup>

Porém, é interessante notar, que os esforços despendidos pelos órgãos públicos no sentido de fazer frente ao déficit habitacional, que nos primórdios de Itaipu já era sentida no município, pouco beneficiava a população mais carente, não apenas no número de residências como na qualidade das mesma.

Segundo entrevista em 1977, o então prefeito nomeado, Clóvis Cunha Viana, traçava seu programa habitacional para Foz do Iguaçu "face ao déficit habitacional na cidade, gerado pelo fenômeno Itaipu(...)."<sup>29</sup>, construindo num espaço desapropriado de 453.000 m<sup>2</sup>, 559 unidades

---

<sup>25</sup>-Zona Homogênea 3 (Porto Meira); Z.H. 5 (Mata Verde, Carimã, Est. das Cataratas); Z.H. 6 (Campos do Iguaçu. COHAPAR, Libras, São Paulo, Jardim Alice); Z.H. 9 (Rincão São Francisco); Z.H. 11 (Três Lagoas); Z.H. 13 (Porto Belo, São Sebastião); Z.H. 16 (Vila "C" de Itaipu).

<sup>26</sup>-Cf. *Anuário Estatístico de Foz do Iguaçu 1992*. op. cit.

<sup>27</sup>-HOBSBAWN, Eric J. *A Era do capital*. op. cit.. p.224.

<sup>28</sup>-Cf. P.D.U.. *Seminário de Desenvolvimento Regional*. Foz do Iguaçu, 1981. *Alternativas para a cidade de Foz do Iguaçu após o "Ciclo Itaipu"*. Foz do Iguaçu, 1980.

<sup>29</sup>-Clóvis Cunha Viana. Entrevista à Revista Técnica. Curitiba, n.12, dez./77. p.2.

habitacionais para quem ganhava de 3 à 5 salários mínimo, e 728 unidades num espaço desapropriado de 289.000 m<sup>2</sup> para quem recebia 1 à 2 salários mínimo.<sup>30</sup>

Começa uma política de higienização, de limpeza das áreas centrais da cidade, já marcada pelo aumento constante de moradias sub-normais, habitadas por aquele exército de trabalhadores que inundavam a cidade, com a construção de bairros populares que visavam abrigá-los, em suas minguadas unidades, numa prática muito parecida com aquela descrita por Hobsbawm sobre os bairros da classe operária nas cidades industriais inglesas do século XIX.<sup>31</sup>

Maqueava-se, temporariamente a cidade, e a revista *Painel*, de Foz do Iguaçu, em 1979, divulgava esse acontecimento como sinônimo das transformações impostas por Itaipu:

"Em pesquisa realizada junto aos favelados, que estão sendo transferidos para o conjunto habitacional, as respostas foram unânimes de euforia, pelo contentamento de se livrarem dos barracos das favelas, que diga-se de passagem, uma condição desumana de moradia que foi desenvolvida por força maior de circunstâncias imperiosas ditadas pela construção das obras de Itaipu, que atraíram elevado contingente de trabalhadores de toda ordem, inclusive e principalmente os de baixa qualificação profissional, que se obrigaram a esse tipo de abrigo, em termos de moradia, por absoluta falta de condição para ser conseguido melhor atendimento."<sup>32</sup>

Entretanto, pouco tempo mais tarde, a maior parte das pessoas transferidas para lá, por impossibilidade de pagar as altas prestações, voltaram a viver em favelas ou pagar aluguel, mostrando uma realidade distinta daquela projetada pela Prefeitura local, como assinalava o jornal *Nosso Tempo* em 1981:

"Os projetos de casa própria levados à prática pela Prefeitura ou o governo estadual beneficiaram menos de 10 por cento da população carente de moradia.(...)Setenta e cinco por cento da população de Foz do Iguaçu mora em bairros onde não há a mínima infraestrutura.(...)Enquanto isso, Itaipu esnoba perante nossa miséria com seus conjuntos A, B e C, dotados da mais requintada infraestrutura."<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup>-Idem.

<sup>31</sup>-Cf. HOBSBAWN, Eric J.. *A Era do Capital*. op. cit.. pp.224-225.

<sup>32</sup>-Revista *Painel*. Foz do Iguaçu, n. 69, fev/79.

<sup>33</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 18 a 25/02/81.

Porém, de forma geral, a população carente, aqueles trabalhadores ou desempregados, em função do contínuo aumento do custo de vida local provocado pela presença de Itaipu, viviam mesmo em aglomerados sub-normais, e a imprensa e os dados estatísticos apontavam nessa direção.

Em um Seminário patrocinado pela Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, em 1981, intitulado "Seminário de Desenvolvimento Regional", em um sub-capítulo de nome *Itaipu "Eldorado"*, assinala os reflexos sociais de Itaipu:

"Nos três primeiros anos da construção de Itaipu, a cidade recebeu um grande contingente de operários vindos à procura de empregos e atraídos pelo sonho do *eldorado* de Itaipu. Muitos voltaram e os que ficaram, impossibilitados de utilizar a estrutura habitacional existente, por ser pequena e cara, se fixaram principalmente ao longo do Rio Paraná, criando grandes aglomerações de favelas. Em 1978, através de uma pesquisa sócio-econômica elaborada pelo Governo Municipal, somente em um núcleo favelado, denominado Monjolo, existiam na época, mais de 2.000 famílias."<sup>34</sup>

Ainda em 1981, a imprensa apontava que nesse ano "somente dentro da cidade existem 3.400 pessoas faveladas vivendo de sub-emprego"<sup>35</sup>, a maioria dos quais ex-moradores dos conjuntos construídos pelos órgãos públicos, e muitos e muitos trabalhadores ou ex-trabalhadores na Itaipu, como depõe Artur Melo Silva, favelado, desmistificando que a favela era lugar por excelência de vagabundos e criminosos:

"Quem é que está construindo Itaipu, as obras existentes na cidade? É o favelado. Quem trabalha no pesado? É o favelado. As empregadas domésticas saem de onde, partem de onde? Da favela. Então é um povo trabalhador, esforçado. E explorado sempre. Claro que existe vadio na favela. Mas como é que podem melhorar de vida se não podem comer carne, melhorar a moradia, tratar da saúde, dar educação aos filhos?"<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup>-*Seminário de Desenvolvimento Regional*. op. cit.. p.05.

<sup>35</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 21 a 27/10/81.

<sup>36</sup>-Entrevista de Artur Melo Silva. In. *Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 21/01/80.

E como vivia à margem de Itaipu, mas ao mesmo tempo envolvido pelo poder que dela emanava em forma de exclusão, emitia seu pensamento sobre a mesma:

"É uma grande obra mas não é pra nós que estão construindo isso aí não. Como sempre, entendeu? Itaipu deveria pelo menos pagar melhor para os peões. Os doutores lá ganham fortunas e vivem no luxo. Os peões são transportados em jamantas como gado que vai ao matadouro. Assim não dá."<sup>37</sup>

Ao final das obras da Usina, o quadro habitacional, que abrigava uma parcela marcante da população da cidade, se agravava substancialmente, uma vez que, segundo dados do Anuário Estatístico de Foz do Iguaçu, em 1989 viviam em aglomerados subnormais 1.506 famílias perfazendo um total de 7.986 pessoas, e em 1991, 2.965 famílias num total de 12.997 seres humanos vivendo em condições precárias.<sup>38</sup>

Lefebvre se manifesta sobre a questão do espaço em que vive as camadas populares:

"O humilde habitante tem seu sistema de significações (ou antes seu subsistema) ao nível ecológico. O fato de habitar aqui ou ali comporta a recepção, a adoção, a transmissão de um determinado sistema(...) O sistema de significações do habitante diz das suas passividades e das suas atividades; é recebido, porém modificado pela prática. É percebido."<sup>39</sup>

Relevando tais considerações, naqueles espaços se organizou uma vida paralela à da cidade. Ou melhor, os moradores dessas áreas densamente povoadas, passaram a ter uma ligação com as áreas centrais da cidade e de maior movimento comercial, apenas enquanto espaço de trabalho. Mesmo assim, aqueles espaços passaram a ter vida própria, permitindo que uma parcela expressiva dos moradores quase não dependesse de outros pontos da cidade para sobreviver, pois, como ressalta Arlete Farge sobre os bairros parisienses do início da modernidade, guardadas as devidas proporções espaço-temporais, estes são "algo muito diferente de um espaço geográfico: é

---

<sup>37</sup>-Idem.

<sup>38</sup>-Cf. A.E.F.I. op. cit.

<sup>39</sup>-Cf. LEFEBVRE, Henry. op. cit., p.109.

um meio autônomo que reage segundo suas regras e suas leis"<sup>40</sup>, e que, apesar de vigiado pelas autoridades, só é lembrado, freqüentado, e investido de importância, às vésperas de campanhas eleitorais.

Trabalho e lazer (precários ou elementares) conquistado, inventado, por pessoas outrora excluídas de Itaipu e dos meios formais da economia local, nessas localidades, são organizados conforme o ritmo de vida da população, "integrando indiferentemente no cotidiano o tempo-trabalho e o tempo-lazer"<sup>41</sup>, visto que boa parcela não estava sujeita à "disciplina regular do serviço, que caracteriza o sistema fabril, e nem ao "tempo-objetivo", marcado em unidades racionalmente iguais pelo relógio e que regula artificialmente as atividades humanas, fracionando linearmente os momentos de trabalho e de lazer", <sup>42</sup>como explica Maria Inês Borges tratando de São Paulo no início do século.

Pois dentre aqueles ex-trabalhadores de Itaipu, que viviam nessas áreas da cidade, encontramos boa parcela atuando na construção civil em regimes regulares de trabalho vinculados a alguma empresa do setor. Uma outra parcela passou a atuar como autônomos na construção de imóveis na cidade, principalmente naquelas regiões periféricas, em bairros populares. E uma imensa parcela começou a viver de atividades distintas daquelas à qual possuía especialização: passaram a vender automóveis, tornaram-se mecânicos, garis, "puxadores" de muamba no Paraguai, vendedores ambulantes, comerciantes, e os mais diversos tipos de atividades:

"Muitos desses barrageiros ficaram aqui em Foz. E foram trabalhar em outras atividades diferentes de sua especialização. Tem soldador que montou bar, montador que abriu loja de automóvel, etc. os peões vão embora para trabalhar no campo, ou em outras atividades na cidade, ou ficaram trabalhando em atividades informais."<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup>-Cf. FARGE, Arlete. Famílias, a honra e o sigilo. In: ARIÈS, Philipe e CHARTIER, Roger. (org) História da vida privada. v.3. Tradução por Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 588.

<sup>41</sup>-Cf. PINTO, Maria Inês Machado Borges. *op. cit.* p.262.

<sup>42</sup>-*Idem, Ibid.*

<sup>43</sup>-Antonio Bonifacio da Silva. *Entrevista.*

Aquelas pessoas, ainda que de forma precária, conseguiram sobreviver com algum dinheiro. Boa parte, no entanto, engrossou as fileiras daqueles que, sem nenhuma atividade, não conseguiam empregar-se na economia local:

"Eu trabalhava na obra. Era pedreiro na UNICON e ganhei a conta junto com a última leva, quando eles mandaram mais de 4 mil embora. Isso já faz uns 6 meses, e de lá para cá não encontrei emprego. O dinheiro do Fundo de Garantia já acabou faz tempo e a gente tem que viver com a miséria que ganha fazendo um servicinho aqui, outro lá".<sup>117</sup>

Muitos daqueles moradores, barrageiros que se acostumaram à vida errante, à não fixação permanente nos lugares de trabalho, a insegurança quanto ao destino era marca registrada daquele momento de sua vida. Viam na fuga da cidade, a salvação para uma situação insustentável:

"Vou pra Rondônia. Melhor pegar malária que morrer de fome. Eu era ajudante de serviços gerais na Itaipu e daí acabou o serviço e fui despedido. Tirava naquela época cerca de 100 mil por mês e dava pra gente viver folgado porque tudo era mais barato. Hoje tá difícil, desde que saí de lá não encontrei mais emprego em lugar nenhum. E olha que eu já caminhei por tudo. Bato de porta em porta e só encontro resposta negativa. Não sei o que vou fazer agora".<sup>44</sup>

Nesse universo que se instaurou em Foz do Iguaçu, à medida em que foi se transformando, em sua infra-estrutura, em sua estética, produziu em seu interior problemas verificáveis em cidades de médio ou grande porte, tendo em seu bojo aqueles problemas relacionados com o enorme números de desempregados ou sub-empregados, que compreendia segmento tão expressivo na sociedade.<sup>45</sup>

Boa parte daquela população que compunha o quadro urbano de Foz do Iguaçu era proveniente das áreas rurais que foram inundadas pela represa de Itaipu, portanto diretamente ligada à conjuntura imposta por aquele empreendimento.

---

<sup>44</sup>-Pedro João de Souza. 6 dependentes, estava desempregado a 7 meses. *Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 21/01/81.

<sup>45</sup>-Também sobre essa questão ver CHEVALIER, Louis. *op. cit.* e PINTO, Maria Inês Machado Borges. *op. cit.*

Esses ex-pequenos proprietários rurais, meeiros ou arrendatários, que se viram sem terras para dar continuidade às suas atividades na lavoura ou na pecuária, e que se deslocaram para o meio urbano com o pouco que conseguiram de indenização, ou que conseguiram acumular (e normalmente era pouco para algum investimento, para sobreviver sem emprego por muito tempo, e para adquirir um pedaço de terra, ali muito valorizado) vão se juntar, em estado precário, à massa já ali estabelecida, levando, inclusive, vereadores de Partidos conservadores, a acusar Itaipu pela situação a que forma relegados tais trabalhadores:

"Em 1978 a Itaipu pagava oito mil cruzeiros por alqueire, mas naquela época se comprava a mesma terra por 60 a 70 mil cruzeiros. Hoje a Itaipu vem pagando 300/350 e o preço da terra está em 500/600 mil por alqueire.(...)Como é que um proprietário de dois ou três alqueires vai poder comprar novas terras se receber essa insignificância? Conheço gente que vivia em Alvorada do Iguaçu e foi desapropriada por Itaipu e hoje está vivendo em favelas."<sup>46</sup>

Delineou-se todo um espectro caótico em termos de perspectivas para o equacionamento daqueles problemas, bem como soluções para os demais, por parte do Poder Público, das elites locais e da Itaipu Binacional, num contexto, onde conviviam de forma contrastante e cabal, riqueza e pobreza, ostentação e miséria. Como subterfúgio, como auto-expição, como justificativa àquele quadro, estes segmentos privilegiados, têm uma familiaridade muito grande com outra realidade moderna, de cem anos de atrás, quando as discussões, segundo Himmelfarb, a respeito da pobreza na sociedade londrina "evocava a fantasia de uma fraternidade felizmente unida pelo delito".<sup>47</sup> Muito parecido com os discursos dos defensores do "progresso" que se desenrolava em Foz do Iguaçu, veiculados pela imprensa, e por aqueles que estavam do outro lado das dificuldades, são aqueles apontados pela autora naquele período:

---

<sup>46</sup>-Alberto Koelbl, Sessão da Câmara de Vereadores de Foz do Iguaçu. Citado por *Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 01 a 07/04/81.

<sup>47</sup>-Cf. HIMMELFARB, Gertrude. *op. cit.* p. 361.

"Entretanto alguns consideravam a co-existência da riqueza e da pobreza uma evidência dramática da injustiça social, um convite constante à inveja, ao descontentamento e à dissensão, outros a consideravam um meio de melhoria social, e que os luxos dos ricos lhes oferecia emprego e sustento aos pobres e assim a oportunidade de 'melhorar'".<sup>48</sup>

Segundo a constatação de 1981 do jornal *Nosso Tempo* o crescimento da cidade "com o esvaziamento do campo derivado depois do surgimento de plantações extensivas",<sup>49</sup> fez com que a população urbana aumentasse de forma assustadora. Acrescentava que "o último censo deu 80 por cento da população de Foz concentrada na zona urbana. Por outro lado e coincidindo em termos de tempo, começou a obra de Itaipu que absorveu parte desta mão-de-obra e atraiu grandes contingentes de trabalhadores especializados tanto diretamente em barragens como em setores secundários e terciários ligados à construção da hidrelétrica"<sup>50</sup> o que refletiria boa dose da herança deixada pela Usina, no que tange aos aspectos sociais, em contraste marcante com o gigantismo por ela propugnado.

Tomando essa linha de análise, acreditamos que toda área, como Foz do Iguaçu, que experimentou um crescimento rápido, tenha apresentado como consequência, sensíveis transformações no *modus vivendi* de sua população.

E um dos elementos constitutivos permanentes das áreas que experimentaram tal crescimento sem o devido planejamento, é a criminalidade e a violência que, surgidas na esteira do projeto Itaipu, potencializou-se com a presença do comércio de fronteira que arregimentou boa parcela daqueles ex-funcionários da Usina e daqueles que perambularam a ermo durante muito tempo sem encontrar alternativas concretas de ganhar dinheiro e sair do atoleiro em que viviam.

Relatando o processo de crescimento da criminalidade em Belo Horizonte, Minas Gerais, Antonio Luiz Paixão, analisa os componentes que incidem diretamente na sua configuração, e que trazem consigo muito da situação enfrentada por Foz do Iguaçu a partir da presença de Itaipu naquelas paragens:

---

<sup>48</sup>-*Idem, Ibid.*

<sup>49</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 18 a 25/02/81.

<sup>50</sup>-*Idem, Ibid.*



"(...) a violência e a criminalidade encontrariam nas grandes cidades expostas a rápidas mudanças sociais o ambiente propício para sua expansão. Variáveis estruturais como o tamanho, a diferenciação, a fluência e a concentração da renda e variáveis sócio-psicológicas como o isolamento, a impessoalidade e a formação de subculturas periféricas avaliando positivamente a criminalidade, adicionadas produziram os atores centrais do problema - as "classes perigosas", ou os grupos sociais que experimentam mais direta e fortemente a dissociação entre "aspirações culturalmente prescritas" e "avenidas socialmente estruturadas" para a realização das aspirações."<sup>51</sup>

As instabilidades próprias das áreas de fronteira, que permitem uma circulação muito grande de produtos e pessoas, e que são esconderijos adequados para atividades marginais, favoreceram o crescimento do número de atos ilícitos de toda ordem, bem como tornaram práticas comuns o contrabando, o roubo e o narcotráfico, praticados como alternativa ao desemprego, o que "significava um meio complementar do trabalhador pobre cobrir as deficiências do próprio salário para a sua manutenção pessoal e da sua família".<sup>52</sup>

No cotidiano das camadas populares de Foz do Iguaçu, fazer parte desse mundo era, muitas vezes, não uma opção, mas uma necessidade para conseguir salvar a própria vida e de seus dependentes. Era "matar ou morrer". Era ver-se atirado à sargeta, ou pedindo esmola para não roubar; ou roubar, contrabandear para não ter que experimentar o gosto amargo de uma vida passando fome. Maria Inês Machado Borges Pinto, definiu muito bem a situação que, na maioria das vezes, era responsável pela atração de boa parcela da população pobre, a atos ilícitos, na São Paulo do começo do século, e que, nos parece, se enquadra no perfil de Foz do Iguaçu daquele momento:

"As limitadas oportunidades ocupacionais, o desemprego crônico, os baixos salários, a instabilidade profissional e a pressão da miséria cotidiana influíram para que o trabalhador sem recursos recorresse a inúmeras formas marginais de ganhar a vida, tais como, o furto, a mendicância, a prostituição e outros expedientes(...)"<sup>53</sup>

<sup>51</sup>-Cf. PAIXÃO, Antonio Luiz. Crimes e criminosos em Belo Horizonte, 1932-1978. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio (org.). *Crime, violência e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1983. pp.16-17.

<sup>52</sup>-Cf. PINTO, Maria Inês Machado Borges. *op. cit.* p.201.

<sup>53</sup>-*Idem, Ibid.* p.202.

Apenas ressaltamos que, em função da conjuntura de Foz do Iguaçu, ingressa na modernidade do século XX, onde o "progresso" mostrava seu outro lado da face, as dimensões dessas formas marginais eram consideravelmente maiores e mais incisivas para a sociedade, pois implicava, muitas vezes, estar associado ao crime organizado, ou a atos criminosos de grande impacto, cujo território vizinho, no Paraguai, era refúgio seguro.

Fazemos nossa as palavras de Chalhoub, sobre a perspectiva de se trabalhar historicamente com a questão da violência, principalmente porque sua definição e abrangência é tão grande, possuindo características díspares conforme o momento histórico e as classes envolvidas que a produzem:

"Parece problemático trabalhar com a noção de violência como instrumento heurístico, já que tal conceito está carregado de conotações de classe(...)"<sup>54</sup>

Sendo a violência sentida em toda sua extensão, mas de difícil mensuração, procuramos, então, como retrato de um cotidiano forjado pela presença de Itaipu em Foz do Iguaçu, fazer emergir os elementos constitutivo da desestruturação operada em seu cotidiano e que vinculavam-se, ou eram um espelho, daquela violência: a precária qualidade de vida daquelas camadas populares que levavam à improvisações pela sobrevivência, e dentre as quais destacamos o alto índice de crianças espalhadas pelas ruas como trabalhadores informais ou mendigando,<sup>55</sup> e a criminalidade.

Baseando-nos, fundamentalmente, em entrevistas e reportagens de jornais e revistas locais, e acreditando que "estatísticas oficiais não apenas subestimam o volume da atividade criminosa como também distorcem a distribuição social desta atividade, no sentido da super-representação, na população criminosa, das classes subalternas"<sup>56</sup> podendo conter discrepâncias que dificultariam

<sup>54</sup>-Cf. CHALHOUB, Sidney. *op. cit.*, p.123.

<sup>55</sup>-Cf. PINTO, Maria Inês Machado Borges. *op. cit.*, pp.248-249.

<sup>56</sup>-Cf. PAIXÃO, Antônio Luiz. *op. cit.* p.19.

a análise do processo de intensificação da criminalidade e da violência de cotidiano de Foz do Iguaçu, mas não descartando suas informações, uma vez que tende a refletir, mesmo que parcialmente, o momento histórico ali vivido, tomamos o ano de 1973 como ponto de partida para trazer a tona aquela realidade, visto ser aquele momento o início do empreendimento Itaipu.

Nas décadas de 60 e inícios dos 70, o grande propulsor econômico do local era a exploração e comércio de madeira, e cujo porto de Foz do Iguaçu viveu momentos de grande euforia. As autoridades viam-se impossibilitada de controlar todo aquele imenso território fronteiriço de três países, para capturar mercadorias de tamanho porte, mesmo com o aumento constante de efetivo policial (apoiadas pelo Exército e Marinha) e aparelhamento do mesmo. Com o incremento cada vez maior do movimento de madeiras na região, o problema aguçou-se sobremaneira:

"A base da economia naquele momento era a exportação de madeira para os países platinos e para o Chile. Nós da Receita tínhamos que estar atentos ao contrabando que era intenso aqui no Porto de Foz".<sup>57</sup>

Antigos moradores da cidade viam aquele tipo de crime com certa naturalidade, pois não se faziam grandes alardes sobre tais acontecimentos:

"Aqui, de crime, só tinha mesmo era contrabando. De vez em quando matavam um. Eles (*as autoridades*) diziam que (*o morto*) trabalhava no Paraguai. Eles falavam que era lá no Paraguai (*que havia acontecido a morte*)".<sup>58</sup>

Observamos, portanto, que em 1973, praticamente Foz do Iguaçu não possuía referencial de criminalidade à exceção do contrabando e de pequenos furtos, como ressaltamos em capítulo anterior, não existindo a preocupação com assaltos, homicídios, ou outros tipos de atos ilícitos que pudessem atingir de forma cabal seus moradores.

---

<sup>57</sup>-Entrevista concedida por Eurico Julio Salvaterra Lorenzoni. Foz do Iguaçu, 24/03/94.

<sup>58</sup>-Rosalia Correa Lorenzoni. *Entrevista*.

Três anos depois, em 1976, na esteira do progresso e da modernidade, uma nova realidade já se configura. Quando as obras mais brutas de Itaipu começam a ser executadas, o que requereu a contratação crescente de novos barrageiros, as autoridades começavam a se mobilizar no sentido de enfrentar a problemática social que se vislumbrava e ia se impondo, com o crescente número de novos habitantes:

"Para combater o contrabando, até 1977 a Receita já deverá contar com um sofisticado aparelhamento, que será adquirido através de um Fundo Especial recém-criado.(...) A DPF (*Departamento de Polícia Federal*) que tem entre suas atribuições o controle de fronteiras, contrabando, entorpecentes, entrada de estrangeiros e controle da ordem política e social, deverá dobrar seu efetivo.(...) Nas últimas semanas, a Polícia Militar do Estado aumentou seu efetivo em Foz do Iguaçu de 8 para 32 homens[*sic*].(...) Em 1976, provavelmente, iniciará a construção do aquartelamento definitivo para atender as reais necessidades de segurança da cidade, que já se fazem notar com a grande leva de população que chega diariamente, devendo, no segundo semestre, contar com 100 homens".<sup>59</sup>

Entretanto, apesar de se darem conta das mudanças que se processavam, dos problemas que emergiriam e, portanto, segundo a ótica das autoridades e dos setores dominantes, da necessidade de mais policiais, não conseguiam detectar sua magnitude, visto que o número do efetivo policial, sempre diminuto em face do que os órgãos de segurança acham que necessitam para reprimir a criminalidade<sup>60</sup>, era já pequeno naquele período e o continuou sendo nos anos subsequentes.

Há uma preocupação notória entre o que se acredita ser uma necessidade de aumento de policiais, e portanto da repressão, com a chegada constante de novos trabalhadores que se incorporavam ao mercado, principalmente ligados a Itaipu. A partir da década de 80, o será, também, com aqueles que não mais "pertencem" a Itaipu.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup>-Revista *Panorama*. Cascavel, Abril de 1976.

<sup>60</sup>-Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. op. cit..

<sup>61</sup>-Cf. PINTO, Maria Inês Machado Borges. op. cit.. p.207.

Nesse processo, em 1981, ano em que começa a se acelerar a desmobilização dos trabalhadores de Itaipu, os quais começam a se agregar ao cotidiano daquela cidade, a imprensa registra:

"(...)Mas a verdade é que, na epidemia da criminalidade, Foz do Iguaçu não perde para lugar nenhum. Proporcionalmente, nossa cidade também disputa um lugar no pódio das mais violentas do país. Enquanto isso, festeja-se algo a que se dá o nome equivocado de progresso - Itaipu, enormes avenidas, um aumento caótico e miserável de concentração populacional na cidade e outros projetos mirabolantes."<sup>62</sup>

E a imprensa continuamente registrava o aumento das ocorrências, tipificadas como próprias de lugares urbanizados. Especialmente acidentes de trânsito, atropelamentos, acompanhados de perto pelo aumento da violência, onde surgem os números de pessoas esfaqueadas ou baleadas.

Os dados apresentados em manchetes nos jornais e na T.V. faziam aflorar componentes de um dia-a-dia conturbado, inseguro e até mesmo caótico em termos da perspectiva daqueles indivíduos que se misturavam em um mundo onde a exclusão de participação nos meios produtivos legais, se viam restritos a uma parcela menor, subjugando-os ao enfrentamento pela sobrevivência.

Eram jogados para tarefas alternativas, muitas vezes àquelas consideradas como ações ilícitas (contrabando, jogos clandestinos, narcotráfico, comércio informal, etc.), lembrando que "torna-se de fundamental importância salientar o papel das necessidades materiais, das carências básicas, da pauperização crescente, conduzindo o cidadão pobre a buscar meios ilegais de sobrevivência e ressaltar sua estreita relação com o crime popular que nasce e tem fortes raízes na miséria"<sup>63</sup> como motor para a configuração daquela conjuntura social.

É importante que se ressalte que a correspondência entre aquelas camadas pobres, populares e a crescente criminalidade não deve ser encarada como princípio.

---

<sup>62</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 18 a 25/02/81.

<sup>63</sup>-Cf. PINTO, Maria Inês Machado Borges. *op. cit.* p. 205.

Os dados produzidos pelas elites (sejam estatísticos, ou via discursos e documentos) visavam, sem dúvidas, mostrar que apenas aqueles setores estavam ligados a ações criminosas ou ilícitas.

Entretanto, as elites da cidade se utilizavam continuamente daqueles indivíduos que se permitiam àquelas ações, para conseguir produtos do outro lado da fronteira, em quantidade (como bebidas, eletro-eletrônicos, acessórios automotivos, e uma infinidade de bugigangas), frequentavam cassinos clandestinos, especulavam com o dólar no "black", tinham acesso às drogas através daqueles indivíduos, pagando devidamente pelos serviços, e evitando sua exposição aos órgãos policiais, à imprensa, e portanto à comunidade.

Mantinhavam uma relação com as práticas consideradas criminosas, bastante flexível, conforme as conveniências do momento.

Também com a manipulação dos dados e discursos, buscavam a desorganização, a desestruturação daqueles segmentos, impondo-lhes todo o aparato repressivo existente. E, na maioria das vezes, imputavam-lhes a responsabilidade pelo incremento da violência, quando esta era uma contrapartida daquela que lhes era desferida pelas elites e pelo poder público, setores estes bem organizados da sociedade. Sempre invocando a "manutenção da ordem", "a segurança do cidadão", a "segurança do patrimônio", o "bem-estar da sociedade".

Denotando o agravamento da conjuntura da cidade, a cada dia mais conturbado, em início de 1992, portanto quando Itaipu já entrara em pleno funcionamento, já tendo dispensado os trabalhadores que não lhe eram mais úteis, a sociedade recebia através dos jornais, os dados oficiais referentes a uma das instituições policiais, que acusava um aumento de 15% na criminalidade no ano de 1991 em relação ao ano anterior.<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup>-*O Combate*. Foz do Iguaçu, 16 a 22 de janeiro de 1992.

Arnaldo Bortoli, presidente do Conselho Comunitário de Segurança,<sup>65</sup> traz a tona, através dos jornais, a realidade violenta de uma cidade, que não consegue abarcar e dar soluções aos seus problemas:

"Pelo número de habitantes, e o número de pessoas que estão em trânsito, nós estamos dentro de um número aceitável de crimes. Nós já estamos há muito tempo sem seqüestro, assaltos a bancos, e a nossa criminalidade está dentro de um parâmetro envolvendo bebedeiras, problemas familiares, pequenos furtos, pequenos assaltos..."<sup>66</sup>

Importante apontar para a constatação de que a cidade já estava "há muito tempo sem seqüestro, assaltos a banco", o que demonstra que no período de construção de Itaipu, a violência atingiu patamares que colocavam em perigo constante as elites mais abastadas da cidade.

Nesse contexto, surgiu em "rota de colisão", toda aquela gama de personagens que viviam circulando no espaço da cidade, frutos das situações que se moldaram naquele momento histórico na busca de alternativas de sobrevivência, e o aparato repressor representado pelas polícias que visavam o saneamento da criminalidade e manter uma ordem pouco vislumbrável numa área tão tensa e cheia de meandros obscuros por se adentrar, solucionar e julgar.

E se considerarmos, como frisa Michel Foucault sobre a adequação que tomou as leis em relação aos crimes e delitos, de que além dos "objetos jurídicos definidos pelo Código(...)julgam-se também as paixões, os instintos, as anomalias, as enfermidades, as inaptações, os efeitos de meio ambiente ou de hereditariedade"<sup>67</sup>, vamos perceber que na conjuntura de Foz do Iguaçu, os maiores penalizados no embate entre classes, foram os segmentos empobrecidos ou excluídos daquele contexto.

---

<sup>65</sup>-Segundo o presidente do mesmo, Arnaldo Bortoli, "o Conselho não é um órgão policial, é um órgão para dar apoio às autoridades, dando e reclamando meios junto ao governo do estado para que as polícias militares, civil, federal e rodoviária funcionem e atendam Foz do Iguaçu." *Combate*. Foz do Iguaçu, n. 05, 16 a 22 jan./92.

<sup>66</sup>-Idem.

<sup>67</sup>-Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. op. cit.. p.21.

Criou-se, aos olhos das instituições e do Poder Público, uma área de atrito entre a ordem representada pela polícia e a desordem (dentro de uma "ordem" que fugia aos referenciais cognitivos daquelas instituições) representada pelos segmentos populares.

Os trabalhadores informais, exigiam proteção ao seu espaço, contra os forasteiros que invadiam cada vez mais a cidade. Mas a polícia os perseguia pela ilegalidade de suas atividades (acusando-os de vagabundos) e pela invasão do espaço público.

Os forasteiros, conhecidos como "muambeiros" ou "sacoleiros", que viviam do trabalho informal em outros lugares, queriam que sua segurança fosse resguardada contra aqueles que ameaçavam suas mercadorias. Mercadorias essas que eram contrabandeadas em larga escala, sendo passíveis, portanto, de serem autuadas pelas autoridades.

As elites exigiam a defesa de seu patrimônio e suas propriedades, contra a ação de trabalhadores "sem-terra", de desempregados, de meninos-de-rua, da invasão de seu espaço pelos trabalhadores informais.

O poder público que geria aquelas instituições de segurança e repressão, se via lidando com pessoas que, convivendo com aquela realidade, se brutalizaram e levaram essa brutalidade para a sociedade, denotando uma complexidade nas relações entre a população e as autoridades estabelecidas. Relações estas fluídas, desenrolando-se num terreno pantanoso, numa diversidade de viver e encherger as coisas e o cotidiano caótico daquele lugar.

E naquele contexto a credibilidade na polícia foi aos poucos desaparecendo, pois, como atestavam diversos casos relatados pelos órgãos de imprensa, a prática executada por aquelas instituições, que visavam sanear a cidade da criminalidade e manter uma ordem exigida pela população, eram muito parecida com a dos considerados criminosos.

Percebemos que todas essas demandas, às autoridades policiais, tinham por fundamento último, um controle social, que pudesse circunscrever o comportamento público dos grupos



marginais ou excluídos, muitas vezes partindo desses mesmos setores, não se pretendendo, necessariamente, sua punição.<sup>68</sup>

Assim se expressava o jornal *Nosso Tempo*, em 1981, sobre os órgãos de segurança de Foz do Iguaçu, e a insegurança que, ironicamente, causava na sociedade local

"(...)o esquema de segurança é tão forte e amplo que a população vive com medo dos órgãos de segurança igual ao que tem em relação aos criminosos e marginais".<sup>69</sup>

A imprensa da cidade e a Ordem dos Advogados denunciavam a todo momento o procedimento inescrupuloso e violento da polícia da cidade contra essa imensa massa de gente que viviam na marginalidade, fazendo com que "dentro desse contexto, a repressão policial, com o apoio de uma estrutura jurídica elitista, não tem, propriamente, limites", como escreve Hélio Bicudo sobre a violência urbana.<sup>70</sup>

Quando Edison Peccini designado pela subseção local da O.A.B. para investigar o procedimento da polícia de Foz do Iguaçu, após seguir os caminhos do mundo policial da cidade, descobriu boa parte do que estava acontecendo em seu interior (o que lhe ocasionou uma jura de morte), denunciando em reportagem a um jornal que "a polícia dividiu a cidade à moda da máfia",<sup>71</sup> chegando à seguinte conclusão a respeito da relação da instituição policial da cidade com a população:

"A corrupção policial aumentou assustadoramente, e hoje não se pode confiar em mais ninguém e não temos mais a quem recorrer.(...)O desespero da população é tão grande que eu mesmo falei ao Dr. João Kopytowski (*Juiz*) que se ele quisesse levar como ponto

---

<sup>68</sup>-Cf. SZUCHMAN, Mark D.. Continuidades no controle social: a criminalidade na área urbana de Buenos Aires, 1810-1860. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio (org). *Crime, violência e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.87-88.

<sup>69</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu 14/10/81.

<sup>70</sup>-Cf. BICUDO, Hélio. Comentário 1 à BENEVIDES Maria Victoria e FERREIRA, Rosa Maria Fischer. Respostas populares e violência urbana: o caso de linchamento no Brasil (1979-1982). In: PINHEIRO, Paulo Sérgio (org). *op. cit.* p.245.

<sup>71</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 27/5 a 2/06/81.

de honra a limpeza da criminalidade em Foz do Iguaçu, um mês não seria suficiente para ele ouvir todas as vítimas da polícia".<sup>72</sup>

E quem foram essas pessoas que sofreram com as ações policiais abusivas?

Foram personagens ocultos do cotidiano de Foz do Iguaçu. Aquelas que apareceram através das manchetes dos jornais, ou nas colunas do noticiário policial: meninos-de-rua, prostitutas, trabalhadores informais das mais diversas atividades, cidadãos sem ficha na polícia.

Trabalhadores informais, os "muambeiros" eram abordados nos mais diversos lugares da cidade, revistados, e no caso de portar algum produto "interessante", esses eram-lhe, muitas vezes retirados pelos policiais para seu usufruto ou para venda. É o caso de uma mulher que foi seguida por dois agentes da polícia civil e detida na Av. Brasil e levada para delegacia, onde encontraram "em seu poder dois litros de whisky, dois brinquedos, dois vidros de perfume e mais algumas bugiganagas tudo com declaração de bagagem devidamente carimbada pela Receita Federal.(...)Dentro da bolsa é que estava a parte ilegal: dez relógios de pulso que a mulher havia comprado no Paraguai".<sup>73</sup> Pressionada e chantageada pelos policiais, perdeu os relógios, teve que pagar 8 mil cruzeiros para eles, além de escutar "olha, nós estamos com pena da senhora, nem vamos falar para o delegado porque é possível que a senhora apodreça na cadeia".<sup>74</sup>

As mulheres, principalmente aquelas de baixa renda, que tiveram, por alguma razão, o infortúnio de passar pelas dependências policiais, sofriam inúmeras ameaças de prisão e coações físicas por parte das autoridades policiais, o que levou a uma série de denúncias nos jornais locais contra aquelas instituições.

Edna Rodrigues foi detida próxima de um dos clubes da cidade quando, por envolver-se numa briga, teve seus planos mudados pela ação da polícia:

"Eu tava lá perto do GRESFI esperando a lotação. Apareceu uma outra menina e começamos a brigar. Nisso passou a polícia e me levou pra lá. Eu tinha mil cruzeiros na

---

<sup>72</sup>-*Idem*.

<sup>73</sup>-Cf. *Jornal Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 04 a 11/2/81.

<sup>74</sup>-*Idem*.

mão que a minha mãe havia me dado pra eu comprar material escolar, e eles me tomaram aquele dinheiro".<sup>75</sup>

Além de tomar dinheiro das mulheres que eram presas, utilizavam daqueles expedientes tradicionais, de receber pagamento para garantir a "segurança" de comerciantes, bem ao estilo da máfia, como denunciava Eloi de Oliveira<sup>76</sup>:

"Depois que eles prenderam minhas funcionárias eu fui na delegacia pra soltar elas. O Michel disse que pra eles me deixarem em paz eu teria que pagar 30 mil cruzeiros por mês. Eu não tenho condições de pagar isso pra eles e falei pro Michel que não ia pagar. Daí o Michel ameaçou botar fogo na minha lanchonete e em seguida mandou falar com o escrivão".

Situação pior viveu Irene Manfrim Pinheiro, que em processo de separação do marido, sendo levada à delegacia pelos policiais, foi recebida com um "mulher tem que apanhar mesmo", já denotando, pelo transcorrer dos acontecimentos, a prepotência, o despreparo daquela instituição para lidar, com as pessoas, e principalmente a arrogância de se ver incunbida de tamanho poder, para decidir sobre os destinos daqueles que caíam em suas mãos<sup>77</sup>, como atesta a reportagem do jornal *Nosso Tempo* de Foz do Iguaçu:

"Irene está grávida e sofre constantes desmaios em função disso. Na delegacia aconteceu-lhe um desses ataques e recebeu um singular tratamento, dispensado pelos carcereiros: jogaram-lhe diversos baldes de água, fazendo-a passar a noite toda na cela com as roupas ensopadas. Desesperada com essas peripécias a mulher partiu para a dramatização. Cortou os pulsos para se matar.(...) Quando entrara na cadeia recebera dos policiais a ameaça de que "se não ficasse quieta, viriam os carcereiros e desceriam o cacete""<sup>78</sup>.

Esse poder que o aparato policial da cidade tentava demonstrar, extrapolava, algumas vezes, os limites mínimos da ética e de uma suposta moral por eles defendidas, como ilustram os

<sup>75</sup>- *Idem*

<sup>76</sup>-Cf. HOBBSBAWN, Eric J. *Rebeldes Primitivos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

<sup>77</sup>-Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. op. cit..

<sup>78</sup>-Cf. *Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 17 a 24/12/80.

processos de torturas na cadeia e o abuso sexual constante, por parte de policiais, contra mulheres que por algum motivo tivessem passagem por aquelas dependências, sendo algumas delas prostitutas.

Inúmeros depoimentos de mulheres à imprensa, em 1981, que foram assediadas por policiais, dentro e fora das delegacias, fizeram emergir um personagem, chamado Orlando Carneiro, acusado, por muitas, de investir sobre elas e obrigando-as a manter relações sexuais não apenas com ele, pivô das histórias, mas também com seus subordinados, como foi o caso de Adriana Rodrigues:

"Já faz mais ou menos um ano. Era uma noite chuvosa quando eu fui presa. Me surraram tanto que eu saí toda marcada. Mais tarde chegou o Carneiro e disse que se eu mantivesse relações sexuais com ele nada mais me aconteceria e no dia seguinte eu iria embora. Como eu não quis fazer o que ele queria, acabaram me pegando na marra".<sup>79</sup>

Também Baby Pignolato, de 20 anos, acusa a brutalidade dos policiais, e como estavam sujeitas a serem estupradas por aqueles indivíduos:

"Foi no dia 18 deste mês. Eu estava trabalhando na lanchonete Junior's Bar, como caixa. Isso foi por volta das 3 horas da tarde. Chegou o camburão e dele desceram 3 elementos da Polícia Civil. Me empurraram para dentro abaixo de socos e tapas e, ao invés de me conduzirem à delegacia, me levaram pro mato. Lá quiseram me currar".<sup>80</sup>

O limite desses órgãos repressores, que estavam a serviço da ordem e dos bons costumes da cidade, vai se dar com as denúncias, por parte da imprensa, da morte de pessoas detidas e torturadas em alguma delegacia. Como foi o caso levantado pelo jornal *Nosso Tempo* acusando que "mais um preso morreu no pau-de-arara". Luiz Dias Lopes teria "morrido espancado selvagememente por policiais da 6. SDP", depois de ser autuado pela polícia rodoviária, por não atender a sinalização de parada no posto rodoviário:

---

<sup>79</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 27/05 a 02/06/81.

<sup>80</sup>-*Idem*.

"A noite do dia 13 para 14 foi um inferno para o preso nas mãos dos insanos torturadores. Levaram Luiz para um quartinho nos fundos da delegacia e ali começou a sessão de tortura.(...) Na segunda-feira, dia 16, Luis foi levado em estado de coma para a Santa Casa Monsenhor Guilherme. Um médico olhou para aquele trapo humano que ainda estava na viatura policial, e disse que ele sobreviveria no máximo duas horas".<sup>81</sup>

Sinais de uma modernidade e de um "progresso" há muito tempo apregoado, esperado, mas não distribuído a todos, essa panorâmica da violência cotidiana, estava inserida no amplo contexto de desenvolvimento daquela cidade, gestado pelas autoridades e elites não apenas locais mas também de outras partes do país (e do estrangeiro) que detinham um poder econômico inegável e que lhes permitia investimentos contínuos<sup>82</sup>, e cuja participação de Itaipu, se fez sentir inequivocadamente, como motor de arranque para toda a desestruturação que estava ali se procedendo.

O setor econômico mais importante de Foz do Iguaçu, excetuando-se a produção de energia por Itaipu, é o comercial e o de prestação de serviços. Em 1974, no início das obras de Itaipu, estes perfaziam um total de 219 estabelecimentos, sendo ampliado para 2.042 no apogeu da obras em 1979. Seu crescimento foi menor nos anos seguintes, quando então começaram as dispensas dos trabalhadores da Usina, passando para um total de 2.951 estabelecimentos. Entretanto volta a crescer, a partir de então, com muitos investimentos, sendo computado em 1991, um total de 4.970 estabelecimentos.<sup>83</sup>

Os reflexos desse caótico desenvolvimento podem ser percebidos eram claros a partir de uma notícia publicada em início de 1992, referente ao desempenho da cidade em 1991, pelo jornal *Combate*, intitulada "Foz sobe no ranking", apontando pesquisa do Centro de Análise Econômica do Grupo DCI/Visão:

---

<sup>81</sup>-Idem. 25/02 a 04/03/81.

<sup>82</sup>-Cf. A.E.F.I. op. cit..

<sup>83</sup>-Cf. Idem, Ibid. p.76. *Seminário de Desenvolvimento Regional*. op. cit. quadro 06.

"Foz do Iguaçu ostenta a 281a posição no ranking dos 500 municípios mais desenvolvidos do país.(...) No levantamento realizado em 1990 Foz estava na 432a posição, e no ano anterior a cidade nem foi citada."<sup>84</sup>

Apesar de subir no ranking das cidades mais desenvolvidas do país, a convivência com os sinais de pobreza e a insegurança da população, contrastavam de forma cabal, levando o Poder Público a utilizar-se de velhos discursos, argumentando que seu papel era intermediar contatos com os empresários locais no sentido de elevar o número de empregos na cidade para minorar os problemas sociais.

De outro lado, os empresários dos diversos segmentos econômicos apontavam para o quadro de instabilidade e recessão do país como causa para a não ampliação do mercado de trabalho, dizendo que a capacidade de absorção da mão-de-obra estava no limite.

Nesse jogo de "empurra-empurra" que se estabelecia constantemente quando as elites e o poder público eram chamados a dar uma resposta para os problemas gerados na cidade ao longo dos dezoito anos que envolveram a *era* Itaipu, e nos quais tinham sua parcela de culpa, nenhum lado se permitiu olhar de frente as questões que atingia os setores empobrecidos da sociedade local.

O resultado, enfim, para as camadas populares que anseavam por trabalho, foi buscar no mercado informal, a alternativa para sua sobrevivência.

Esse procedimento de ir-se realocando em diversas atividades conforme as necessidades e conforme a conjuntura, é o que mantinha ocupado, mesmo que parcialmente, esse enorme segmento. Tanto aquele que estivera um dia empregado na Itaipu ou em suas empreiteiras, como aqueles que vieram no embalo do projeto pensando em se emancipar economicamente, ou usufruir indiretamente dele.<sup>85</sup>

Todos os problemas surgidos na *era* Itaipu, com o passar do tempo se potencializaram, abarcando todos os aspectos do cotidiano da população de Foz do Iguaçu, e reflexamente das

---

<sup>84</sup>-*Combate*. Foz do Iguaçu, n. 07, fev/92.

<sup>85</sup>-Sobre essa questão ver PINTO, Maria Inês Borges Machado. *op. cit.*

cidades vizinhas. Problemas de moradia, favelamento, fome, disputa de terras, saúde, educação, abuso de autoridade, violência, foram crescendo em proporção paralela a sua expansão territorial, que geraram também, problemas com a ocupação ou incorporação de novas áreas, que determinaram diversos conflitos

Esses aspectos da vida iguaçuense, tornaram-se um incômodo para os representantes do Poder Público e das elites locais, que apresentavam sempre um quadro idílico daquela que muitas vezes foi chamada de *capital do turismo*. Os cartões postais não poderiam apresentar o enorme quadro de pobreza que ia se moldando na periferia da cidade, mas que reflexamente comportava essa gente mendigando nas esquinas do centro da cidade, gente que ali estava porque Itaipu também estava. Não era mero acaso, como vimos até agora.<sup>86</sup>

O poder público e as elites não conseguiam assimilar o enorme número de crianças pedintes e aquelas que em trabalhos informais como engraxate, vendedores de frutas, sucos, comidas, entregadores de panfletos comerciais, vendedores dos mais diversos tipos de produtos, teimavam, por mera necessidade de aumentar os rendimentos da família, em perambular, das primeiras horas da manhã até altas horas da noite, pelos diversos cantos da cidade, mas principalmente nos lugares de maior concentração popular, como a rodoviária e seus arredores, na Ponte da "Amizade", na Av. Brasil, próximo aos bancos, perto da Catedral, da Prefeitura e da Câmara de Vereadores.<sup>87</sup>

Uma parcela desses menores não se pode afirmar que fossem filhos de ex-peões-barrageiros de Itaipu. Mas com certeza, um número significativo o era. E muitos deles foram gerados sob os auspícios do *eldorado* Itaipu.

---

<sup>86</sup>-Sobre o processo de higienização e remodelação da cidade para atender aos anseios das elites ver ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral. reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira república*. São paulo: PUC, 1989. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989. p.16-17.

<sup>87</sup>-Cf. PINTO, Maria Inês Machado Borges. *op. cit.* pp.145-149.

R.S. de 11 anos de idade vendia churros na rodoviária e com o que arrecadava ao final do mês dava ao pai para comprar comida e pagar aluguel. Sua alimentação no almoço eram dois churros que a dona do carrinho lhe dava para comer. Frequentando a 5ª série, mal tinha tempo de comer alguma coisa quando chegava em casa, para no outro dia às 7 horas da manhã estar pronto para um novo dia de trabalho:

"Não dá tempo nem pra jantar, tenho de comer comida fria depois que volto da aula".<sup>88</sup>

Todos aqueles menores procuravam, mesmo sem especialização, atividades que pudessem render, mesmo que fosse pouco, um dinheiro extra. Para isso se sujeitavam às mais variadas rotinas, horários e tipos de trabalho.

Aos 15 anos, U.P.S., morador no Parque Presidente, trabalhava de servente de pedreiro, das 7 horas da manhã às 19 horas para levar para casa o essencial para ajudar na compra de comida para a mãe e os sete irmãos também menores (dois dos quais vendiam sorvetes). Não possuía Carteira Profissional assinada:

"Tem dia que não dá nem para comprar feijão, aí minha mãe faz uma sopa de fubá".<sup>89</sup>

A.S. de 13 anos, ajudava a família trabalhando na rodoviária vendendo refrescos. Não frequentava a escola e passava fome pois o que ganhava era muito pouco, sendo que o "almoço é arroz, feijão e macarrão; carne nem pensar".<sup>90</sup>

Se muitos daqueles menores estavam frequentando escola, tinham uma residência mais ou menos fixa, visto a constante mudança de endereço das famílias mais carentes, e procuravam

---

<sup>88</sup> -*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 18 a 25/03/81.

<sup>89</sup> -*Idem*.

<sup>90</sup> -*Idem*.



ganhar algum dinheiro para suplementar o salário de sua família, muitos deles viviam de expedientes mais flexíveis e da contravenção.<sup>91</sup>

É o caso de P.S. de 15 anos que buscou na prostituição uma solução para ganhar mais e ao mesmo tempo não ficar presa às ordens impostas pelos patrões:

"A minha patroa era muito chata, não me deixava sair pra me divertir. Agora não, os carinhas passam aí, me levam para as discoteques e depois ainda me jogam uns pichos na mão".<sup>92</sup>

E apesar do envolvimento com drogas e com doenças venéreas, o "sentimento" de liberdade lhe parecia mais valioso:

"Aqui eu ganho os meus vinte mil cruzeiros por mês pra comprar as roupas que eu quero e fazer o que eu quero. Em que outro trabalho eu ganharia isso?"<sup>93</sup>

Vigiando toda essa situação estavam, de um lado, os pais desses menores, que nem sempre podiam dar a devida atenção a eles, visto estarem também envolvidos em atividades que requeriam todo o seu tempo. De outro as elites e o Poder Público, que se preocupavam com os reflexos da presença desses menores espalhados pela cidade, "criminosos" em potencial, que significavam um perigo para a sociedade iguaçuense e aos turistas.

Os pais, muitos dos quais tiveram uma educação nas áreas rurais, e portanto com aquela rigidez própria daquelas comunidades, chegados em Foz do Iguaçu na avalanche provocada, direta ou indiretamente, por Itaipu, percebiam em que terreno pantanoso estavam vivendo, e quais as conseqüências que se avizinhavam.

---

<sup>91</sup>-Importante a similaridade entre esses menores infratores e contraventores e aqueles da São Paulo do começo do século citados por PINTO, Maria Inês Machado Borges. *op. cit.* pp.145-149.

<sup>92</sup>-*Idem.*

<sup>93</sup>-*Idem.*

Era bastante clara a expectativa, a preocupação expressa em entrevista por um ex-agricultores que veio morar na periferia de Foz do Iguaçu, único lugar onde conseguiu adquirir um lote com as economias auferidas da venda de suas terras no sudoeste do Paraná. Fioravante, pessimista, via o transcorrer da vida de suas crianças ameaçadas pela nova realidade da cidade:

"Essa vida de privações está levando nossas crianças para o caminho do crime (...)Eles vão para a rodoviária ou ficam vagando pela Avenida buscando uma oportunidade para roubar qualquer coisa e levar para casa".<sup>94</sup>

A fragilidade quanto à segurança dessas crianças no cotidiano de trabalho oficioso de Foz do Iguaçu, se fazia sentir na eminência a que estavam sempre expostos a serem seqüestrados ou presos.

Foi o caso de Firmino Rodrigues, engraxate na rodoviária "para ajudar a família com alguns trocados"<sup>95</sup> filho de Manoel Rodrigues funcionário da UNICON, o consórcio de empreiteiras que prestava serviços a Itaipu, que foi seqüestrado e levado para trabalhar em regime de semi-escravidão no interior do Paraguai, até que conseguiu fugir com a ajuda de alguns camponeses brasileiros.

Como ele, outros meninos-de-rua desapareceram, temporária ou definitivamente.

Também, a propósito de se manter a estética daquela cidade turística e procurando atender ao gosto daqueles que ali acorriam em busca de um paraíso natural, as autoridades locais em conjunto com as elites responsáveis pela venda dessa imagem, tentaram um processo de higienização da cidade, começando pela prisão e/ou remoção daqueles menores de rua das áreas centrais ou turísticas.<sup>96</sup>

---

<sup>94</sup>-*Idem*.

<sup>95</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 21/01/80.

<sup>96</sup>-Novamente recorremos a ARAÚJO, Hermes Reis de. op. cit., para mostrar como elites, em função do poder de consumo (aqui representado pelo turismo), impõem seu padrão estético e modelam os espaços para atender seu gosto.

Não eram apenas os adultos que representavam naquele momento perigo para a elite local e para os turistas. Aos olhos desse segmento que ordenava e disciplinava aquela sociedade, as crianças pobres, não somente brasileiras, mas paraguaias e argentinas, que simplesmente atravessando a fronteira, expandiam o número de menores nas ruas, eram potencialmente tão perigosas que mereciam cuidados especiais.

Enquanto Itaipu dispensava um número cada vez maior de funcionários, que iam se agregando à cidade, a elite local se preocupava com os dividendos que a "obra do século" poderia proporcionar através do turismo. É importante lembrar que naquele momento, também Itaipu foi se transformando em enorme apelo turístico, atraindo pessoas de todo o mundo.

Começaram, então, a maquiar a cidade para a recepção de um número cada vez maior de visitantes que acorriam à cidade diariamente.

Foi em 1981, que um personagem passou a freqüentar as páginas dos jornais locais. Ele era conhecido como "Bernardão" pelas crianças que diariamente se viam ameaçadas, mesmo estando trabalhando. Aquelas crianças eram colocadas nos camburões da polícia e levadas para a delegacia onde muitas vezes passavam a noite.

Adão Arruda, pai de três crianças presas por "Bernardão" comentava a "operação arrastão" colocada em prática pelas autoridades locais:

"Meus filhos estão sendo tratados pior do que cachorro; não deixam eles trabalhar, Vanderlei engraxa sapatos e com o dinheiro que junta compra todos os dias leite para todos os irmãos. Foi presa quando ia para o Mufatão comprar leite".<sup>97</sup>

Um Jornal procurava uma explicação para tais atos, que naquele momento não podia ser vislumbrado de forma ampla para permitir uma visão de sua extensão e de seus objetivos. Conseguia, no entanto, retratar aquela realidade:

---

<sup>97</sup>-*Nosso Tempo*. Foz do Iguaçu, 13 a 19/05/81.

"Os que acham que as crianças pobres que trabalham no centro da cidade devem ser afastadas, invocam razões de estética. Fica feio para o turista ver tantas crianças esfarrapadas dedicando-se a atividades constrangedoras?"<sup>98</sup>

O mesmo Jornal, comentando a fúria empregada por "Bernardão" na chamada "operação arrastão" deduzia:

"Só é possível explicar o comportamento das autoridades responsáveis pelo atual quadro de perseguição se levarmos em conta a formação elitista, o ranço e o ódio destas pessoas que detêm posições-chaves para a classe trabalhadora".<sup>99</sup>

Em 1992, terminadas as obras de Itaipu, e a Usina entrando em pleno funcionamento para o progresso da nação, a questão dos menores de rua, herança inequívoca de um mundo construído por Itaipu, ainda era debatida nos vários segmentos da sociedade local, sendo tratada como um problema a ser resolvido pela polícia.

E essa mesma polícia, atendendo aos reclamos da sociedade, se imbuí dos direitos de resolver tal problema. Como se percebe pelas declarações do então delegado-chefe da 6ª SDP, Edival Ribeiro:

"Precisamos de estabelecimentos materiais para recolher esses menores e novamente socializá-los. (...) Da maneira que está, não havendo esses estabelecimentos, nós encaminhamos os menores ao juiz de menores, que por sua vez, também por *falta de opção* [grifo nosso], devolve os menores aos pais. Ora, se esses pais já não têm domínio sobre seus filhos, os menores voltam para a rua para praticar novas infrações".<sup>100</sup>

Percebemos que esse espaço, Foz do Iguaçu, se transforma para abraçar sem calor pessoas emanadas dos mais diversos "mundos" e que têm que improvisar sua sobrevivência conforme as contingências que se apresentam. Pessoas atraídas e traídas por sonhos, por necessidades, por uma aventura sem escolha, da qual fazem parte alienadamente, sem vontade própria. E, ao mesmo

---

<sup>98</sup>-*Idem*.

<sup>99</sup>-*Idem*.

<sup>100</sup>-*Combate*. Foz do Iguaçu, 06 a 12/02/92.

tempo, pessoas que se modelam, se reestruturam, que "dançam conforme a música", e que se organizam, no seu estilo peculiar de organização, para não perecer frente às condições que lhes são impostas, e que vão se construindo no cotidiano, enquanto sujeitos de sua própria história, deixando seu testemunho concreto, vivo, contra os descaminhos proporcionados pelas classes dominantes do país.

Muitos continuaram nos subterrâneos da cidadania, não conseguindo sequer optar por um trabalho digno, ou mesmo por um trabalho qualquer, e adentraram pelos caminhos da criminalidade. Outros estão, quem sabe, até agora sentados em alguma rua pedindo esmolas, lavando vidros de carros importados, tentando assaltar os mais incautos na Ponte da Amizade, ou simplesmente não fazendo nada porque nada têm a fazer naquele imenso cenário de três países no cone sul da América do Sul.

Num primeiro momento a modernidade chegou à fronteira em forma de trabalho, tecnologia, transformação, organização e racionalização do espaço. Depois transfigurou-se em mantenedora da disciplina, da ordem, do gerenciamento dos recursos criados para multiplicar os lucros, impor e difundir uma estética e padrões como absolutos e indiscutíveis.<sup>101</sup>

Os reflexos mais profundos dessas transformações por que passou Foz do Iguaçu, cujas portas pretendemos ter aberto para novas investigações, e que se traduzem para muitos em perdas, para outros em progresso, ficam expressos nas palavras de uma revista local em 1976, nos primórdios da construção de Itaipu e que já começavam a refletir no cotidiano da cidade:

"É pena, mas o cheiro de cidade pequena, de lugarejo acanhado e calmo, já está indo embora. É a simplicidade das coisas dando passagem ao progresso que brilha aos olhos da gente."<sup>102</sup>

Antevia, sem dúvida, o destino, o soprar dos novos tempos, como que decretando a cumplicidade da população de Foz do Iguaçu com a modernidade e o progresso.

---

<sup>101</sup>-Cf. HARDMAN, Francisco Foot. op. cit.

<sup>102</sup>-*Revista Paine! Foz do Iguaçu*, n. 31, ago/76. p.09.



*Fonte: Jornal de Foz*

Movimento próximo à Ponte da Amizade, entre Brasil e Paraguai: trabalhos informais



*Fonte: Jornal de Foz*

Invasão de terras no núcleo urbano de Foz: pobreza

## FONTES

### *JORNAIS E REVISTAS*

|  |             |
|--|-------------|
| Canal de Aproximação (Jornal da Itaipu)..... | 1986 a 1992 |
| Jornal Nosso Tempo.....                      | 1980 a 1983 |
| O Combate.....                               | 1991 e 1992 |
| Revista Memória de Foz do Iguaçu.....        | 1982        |
| Revista Painel.....                          | 1973 a 1980 |
| Revista Panorama.....                        | 1976        |
| Revista Técnica.....                         | 1977        |

### *DOCUMENTOS*

A Defesa Nacional. Revista de Assuntos Militares e Estudo de Problemas Brasileiros. Rio de Janeiro: Edit. Carioca, maio/junho 79.

Alternativas para a cidade de Foz do Iguaçu após o "ciclo Itaipu". Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 1980.

Anuário Estatístico de Foz do Iguaçu - 1992.

Ata das Cataratas, 1973.

Plano de Desenvolvimento Urbano de Foz do Iguaçu - 1974.

Proposta do Anexo "A" (Novo Estatuto da Itaipu) - Estrutura Organizacional - 1991.

Normas internas estabelecendo procedimentos para ocupação de residências nos conjuntos habitacionais da margem esquerda, em Foz do Iguaçu.

Normas para utilização dos refeitórios e Distribuição dos comensais nas salas dos refeitórios.

Relatório Anual da Itaipu Binacional, 1975 a 1990

Resumo do Projeto Itaipu, 1980

Seminário de Desenvolvimento Regional. Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 1981.

Tratado entre o Brasil e Paraguai, 26-04-73

## ***ARQUIVOS***

Biblioteca de Itaipu

Biblioteca Municipal de Foz do Iguaçu

## ***FILMES***

A Pedra que Canta

O Homem e o Meio

A Obra do Século

Natureza

## ***ENTREVISTAS***

Alceu de Freitas - Foz do Iguaçu.

Antonio Bonifacio da Silva - Foz do Iguaçu. Maio de 1994.

Assis Paulo Sepp - Foz do Iguaçu. Julho de 1994.

Elaine Medeiros Mazzoco - Florianópolis. Janeiro de 1994.

Eurico Julio Salvaterra Lorenzoni - Foz do Iguaçu. 24/3/1994.



Flaudemir Sant'Anna de Abreu - Foz do Iguaçu. Março de 1994.

Francisco de Assis Mazzoco - Florianópolis. Janeiro de 1994.

Luis Carlos Soares de Lima - Foz do Iguaçu. Maio de 1994.

Nei Afonso Chassot - Foz do Iguaçu.

Rosalia Correa Lorenzoni. Foz do Iguaçu. Março de 1994.

Sérgio Benevides. Foz do Iguaçu. 15/04/1994.

Tereza Fernandez Batista. Foz do Iguaçu.

## BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Philippe. *O tempo da história*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira república*. São Paulo: PUC, 1989. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- CANESE, Ricardo. *Ideas preliminares sobre le qué hacer con la energia de Itaipu*. Assunción: Emasa 1315, 1981.
- CAUBET, Christian Guy. *As grandes manobras de Itaipu*. São Paulo: Editora Acadêmica, 1991.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Ed. Moderna, 1982.
- CHEVALIER, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses a Paris pendant la première moitié du XIX siècle*. Paris, Librairie Générale Française, 1978.
- Comissão Pastoral da Terra (C.P.T.). *O mausoléu do faraó: a usina de Itaipu contra os lavradores do Paraná*. Foz do Iguaçu, 1979.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- Teoria e Método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1983.

- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1986.
- FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, cultura e história social: perspectiva de investigação. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n.4, p. 21-37. junho/85.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução por Roberto Cabral de Melo Machado e outros. Rio de Janeiro: Cadernos da PUC. Série Letras e Artes - 6/74, Caderno n.16, 1979. p.5-102.
- *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.
- *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.
- *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991.
- GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Tradução por Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HIMMELFARB, Gertrude. *La idea de la pobreza: Inglaterra a principios de la era industrial*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1988.
- HOBBSBAWN, Eric. J. *A Era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- *Bandidos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.
- *Os Trabalhadores*. Estudos sobre a História do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- Rebeldes primitivos. Estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- IANNI, Otavio. A sociologia e o mundo moderno. In: *Tempo Social; Revista de Sociologia da USP*. São Paulo: Departamento de Sociologia-FFLCH-USP, v.1, n.1. 1.sem. 1989. pp. 07-27.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

- LAINO, Domingo. *Energética en el Paraguay: fraude y entrega. Parte II - Recursos hidráulicos del río Paraná*. Assunción: Talleres Gráfico Fototipo, 1974.
- *Paraguai: fronteiras e penetração brasileira*. São Paulo: Global, 1979.
- LEFEBVRE, Henry. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ed. Ática, 1991.
- *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- LINHARES, Temístocles. *História econômica do mate*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969.
- MARX, Karl. *O Capital* (Crítica da Economia Política). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MELLO E SOUZA, Laura de. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982.
- MENEZES, Alfredo da Mota. *A herança de Stroessner: Brasil-Paraguai, 1955/1980*. Campinas/SP: Papyrus, 1987.
- MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.
- NETTO, José Paulo & FALCÃO, Maria do Carmo. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo: Cortez Editora, 1989.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- PADIS, Pedro Calil. *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- PEREIRA, Osny Duarte. *Itaipu. Prós e contras*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, curso de Pós-Graduação em História, n.3, maio/91.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio (org). *Crime, violência e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PINTO, Maria Inês Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914*. São Paulo: USP, 1984, 303 p.. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, 1984.

Revista Brasileira de História. *Cultura e cidades*. São Paulo: Ed. Marco Zero, v.5, n.8/9. setembro/1984-abril/1985.

----- *Produção & Transgressões*. São Paulo: Ed. Marco Zero, v.5, n.10. março/agosto 1985.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo - 1970/1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Ed. Marco Zero, v.9, n.19. set.89/fev.90. pp. 219-243.

SCHILLING, Paulo R. *El expansionismo brasileño*. Buenos Aires: El Cid Editor, 1978.

SCHILLING, Paulo R. & CANESE, Ricardo. *Itaipu: geopolítica e corrupção*. São Paulo: CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), 1991.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

----- *Tradición, revuelta y consciencia de clase: estudos sobre las crises de la sociedad preindustrial*. Tradução por Eva Rodrigues. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

VELHO, Otávio Guilherme. *Capitalismo autoritário e campesinato*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Lisboa: Edições 70, 1971.

WACHOWICZ, Ruy Christovan. *Obrageiros, mensus e colonos: história do oeste paranaense*. Curitiba: Ed. Vicentina, 1987.

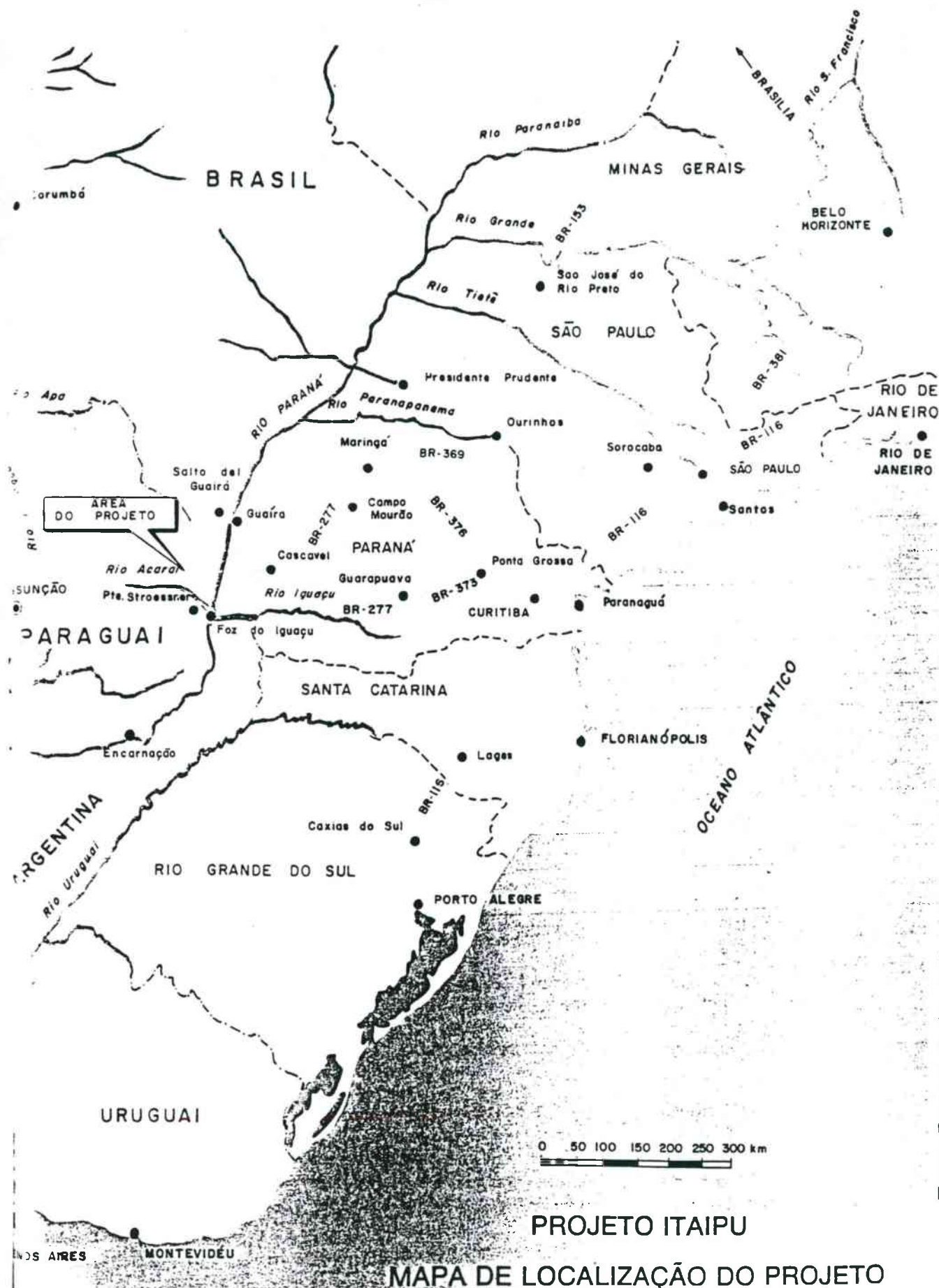
WESTPHALEN, Cecília Maria et alli. *Nota prévia ao estudo da ocupação da terra do Paraná moderno*. Boletim n.7 do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1968.

WHITE, Hayden. *Meta-História*. São Paulo: EDUSP, 1992.



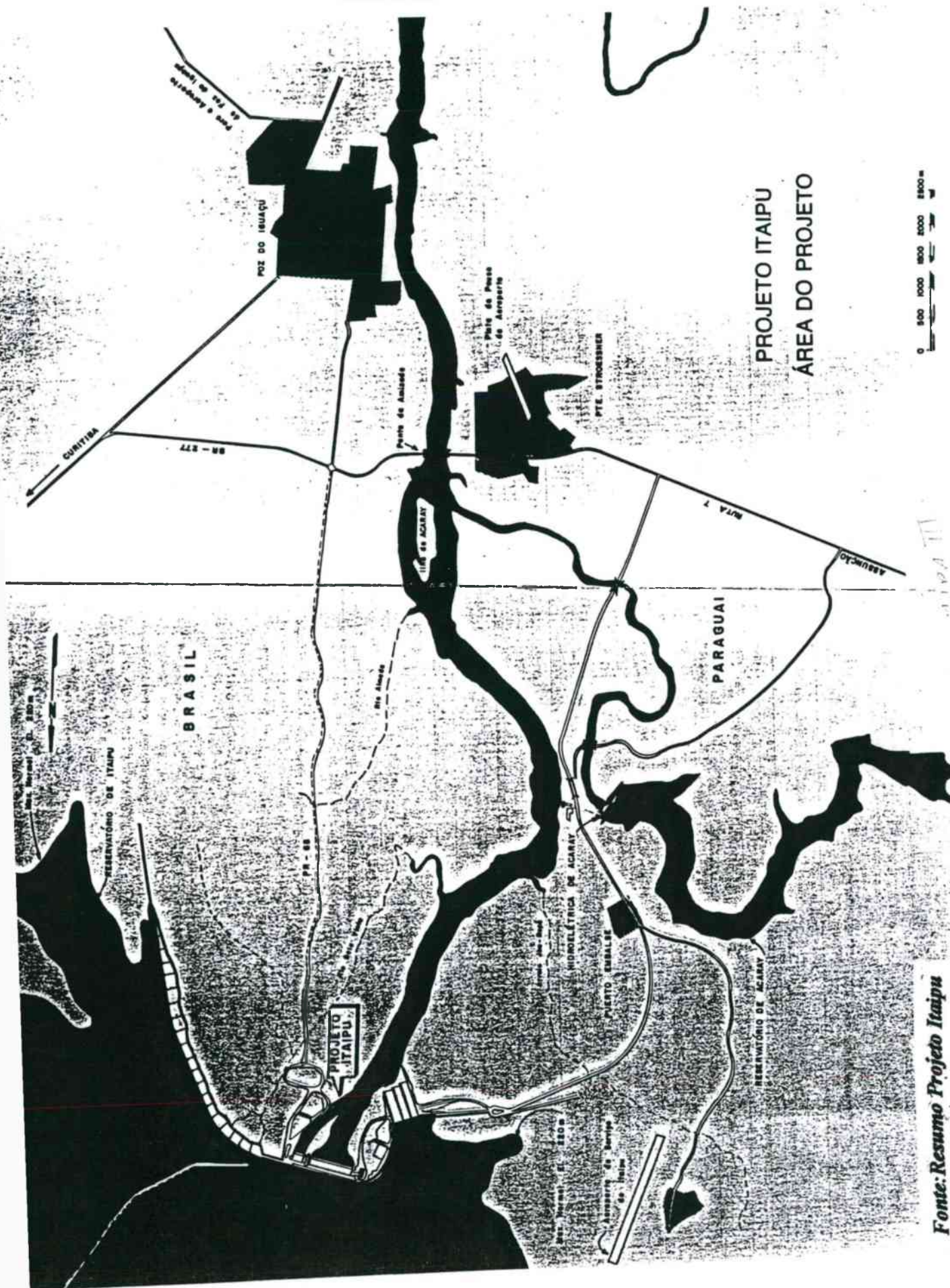
MAPA I





Fonte: Resumo Projeto Itaipu





Fonte: Resumo Projeto Itaipu



GRÁFICO I

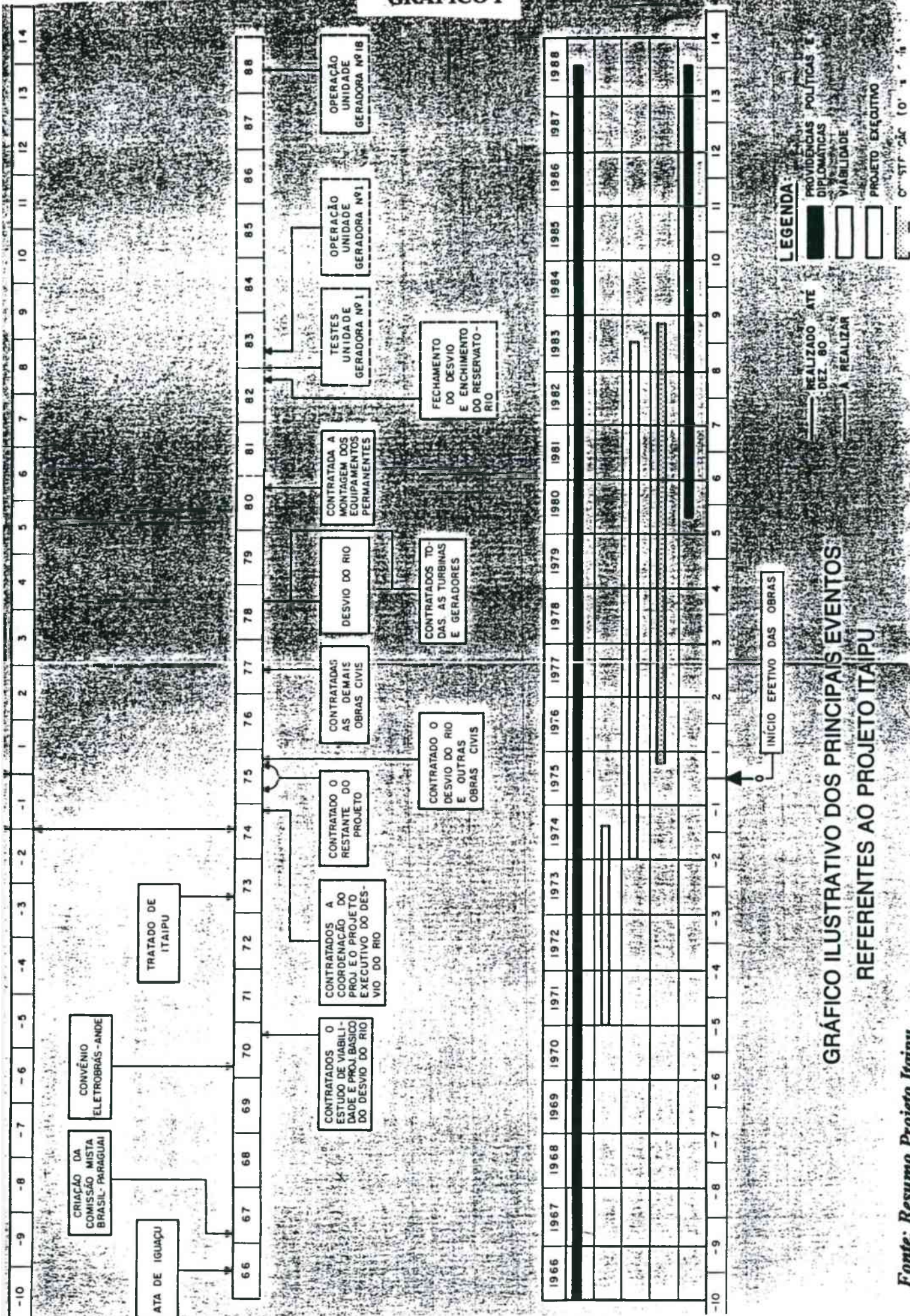


GRÁFICO ILUSTRATIVO DOS PRINCIPAIS EVENTOS  
REFERENTES AO PROJETO ITAIPU

Fonte: Resumo Projeto Itaipu

## ANEXO I

## RELAÇÃO DE TIPO DE CASA POR CARGO

1

## ANEXO B

## CLASSE A - casas 7, 8 e 9

Ajudante de Cozinha  
 Ascensorista  
 Continua  
 Copeiro  
 Garçom  
 Servente  
 Zelador

## CLASSE B - casas 7, 8 e 9

Atend. de Enfermagem  
 Aux. Manut. Conservação  
 Aux. de Almojarifado  
 Aux. de Laboratório  
 Aux. de Manutenção  
 Carpinteiro I  
 Cozinheiro  
 Datilógrafo  
 Digitador  
 Encanador  
 Mecânico de Veículos I  
 Motorista  
 Nivelador  
 Oper. Máquina Copiadora  
 Operador de Caldeira  
 Operador de Telex  
 Pedreiro  
 Pintor I  
 Recepcionista  
 Telefonista  
 Tratador  
 Viveirista

## CLASSE C - casas 6 e 7

Agente de Segurança  
 Aux. Administrativo I  
 Aux. Análises Clínicas  
 Aux. Document. Arquivo  
 Aux. Medição e Custos  
 Auxiliar Biociência  
 Auxiliar Contábil  
 Auxiliar Financeiro  
 Auxiliar Técnico I  
 Auxiliar de Pessoal  
 Aux. de Suprimentos  
 Aux. de Transportes  
 Bombeiro  
 Carpinteiro II  
 Desenhista  
 Copista  
 Document. Proc. Dados  
 Eletricista I  
 Eletrônico I  
 Fiscal de Montagem I  
 Fiscal de Obras I  
 Laboratorista  
 Mecânico I  
 Mecânico de Veicul. II  
 Oper. Rec. Audio-Visuais  
 Oper. de Equipamentos  
 Oper. de Microfilmagem  
 Pintor II  
 Secretária(o) I



# RELAÇÃO DE TIPO DE CASA POR CARGO

2

## ANEXO B

### CLASSE D - casas 6 e 7

Almoxarife  
Assist. Manut. Conserv.  
Aux. Administrativo II  
Aux. Apoio Comunitário  
Aux. Seg. do Trabalho  
Auxiliar Técnico II  
Auxiliar de Enfermagem  
Aux. de Fisioterapia  
Aux. de Saneamento  
Desenhista Detalhista  
Eletricista II  
Eletrônico II  
Fiscal de Montagem II  
Fiscal de Obras II  
Fiscal de Tráfego  
Fiscal de Transportes  
Mecânico II  
Oper. de Computador I  
Oper. de SE I  
Secretária(o) II  
Topógrafo I

### CLASSE E - casas 4M, 5 e 6

Assist. Administrativo I  
Assist. de Segurança  
Assistente Contábil  
Assistente Financeiro  
Assistente de Pessoal  
Assist. de Suprimentos  
Aux. de Relaç. Públicas  
Caixa  
Comprador  
Control. Med. e Custos  
Eletricista III  
Eletrônico III  
Encar. Serv. Gráficos  
Fiscal Agroflorestal  
Fiscal de Montagem III  
Fiscal de Obras III  
Mecânico III  
Oper. de Computador II  
Oper. de Hidrelétrica I  
Oper. de SE II  
Progr. de Computador I  
Secretária(o) III  
Téc. de Instrumentação I  
Téc. de Anál. Clínicas  
Téc. de Manut. Conserv.  
Téc. de Manut. Elétrica I  
Téc. de Manut. Eletrôn. I  
Téc. de Manut. Mecânica I  
Técnico de Enfermagem  
Técnico de Laboratório

### CLASSE F - casas 4M e 5

Assistente Técnico I  
Auxiliar de Informações  
Desenhista Projetista  
Oper. de Hidrelétrica II  
Oper. de SE III  
Prog. de Computador II  
Sismólogo  
Téc. de Apoio Comunit.  
Téc. de Instrument. II  
Téc. Document. Arquivo  
Téc. Manut. Elétrica II  
Téc. Manut. Eletrôn. II  
Téc. Patrim. Imobi. I  
Téc. Seg. do Trabalho  
Téc. Manut. Mecânica II  
Téc. Medição e Custos  
Técnico Químico  
Téc. de Microfilmagem  
Técnico de Montagem I  
Técnico de Obras I  
Técnico de Raio X  
Técnico de Seguros  
Topógrafo II

# RELAÇÃO DE TIPO DE CASA POR CARGO

3

## ANEXO B

### CLASSE G - casas 4A e 4M

Analista Proc. Dados I  
 Assist. Relaç. Públicas  
 Assist. Adm. II  
 Assist. Téc. II  
 Oper. Hidrelétrica III  
 Prog. de Computador III  
 Secretária(o) IV  
 Téc. de Suprimentos  
 Téc. Manut. Elétrica III  
 Téc. Manut. Eletrôn. III  
 Téc. Patrim. Imob. II  
 Téc. de Instrument. III  
 Técnico Agroflorestal  
 Técnico Biotecnologia  
 Técnico Contábil  
 Técnico Financeiro  
 Téc. Manut. Mecân. III  
 Téc. Progr. Controle I  
 Téc. de Montagem II  
 Téc. de Obras II  
 Técnico de Pessoal  
 Técnico de Saneamento  
 Técnico de Segurança  
 Técnico de Transportes

### CLASSE H - casas 3'M e 4A

Analista Proc. Dados II  
 Assistente Técnico II  
 Despachante  
 Oper. Hidrelétrica IV  
 Téc. Manut. Elétrica IV  
 Téc. Manut. Eletrôn. IV  
 Téc. Manut. Mecânica IV  
 Téc. Progr. Controle II  
 Técnico Projetista  
 Técnico Topografia  
 Técnico de Hidrologia  
 Técnico de Montagem III  
 Técnico de Obras III

### CLASSE I - casas 3'M e 4A

Anal. Proc. Dados III  
 Assist. Especializado  
 Técnico Especializado

### CLASSE J - casas 3'M e 4A

Nível Universitário Junior

### CLASSE L - casas 3' e 4A

Nível Universitário I

### CLASSE M - casas 3', 3A, 3'M

Nível Universitário II

### CLASSE N - casas 3 e 3'

Nível Universitário III

### CLASSE O - casas 2 e 3

Nível Superior Senior I

### CLASSE P - casas 1 e 2

Nível Superior Senior II

### CLASSE Q - casas 1

Nível Superior Senior III

## ANEXO A

## TABELA DE DISPONIBILIDADE

| TIPO DE CASA E QUANT. | VILA B |    |    |     | VILA A |     |    |     |    |     |     |     |     |
|-----------------------|--------|----|----|-----|--------|-----|----|-----|----|-----|-----|-----|-----|
|                       | 01     | 02 | 03 | 03' | 3A     | 3'M | 4A | 4M  | 5  | 6   | 7   | 8   | 9   |
| CARGO E QUANTIDADE    | 19     | 49 | 70 | 67  | 41     | 142 | 77 | 284 | 93 | 248 | 165 | 181 | 148 |
| SENIOR III 27         | 19     | 8  |    |     |        |     |    |     |    |     |     |     |     |
| SENIOR II 70          |        | 41 | 29 |     |        |     |    |     |    |     |     |     |     |
| SENIOR I 92           |        |    | 41 | 51  |        |     |    |     |    |     |     |     |     |
| NIVEL SUP. III 81     |        |    |    | 16  | 41     | 24  |    |     |    |     |     |     |     |
| NIVEL SUP. II 60      |        |    |    |     |        | 60  |    |     |    |     |     |     |     |
| NIVEL SUP. I 43       |        |    |    |     |        | 43  |    |     |    |     |     |     |     |
| NIVEL SUP. JR 22      |        |    |    |     |        | 15  | 7  |     |    |     |     |     |     |
| CLASSE I 98           |        |    |    |     |        |     | 70 | 28  |    |     |     |     |     |
| CLASSE H 85           |        |    |    |     |        |     |    | 85  |    |     |     |     |     |
| CLASSE G 201          |        |    |    |     |        |     |    | 171 | 30 |     |     |     |     |
| CLASSE F 112          |        |    |    |     |        |     |    |     | 63 | 49  |     |     |     |
| CLASSE E 183          |        |    |    |     |        |     |    |     |    | 183 |     |     |     |
| CLASSE D 124          |        |    |    |     |        |     |    |     |    | 16  | 108 |     |     |
| CLASSE C 164          |        |    |    |     |        |     |    |     |    |     | 57  | 107 |     |
| CLASSE B 130          |        |    |    |     |        |     |    |     |    |     |     | 74  | 56  |
| CLASSE A 33           |        |    |    |     |        |     |    |     |    |     |     |     | 33  |
| SALDO                 |        |    |    |     |        |     |    |     |    |     |     |     | 59  |

POSIÇÃO EM 19/04/93

(POSIÇÃO QUE DEVEFA SER ALTERADA A CADA MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL)



- 5 - O Diretor Administrativo adotará as seguintes rotinas para ocupação de moradia:
- a) assinatura pelo interessado e pela ITAIPU do "Instrumento de Permissão de Uso", onde constarão os direitos e obrigações das partes;
  - b) assinatura, pelo interessado e pelo empregado do Departamento de Administração dos Conjuntos Habitacionais, do "Laudo de Inspeção", por ocasião da entrega da residência.
- 6 - Constituem direitos do usuário e de seus dependentes o uso do imóvel para fins exclusivamente residenciais, devendo zelar pelas suas perfeitas condições de habitabilidade e manter conduta que não fira os princípios de respeito, educação e ordem. Caberá ao Diretor Administrativo a análise dos casos de desobediência ao disposto neste item.
- 7 - É vedado ao usuário realizar quaisquer alterações no imóvel sem autorização prévia do Diretor de Coordenação. Qualquer benfeitoria será incorporada ao imóvel, não dando direito ao usuário de pleitear qualquer indenização da Entidade, venda ou troca com terceiros.
- 8 - A perda de permissão de uso à moradia, em residência cedida por ITAIPU, se dará nas seguintes condições:
- a) com a rescisão do contrato de trabalho do empregado da ITAIPU;
  - b) com a transferência do empregado da ITAIPU para outra localidade;
  - c) com o término do contrato de prestação de serviços por terceiros, se for o caso de cessão de residências em condições especiais.
- 9 - O prazo para o usuário desocupar a residência é de 30 (trinta) dias a partir dos eventos previstos no item 8, podendo o Diretor Administrativo conceder prazo maior em casos excepcionais.
- 10 - Por ocasião da desocupação da residência caberá ao Diretor Administrativo adotar as seguintes rotinas:
- a) efetuar vistoria no imóvel e preencher o "Laudo de Inspeção";

b) solicitar ao Diretor de Coordenação a execução dos serviços de manutenção e/ou de recuperação;

c) providenciar a cobrança das despesas debitáveis ao usuário, com a recuperação do imóvel, avaliadas e informadas pela Diretoria de Coordenação.

11 - a) Nos casos de contratos a serem firmados com empreiteiras, deverão constar e prever a destinação de casas a seus empregados. A Diretoria contratante deverá obrigatoriamente consultar a Diretoria Administrativa sobre a disponibilidade de residências, e esta estabelecerá as condições para cessão;

b) nos contratos citados no item 11, letra a, deverão constar cláusulas de adesão pela contratada; as normas gerais de ocupação de residência e instrumento de permissão de uso e demais regras criadas pela ITAIPU.

12 - O Diretor Administrativo reservará, para atendimento de casos excepcionais, um número de casas por vila e por tipo, que poderão ser destinadas a seu critério, conforme tabela a seguir:

|                  |           |             |               |
|------------------|-----------|-------------|---------------|
| No Conjunto "B": | uma       | residência  | Tipo 01       |
|                  | uma       | residência  | Tipo 02       |
|                  | uma       | residência  | Tipo 03 ou 3' |
| No Conjunto "A": | duas      | residências | Tipo 3'A      |
|                  | nove      | residências | Tipo 3'M      |
|                  | cinco     | residências | Tipo 4A       |
|                  | vinte     | residências | Tipo 4M       |
|                  | cinco     | residências | Tipo 5        |
|                  | vinte     | residências | Tipo 6        |
|                  | dezessete | residências | Tipo 7        |
|                  | dez       | residências | Tipo 8        |
|                  | dez       | residências | Tipo 9        |
| No Conjunto "C": | vinte     | residências | Tipo 8        |
|                  | quinze    | residências | Tipo 9        |

Após definição e execução de reformas a serem executadas nas casas tipo 04, 05, 08 e 09 do Conjunto "A", os números para os tipos anteriormente fixados serão transpostos ao novo tipo de residência a que virem ser agrupadas.





04

- 13 - O Diretor Administrativo elaborará, com base nas sugestões do Grupo de Trabalho, projeto de critérios e procedimentos para ocupação de residências no Conjunto Habitacional "C".
- 14 - Os presentes procedimentos entram em vigor a partir de 1º de agosto de 1988, não sendo sua aplicação retroativa.

Foz do Iguaçu, 19 de julho de 1988

*Jucundino da Silva Furtado*  
JUCUNDINO DA SILVA FURTADO  
Diretor Administrativo



**ITAIPU**  
BINACIONAL

| CRITÉRIO DE ACESSO |                    |
|--------------------|--------------------|
| CLASSE SALARIAL    | TIPO DE RESIDÊNCIA |
| VII                | Até tipo 01 /      |
| VI                 | " " 02             |
| V                  | " " 03             |
| IV.8 a IV.5        | " " 03'            |
| IV.5 a IV.4        | " " 3'A            |
| IV.3 a I.1         | " " 3'M            |
| H.8 a G.4          | " " 3'A e 3'M      |
| G.3 a F.6          | " " 4A             |
| F.6 a E.2          | " " 4M             |
| E.1 a D.6          | " " 05             |
| D.6 a D.2          | " " 06             |
| D.1 a C.1          | " " 08             |
| C.1 a A            | " " 09/07          |

## - CRITÉRIO DE PRIORIDADE

É o valor apurado pela formula abaixo aplicável a todos os em  
pregados da Entidade:

$$P = 2(C+D) + (TI+TR)$$

onde:

P = pontos

C = valor correspondente a classificação salarial, obtido nas  
tabelas I e II, anexas;

TI = tempo de trabalho em Itaipu, em meses;

TR = tempo em residência provisória, isto é, o tempo em Foz do  
Iguaçu, em meses, computado a partir da data em que a  
classificação salarial do empregado lhe permitir, pelo  
CRITÉRIO DE ACESSO, ocupar residência de padrão superior  
a que ocupa, inferior a que tem acesso.

D = número de dependentes reconhecidos pela Entidade.

OBS: 1) Para atender orientação expressa do Memo I/DGB/009/87  
de que "o atendimento prioritário para ocupação dos  
Conjuntos deve ser concedido ao pessoal técnico com  
funções na operação e manutenção da Central Hidrelétrica",  
fica estabelecido que, até 1991, a pontuação (P)  
desse pessoal pela fórmula acima será acrescida de 5%.  
o "pessoal com funções na operação e manutenção da Cen  
tral Hidrelétrica" é o definido no anexo.

### 2) CRITÉRIO DE DESEMPATE:

No caso de empate na aplicação da formula, será dada  
prioridade ao mais idoso; havendo novo empate será fei  
to sorteio em presença dos interessados.

3) Recebida uma residência, o empregado só será incluído  
na lista de prioridades para residência de padrão su  
perior, a que tenha ou venha ter direito de acesso, 1  
ano após sua ocupação.

T A B E L A I

 Valores de c para os empregados de nível superior

| NÍVEL<br>CLASSE | 1   | 2   | 3   | 4   | 5   | 6   | 7   | 8   |
|-----------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| I               | 68  | 71  | 73  | 75  | 77  | 79  | 82  | 85  |
| II              | 89  | 92  | 95  | 98  | 102 | 105 | 108 | 111 |
| III             | 115 | 118 | 122 | 125 | 128 | 132 | 135 | 138 |
| IV              | 143 | 147 | 152 | 156 | 161 | 165 | 170 | 175 |
| V               | 180 | 185 | 190 | 196 | 201 | 207 | 213 | 217 |
| VI              | 223 | 229 | 235 | 241 | 247 | 253 | 259 | 265 |
| VII             | 276 | 287 | 298 | 310 | 321 | 332 | 343 | 355 |

T A B E L A II

 Valores de c para os empregados de níveis técnico, administrativo e serviço.

| NÍVEL<br>CLASSE | 1   | 2   | 3   | 4   | 5   | 6   | 7   | 8   |
|-----------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| A               | 20  | 20  | 20  | 20  | 20  | 20  | 20  | 20  |
| B               | 30  | 30  | 30  | 30  | 30  | 30  | 30  | 30  |
| C               | 40  | 40  | 40  | 40  | 40  | 40  | 40  | 40  |
| D               | 60  | 60  | 60  | 60  | 60  | 60  | 60  | 60  |
| E               | 67  | 67  | 67  | 70  | 72  | 75  | 77  | 80  |
| F               | 84  | 87  | 91  | 94  | 97  | 101 | 104 | 110 |
| G               | 114 | 117 | 121 | 124 | 127 | 131 | 134 | 140 |
| H               | 145 | 150 | 155 | 160 | 165 | 170 | 175 | 180 |

PESSOAL TÉCNICO COM FUNÇÕES NA OPERAÇÃO E MANUTENÇÃO DA  
CENTRAL HIDRELÉTRICA

É O PESSOAL LOTADO NA SUPERINTENDÊNCIA DE OPERAÇÃO E MANUTENÇÃO, NOS CARGOS A SEGUIR:

NÍVEL SUPERIOR:

- Engenheiro\*

NÍVEL TÉCNICO:

- Assistente Técnico
- Auxiliar Técnico
- Despachante de Sistema Elétrico
- Laboratorista
- Operador de Hidrelétrica
- Operador de Subestação
- Técnico Assistente de Manutenção
- Técnico Especializado de Operação
- Técnico de Manutenção Elétrica
- Técnico de Manutenção Eletrônica
- Técnico de Manutenção Mecânica
- Operador Assistente de Hidrelétrica
- Técnico Especializado de Manutenção

NÍVEL DE SERVIÇO:

- Auxiliar de Manutenção

\* Incluir os Engenheiros em cargos de Chefia e de Assessoria.

## **ANEXO III**

### **NORMAS PARA UTILIZAÇÃO DOS REFEITÓRIOS**

#### **E**

### **DISTRIBUIÇÃO DOS COMENSAIS NAS SALAS DOS REFEITÓRIOS**

# NORMAS PARA UTILIZAÇÃO DOS REFEITÓRIOS

## DO CANTEIRO DE OBRAS

160

### 1 - DO OBJETIVO:

A presente norma tem por objeto estabelecer critérios e condições para a utilização das diversas modalidades do serviço de alimentação nos Refeitórios do Canteiro de Obras da Itaipu Binacional, para seus funcionários e de Empresas Contratadas.

### 2 - HORÁRIO PARA ATENDIMENTO:

- Refeitórios ME/MD.

CAFÉ DA MANHÃ - das 06:00 hs. às 07:30 hs.

ALMOÇO - das 11:00 hs. às 13:00 hs.

JANTAR - das 18:00 hs. às 19:30 hs.

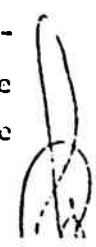
### 3 - TIPOS DAS SALAS EXISTENTES NOS REFEITÓRIOS:

3.1. SALA "A" - Terão acesso a esta sala somente pessoal com cargo de Diretor, Superintendente, Gerentes, de nível superior na função e Técnicos especializados, conforme anexo I. As refeições serão servidas por garçons, mesa com 4 lugares, capacidade = 248 assentos.

Obs: - Os secretários(as) de Diretoria, Superintendentes e chefes de Departamento da ITAIPU BINACIONAL também poderão utilizar a sala "A", desde que solicitado pelo responsável.

3.2. SALA "B" - Terão acesso a esta sala o pessoal de nível médio, técnico e Administrativo relacionados no anexo II. A modalidade de atendimento será pelo sistema de auto serviço, utilizando-se bandejas de aço inoxidável estampadas, mesa com 4 lugares, capacidade = 400 assentos.

3.3. SALA "C" - Terão acesso a esta sala o pessoal de apoio e de serviços relacionados no anexo III. A modalidade de atendimento será pelo sistema de auto serviço, utilizando-se bandejas de aço inoxidável estampadas, mesas/capacidade 40 mesas com 8 assentos = 320 assentos.



3.4. SALA "D" - Terão acesso a esta sala o pessoal de nível de 2º grau, conforme anexo IV. A modalidade de atendimento será pelo sistema de auto serviço, utilizando-se bandejas de 161 aço inoxidável estampadas, mesas/capacidade 40 mesas com 8 assentos = 320 assentos.

4 - DISTRIBUIÇÃO DE COMENSAIS:

4.1. Para distribuição dos usuários nas respectivas salas dos refeitórios, a ITAIPU BINACIONAL enquadrará os cargos existentes das Empresas contratadas, de acordo com as normas da ITAIPU, levando em conta o nível hierárquico, as características funcionais e faixa salarial.

4.2. O tipo de sala do refeitório que o funcionário deverá frequentar, estará indicado no Cartão de Identificação funcional, no lado direito.

4.3. Os empregados do sexo feminino e/ou menores de idade, deverão fazer suas refeições na sala "B", independente dos cargos que ocupam exceto os enquadrados nos cargos compatíveis com a sala "A".

4.4. As empreiteiras que possuem maior número de funcionários trabalhando no Canteiro de Obras, deverão juntamente com a ITAIPU-SO.T, verificar os horários convenientes para melhor atendimento de seus funcionários, evitando o acúmulo no fluxo dos comensais nos refeitórios.

5 - AQUISIÇÃO DE VALES DE REFEIÇÕES:

5.1. A ITAIPU BINACIONAL fornecerá as cartelas de vales-refeição (anexo V), de uso pessoal e intransferível, quando solicitadas pelos funcionários da ITAIPU e/ou empreiteiras, a serem pagas aos preços vigentes mediante a retirada ou a débito à empresa em que trabalha.

5.2. Os vales de refeição têm validade por período indeterminado; cada empregado só terá direito a adquirir um bloco mensalmente (30 refeições) ou dois blocos no caso dos alojados (60 refeições).

5.3. Os vales deverão ser adquiridos junto a Divisão de Contabilidade e Custos, Departamento de Assistência à Construção - DAS.T/DVCC da ITAIPU-SO.T, no horário compreendido entre 07:00 hs. às 11:45 hs. e 13:30 hs. às 17:15 horas.

5.4. A ITAIPU poderá fornecer cartelas de vales de refeição para as em-



preteiras distribuírem aos seus funcionários, sob sua responsabilidade, as quais deverão ser solicitadas por carta, onde constará o seguinte:

- Tipo de cartela (refeição ou café)
- Quantidade para cada tipo de vale de refeição.

162

5.5. Os vales de refeição poderão ser debitados em medição, mediante solicitação da Empreiteira por carta à S.O.T.

5.6. Os funcionários da ITAIPU BINACIONAL, UNICON, ITAMON, CONEMPA e CIE, utilizarão os vales de cor verde e as demais empresas utilizarão os vales de cor vermelha.

5.7. VISITANTES - terão acesso ao Refeitório mediante apresentação do cartão de identificação de "Visitante" juntamente com o vale de refeição vermelho e da mesma sala do acompanhante.

5.8. Os valores dos vales-refeição serão reajustados periodicamente, de acordo com a variação de custos dos Refeitórios.

## 6 - NORMAS GERAIS QUANTO A UTILIZAÇÃO, DEVERES, PROIBIÇÕES E RESPONSABILIDADES:

### 6.1. São deveres básicos dos usuários:

6.1.1. Cumprir rigorosamente o que estabelecem as presentes normas.

6.1.2. Todo e qualquer empregado da ITAIPU e das empreiteiras será obrigado a apresentar na portaria dos refeitórios o cartão de identificação funcional e o vale de refeição para ingresso nas salas dos refeitórios.

6.1.3. Zelar pela conservação dos imóveis, móveis e utensílios dos refeitórios.

6.1.4. Tratar com urbanidade os funcionários dos refeitórios e os colegas de trabalho.

6.1.5. Somente funcionários alojados poderão tomar o café da manhã.

### 6.2. É expressamente proibido a todos os usuários:

6.2.1. Fumar no interior do restaurante, durante o horário das refeições.

6.2.2. Emprestar ou ceder os vales-refeição para uso por colegas de trabalho, parentes ou qualquer pessoa estranha aos quadros da empresa.

6.2.3. Negociar os vales-refeição a que tem direito, quer seja com empregados, quer seja com terceiros, estranhos aos quadros da empresa.

6.2.4. Entrada nos refeitórios com os seguintes trajes: calção,<sup>163</sup> bermudas, camiseta sem manga e chinelo.

6.2.5. Uso do refeitório por parte de terceiros e dos familiares do empregado.

6.2.6. Saída de empregados com objetos pertencentes aos refeitórios.

6.2.7. As solicitações de pratos especiais não serão atendidas.

## 7 - PENALIDADES

O não cumprimento das presentes normas, tornará os usuários aqui mencionados passíveis de ação disciplinar, podendo-lhes ser aplicadas penalidades previstas no regime disciplinar da ITAIPU BINACIONAL.

## 8 - FORNECIMENTO DE REFEIÇÕES EM EMBALAGEM TÉRMICA.

8.1. As refeições servidas em "marmitex" destinam-se somente aos empregados que, por razões de serviço, não podem efetivamente ausentar-se da frente de serviço.

8.2. As solicitações para fornecimento de marmitex, deverão ser encaminhadas a ITAIPU-SO.T, através de carta, informando a necessidade e quantidade diária a ser retirada.

8.3. Após o "de acordo" da ITAIPU-SO.T, o solicitante deverá apresentar a relação do pessoal credenciado e autorizado a emitir a "requisição de Marmitex", acompanhada de 2 (duas) "Ficha de Funcionário Autorizado a Aprovar Documentos" (anexo VI) devidamente preenchidas.

8.4. As áreas da ITAIPU ou das empreiteiras que porventura forem autorizadas a retirar marmitex, deverão fazê-lo nos refeitórios definitivos da margem esquerda ou direita, utilizando o formulário "Requisição de marmitex" (anexo VII) assinado por pessoa credenciada.

8.5. Os blocos de Requisições de Marmitex devem ser solicitadas ao Setor de Controle Geral - DVAA - DAS.T - SO.T, por intermédio de carta.

8.6. Os marmitex serão servidos apenas no horário de almoço ou jantar.

8.7. As Requisições devem estar sempre acompanhadas dos vales-refeição respectivos, salvo dos funcionários da sala "D" que deverão ser relacionadas com nome e referência e entregues junto ao Refeitório. 164

8.8. Para utilizar-se de marmitex, a área solicitante deverá proceder da seguinte maneira:

- Encaminhar a requisição juntamente com os vales diretamente ao refeitório, obedecendo aos seguintes horários:
- ALMOÇO: Apresentar Requisição até as 09:30 hs. e retirar marmitex a partir das 11:00 hs.
- JANTAR: Apresentar requisição até as 16:00 hs. e retirar marmitex a partir das 17:30 hs.

## 9 - FORNECIMENTO DE LANCHES

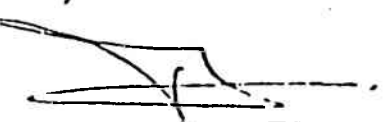
9.1. Para o fornecimento de lanches o procedimento será idêntico ao fornecimento de marmitex.

Deverá ser observado o horário de 15:30 horas para a entrega das requisições, a retirada será a partir das 17:30 horas até as 20:00 horas no refeitório da margem esquerda.

- 10- ANEXOS: I - RELAÇÃO DE COMENSAIS DA SALA "A"  
II - RELAÇÃO DE COMENSAIS DA SALA "B"  
III - RELAÇÃO DE COMENSAIS DA SALA "C"  
IV - RELAÇÃO DE COMENSAIS DA SALA "D"  
V - MODELO FORMULÁRIO "VALE DE REFEIÇÃO"  
VI - MODELO FORMULÁRIO "FICHA FUNCIONÁRIO AUTORIZADO A APROVAR DOCUMENTOS".  
VII - MODELO FORMULÁRIO "REQUISIÇÃO DE LANCHES E MARMITEX"

11- Para qualquer alteração do estabelecido nas presentes normas, deverá ser obtida autorização da Superintendência da Obra.

  
\_\_\_\_\_  
SETOR DE CONTROLE GERAL

  
\_\_\_\_\_  
DIVISÃO DE APOIO ADMINISTRATIVO





DE SALAS NOS RELEVANTES - SGT  
DE CONTROLE GERAL - DAA-DAI-T- SGT  
DE CONTROLE GERAL - DAA-DAI-T- SGT

PAG. 1  
DATA: 10/11/67  
HORA: 17:20 02.93

| EMPREGADO      | CARGO                               | SALA_A | SALA_B | SALA_C | SALA_D |
|----------------|-------------------------------------|--------|--------|--------|--------|
| ITAPU-OR J     | ADMINISTRADOR JUNIOR                | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR O P Q | ADMINISTRADOR SENIOR-I, II E III    | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR L M N | ADMINISTRADOR-I, II E III           | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR J     | ADVOGADO JUNIOR                     | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR O P Q | ADVOGADO SENIOR-I, II E III         | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR L M N | ADVOGADO-I, II E III                | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR C     | AGENTE DE SEGURANCA                 |        | X      |        |        |
| ITAPU-OR A     | AJUDANTE DE COZINHA                 |        |        | X      |        |
| ITAPU-OR D     | ANALISTA                            | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR G H I | ANALISTA PRODES. DADOS-I, II E III  | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR J     | ANALISTA SISTEMA JUNIOR             | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR O P Q | ANALISTA SISTEMA SENIOR-I, II E III | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR L M N | ANALISTA SISTEMA-I, II E III        | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR J     | ARQUITETO JUNIOR                    | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR O P Q | ARQUITETO SENIOR-I, II E III        | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR L M N | ARQUITETO-I, II E III               | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR J     | ARQUIVISTA JUNIOR                   | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR L M N | ARQUIVISTA-I, II E III              | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR A     | ASSISTENTE                          |        |        | X      |        |
| ITAPU-OR E G   | ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-I E II    | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR E     | ASSISTENTE CONTABIL                 | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR E     | ASSISTENTE DE PESSOAL               | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR E     | ASSISTENTE DE SUPRIMENTOS           | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR I     | ASSISTENTE ESPECIALIZADO            | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR E     | ASSISTENTE FINANCEIRO               | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR D     | ASSISTENTE MANUTENCAO E CONSERVACAO | X      |        |        |        |

| EMPREGADO | CARGO | SALA_A                            | SALA_B | SALA_C | SALA_D |
|-----------|-------|-----------------------------------|--------|--------|--------|
| ITAPU-GR  | G     | ASSISTENTE RELACOES PUBLICAS      | X      |        |        |
| ITAPU-GR  | E     | ASSISTENTE SEGURANCA              | X      |        |        |
| ITAPU-GR  | J     | ASSISTENTE SOCIAL JUNIOR          | X      |        |        |
| ITAPU-GR  | L M N | ASSISTENTE SOCIAL-I, II E III     | X      |        |        |
| ITAPU-GR  | F G H | ASSISTENTE TECNICO-I, II E III    | X      |        |        |
| ITAPU-GR  | B     | ATENDENTE DE ENFERMAGEM           |        | X      |        |
| ITAPU-GR  | C D   | AUXILIAR ADMINISTRATIVO-I E II    | X      |        |        |
| ITAPU-GR  | B     | AUXILIAR ALMOXARIFADO             |        | X      |        |
| ITAPU-GR  | C     | AUXILIAR ANALISES CLINICAS        |        | X      |        |
| ITAPU-GR  | C     | AUXILIAR APOIO COMUNITARIO        | X      |        |        |
| ITAPU-GR  | C     | AUXILIAR BIODIVERSIDADE           |        | X      |        |
| ITAPU-GR  | E     | AUXILIAR CONTABIL                 |        | X      |        |
| ITAPU-GR  | D     | AUXILIAR DE ENFERMAGEM            | X      |        |        |
| ITAPU-GR  | D     | AUXILIAR DE FISIOTERAPIA          | X      |        |        |
| ITAPU-GR  | B     | AUXILIAR DE LABORATORIO           |        | X      |        |
| ITAPU-GR  | B     | AUXILIAR DE MANUTENCAO            |        | X      |        |
| ITAPU-GR  | D     | AUXILIAR DE SANEAMENTO            | X      |        |        |
| ITAPU-GR  | C     | AUXILIAR DE TRANSPORTES           |        | X      |        |
| ITAPU-GR  | C     | AUXILIAR DOCUMENTO ARQUIVO        |        | X      |        |
| ITAPU-GR  | C     | AUXILIAR FINANCEIRO               |        | X      |        |
| ITAPU-GR  | F     | AUXILIAR INFORMACOES              | X      |        |        |
| ITAPU-GR  | B     | AUXILIAR MANUTENCAO E CONSERVACAO |        | X      |        |
| ITAPU-GR  | C     | AUXILIAR MEDICAO E CUSTOS         |        | X      |        |
| ITAPU-GR  | C     | AUXILIAR PESSOAL                  | X      |        |        |
| ITAPU-GR  | E     | AUXILIAR RELACOES PUBLICAS        | X      |        |        |
| ITAPU-GR  | D     | AUXILIAR SEGURANCA TRABALHO       | X      |        |        |

| EMPREGADO       | CARGO                               | SALA_A | SALA_B | SALA_C | SALA_D |
|-----------------|-------------------------------------|--------|--------|--------|--------|
| ITAIPU-GR C     | AUXILIAR SUPRIMENTOS                | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR C D   | AUXILIAR TECNICO-I E II             | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR J     | BIBLIOTECARIO JUNIOR                | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR L M N | BIBLIOTECARIO-I, II E III           | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR C     | BOMBEIRO                            |        | X      |        |        |
| ITAIPU-GR E     | CAIXA                               | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR B C   | CARPINTEIRO-I E II                  |        |        | X      |        |
| ITAIPU-GR E     | COMPRADOR                           | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR J     | CONTADOR JUNIOR                     | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR O P Q | CONTADOR SENIOR-I, II E III         | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR L M N | CONTADOR-I, II E III                | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR A     | CONTINUO                            |        |        | X      |        |
| ITAIPU-GR E     | CONTROLADOR MEDICAO E CUSTO         | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR A     | COPEIRO                             |        |        | X      |        |
| ITAIPU-GR B     | COZINHEIRO                          |        | X      |        |        |
| ITAIPU-GR B     | DATILOGRAFO                         |        | X      |        |        |
| ITAIPU-GR J     | DENTISTA JUNIOR                     | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR O P Q | DENTISTA SENIOR-I, II E III         | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR L M N | DENTISTA-I, II E III                | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR C     | DESENHISTA COPISTA                  |        | X      |        |        |
| ITAIPU-GR D     | DESENHISTA DETALHISTA               | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR F     | DESENHISTA PROJETISTA               | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR H     | DESPACHANTE                         | X      |        |        |        |
| ITAIPU-GR F     | DIGITADOR                           |        | X      |        |        |
| ITAIPU-GR C     | DOCUMENTADOR PROCESSAMENTO DE DADOS |        | X      |        |        |
| ITAIPU-GR J     | ECONOMISTA JUNIOR                   | X      |        |        |        |

| EMPREGADO | CARGO | SALA_A                           | SALA_B | SALA_C | SALA_D |
|-----------|-------|----------------------------------|--------|--------|--------|
| ITAPU-01  | O F Q | ECONOMISTA SENIOR-I, II E III    | X      |        |        |
| ITAPU-02  | L M N | ECONOMISTA-I, II E III           | X      |        |        |
| ITAPU-03  | C E   | ELETRICISTA-I, II E III          | X      |        |        |
| ITAPU-04  | C E   | ELETRONICO-I, II E III           | X      |        |        |
| ITAPU-05  | J     | ENCARREGADO                      |        | X      |        |
| ITAPU-06  | E     | ENCARREGADO SERVICOS GRAFICOS    | X      |        |        |
| ITAPU-07  | J     | ENFERMEIRO JUNIOR                | X      |        |        |
| ITAPU-08  | L M N | ENFERMEIRO-I, II E III           | X      |        |        |
| ITAPU-09  | J     | ENGENHEIRO JUNIOR                | X      |        |        |
| ITAPU-10  | O F Q | ENGENHEIRO SENIOR-I, II E III    | X      |        |        |
| ITAPU-11  | L M N | ENGENHEIRO-I, II E III           | X      |        |        |
| ITAPU-12  |       | ESTAGIARIO NIVEL SUPERIOR        | X      |        |        |
| ITAPU-13  |       | ESTAGIARIO NIVEL TECNICO         |        | X      |        |
| ITAPU-14  | J     | FARMACEUTICO JUNIOR              | X      |        |        |
| ITAPU-15  | L M N | FARMACEUTICO-I, II E III         | X      |        |        |
| ITAPU-16  | E     | FISCAL AGROFLORESTAL             | X      |        |        |
| ITAPU-17  | C E   | FISCAL DE MONTAGEM-I, II E III   | X      |        |        |
| ITAPU-18  | C E   | FISCAL DE OBRAS-I, II E III      | X      |        |        |
| ITAPU-19  | J     | FISCAL DE TRAFEGO                |        | X      |        |
| ITAPU-20  | J     | FISCAL DE TRANSPORTES            |        | X      |        |
| ITAPU-21  | J     | FISIOTERAPEUTA JUNIOR            | X      |        |        |
| ITAPU-22  | L M N | FISIOTERAPEUTA-I, II E III       | X      |        |        |
| ITAPU-23  | A     | GARCON                           |        | X      |        |
| ITAPU-24  | C     | LABORATORISTA                    |        | X      |        |
| ITAPU-25  | B C   | MECANICO DE VEICULOS-I, II E III |        | X      |        |
| ITAPU-26  | C E   | MECANICO-I, II E III             |        | X      |        |



| EMPRESA           | CARGO                                       | SALA_A | SALA_B | SALA_C | SALA_D |
|-------------------|---|--------|--------|--------|--------|
| ITAIPU-BR J       | MEDICO DO TRABALHO JUNIOR                   | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR O P Q   | MEDICO DO TRABALHO SENIOR-I, II E III       | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR L M N   | MEDICO DO TRABALHO-I, II E III              | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR J       | MEDICO JUNIOR                               | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR O P Q   | MEDICO SENIOR-I, II E III                   | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR L M N   | MEDICO-I, II E III                          | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR F       | MOTORISTA                                   |        |        | X      |        |
| ITAIPU-BR F       | NIVELADOR                                   |        | X      |        |        |
| ITAIPU-BR J       | NUTRICIONISTA JUNIOR                        | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR L M N   | NUTRICIONISTA-I, II E III                   | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR D E     | OPERADOR COMPUTADOR-I, II E III             | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR B       | OPERADOR DE CALDEIRA                        |        | X      |        |        |
| ITAIPU-BR C       | OPERADOR DE EQUIPAMENTOS                    |        | X      |        |        |
| ITAIPU-BR E F G H | OPERADOR DE MANEIO DE CARGA-I, II, III E IV | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR C       | OPERADOR DE MICROFILMAGEM                   |        | X      |        |        |
| ITAIPU-BR D       | OPERADOR DE TELEX                           |        | X      |        |        |
| ITAIPU-BR F       | OPERADOR MAQUINA CONTADORA                  |        | X      |        |        |
| ITAIPU-BR C       | OPERADOR RECURSOS AUDIO-VISUAIS             |        | X      |        |        |
| ITAIPU-BR D E F   | OPERADOR S.E.-I, II E III                   | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR B       | PEDEIREIRO                                  |        |        | X      |        |
| ITAIPU-BR B C     | PINTOR-I E II                               |        |        | X      |        |
| ITAIPU-BR E F G   | PROGRAMADOR COMPUTADOR-I, II E III          | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR J       | PSICOLOGO JUNIOR                            | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR O P Q   | PSICOLOGO SENIOR-I, II E III                | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR L M N   | PSICOLOGO-I, II E III                       | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR D       | RECEPCIONISTA                               |        | X      |        |        |

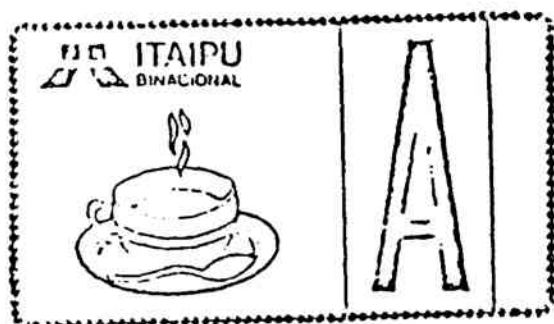
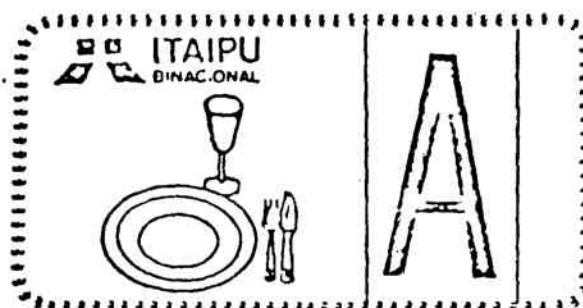
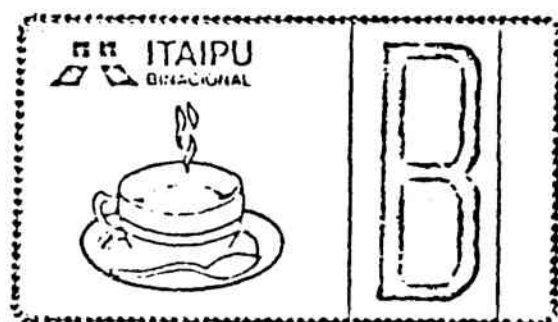
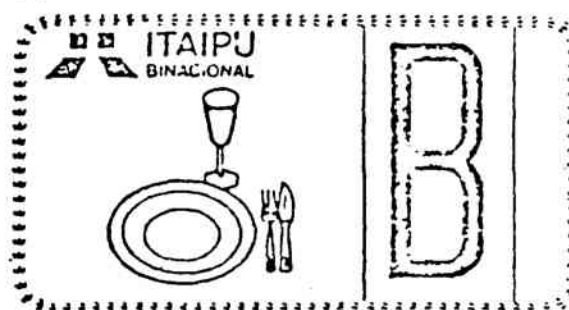
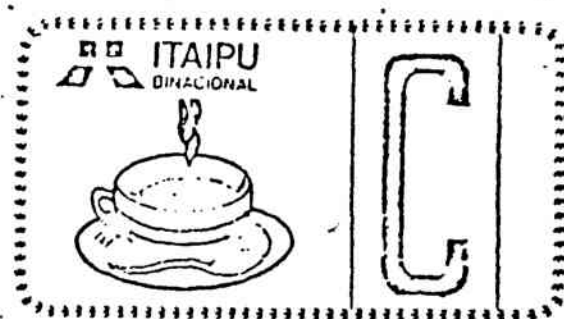
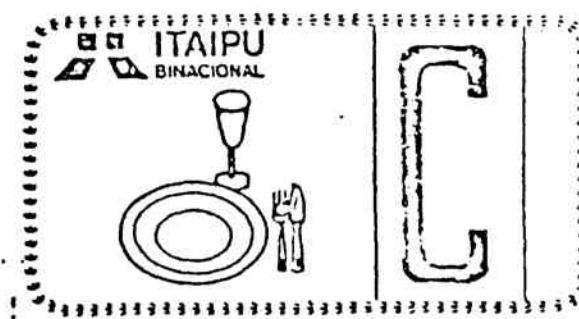


| EMPRESA          | CARGO                                      | SALA_A | SALA_B | SALA_C | SALA_D |
|------------------|--|--------|--------|--------|--------|
| ITAPU-OR J       | RELACOES PUBLICAS JUNIOR                   | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR L M N   | RELACOES PUBLICAS-I, II E III              | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR C D E G | SECRETARIA(O) -I, II, III E IV             | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR A       | SERVENTE                                   |        |        |        | X      |
| ITAPU-OR F       | SISNOLOGO                                  | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR G       | TECNICO AGROFLORESTAL                      | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR E       | TECNICO ANALISE CLINICAS                   | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR F       | TECNICO APLIC COMUNITARIO                  | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR G       | TECNICO BIOCIENCIAS                        | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR G       | TECNICO CONTABIL                           | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR E       | TECNICO DE ENFERMAGEM                      | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR E       | TECNICO DE LABORATORIO                     | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR F       | TECNICO DE MEDICAO E CUSTO                 | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR F G H   | TECNICO DE MONTAGEM-I, II E III            | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR F G H   | TECNICO DE OBRAS-I, II E III               | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR G       | TECNICO DE PESSOAL                         | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR F       | TECNICO DE RAO X                           | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR G       | TECNICO DE SEGURANCA                       | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR F       | TECNICO DE SEGUROS                         | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR G       | TECNICO DE TRANSPORTES                     | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR F       | TECNICO DOCUMENTACAO ARQUIVO               | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR I       | TECNICO ESPECIALIZADO                      | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR S       | TECNICO FINANCEIRO                         | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR H       | TECNICO HIDROLOGIA                         | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR E F G   | TECNICO INSTRUMENTACAO-I, II E III         | X      |        |        |        |
| ITAPU-OR E F G H | TECNICO MANUT. ELECTRONICA-I, II, III E IV | X      |        |        |        |

| EMPREGADO      | CARGO                                    | SALA_A | SALA_B | SALA_C | SALA_D |
|----------------|--|--------|--------|--------|--------|
| ITAIPU-BR EFGH | TECNICO MANUT. MECANICA-I,II,III E IV    | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR E    | TECNICO MANUTENCAO E CONSERVACAO         | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR EFGH | TECNICO MANUTENCAO ELETRICA-I,II,III,IV  | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR F    | TECNICO MICROFILMAGEM                    | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR J    | TECNICO NIVEL SUPERIOR JUNIOR            | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR OPQ  | TECNICO NIVEL SUPERIOR SENIOR-I,II E III | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR LMN  | TECNICO NIVEL SUPERIOR-I, II E III       | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR FG   | TECNICO PATRIMONIO IMOBILIARIO-I,II,III  | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR GH   | TECNICO PROGRAMADOR CONTROLE-I E II      | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR H    | TECNICO PROJETISTA                       | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR F    | TECNICO QUIMICO                          | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR G    | TECNICO SANEAMENTO                       | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR F    | TECNICO SEGURANCA DO TRABALHO            | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR G    | TECNICO SUPREMENTOS                      | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR H    | TECNICO TOPOGRAFIA                       | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR J    | TECNOLOGO JUNIOR                         | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR LMN  | TECNOLOGO-I, II E III                    | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR B    | TELEFONISTA                              |        | X      |        |        |
| ITAIPU-BR D    | TOPOGRAFO-I, II E III                    | X      |        |        |        |
| ITAIPU-BR B    | TRATADOR                                 |        |        | X      |        |
| ITAIPU-BR B    | VIVEIRISTA                               |        |        | X      |        |
| ITAIPU-BR A    | ZELADOR                                  |        |        |        | X      |

s:- Os empregados de sexo feminino e/ou menores de idade, devem fazer suas refeições na sala "B", independente dos cargos que ocupam, exceto os enquadrados nos cargos classificados na sala "A".

## ANEXO IV

MODELO DE VALES DE REFEIÇÃOCAFÉ "A"ALMOÇO/JANTAR "A"CAFÉ "B"ALMOÇO/JANTAR "B"CAFÉ "C"ALMOÇO/JANTAR "C"

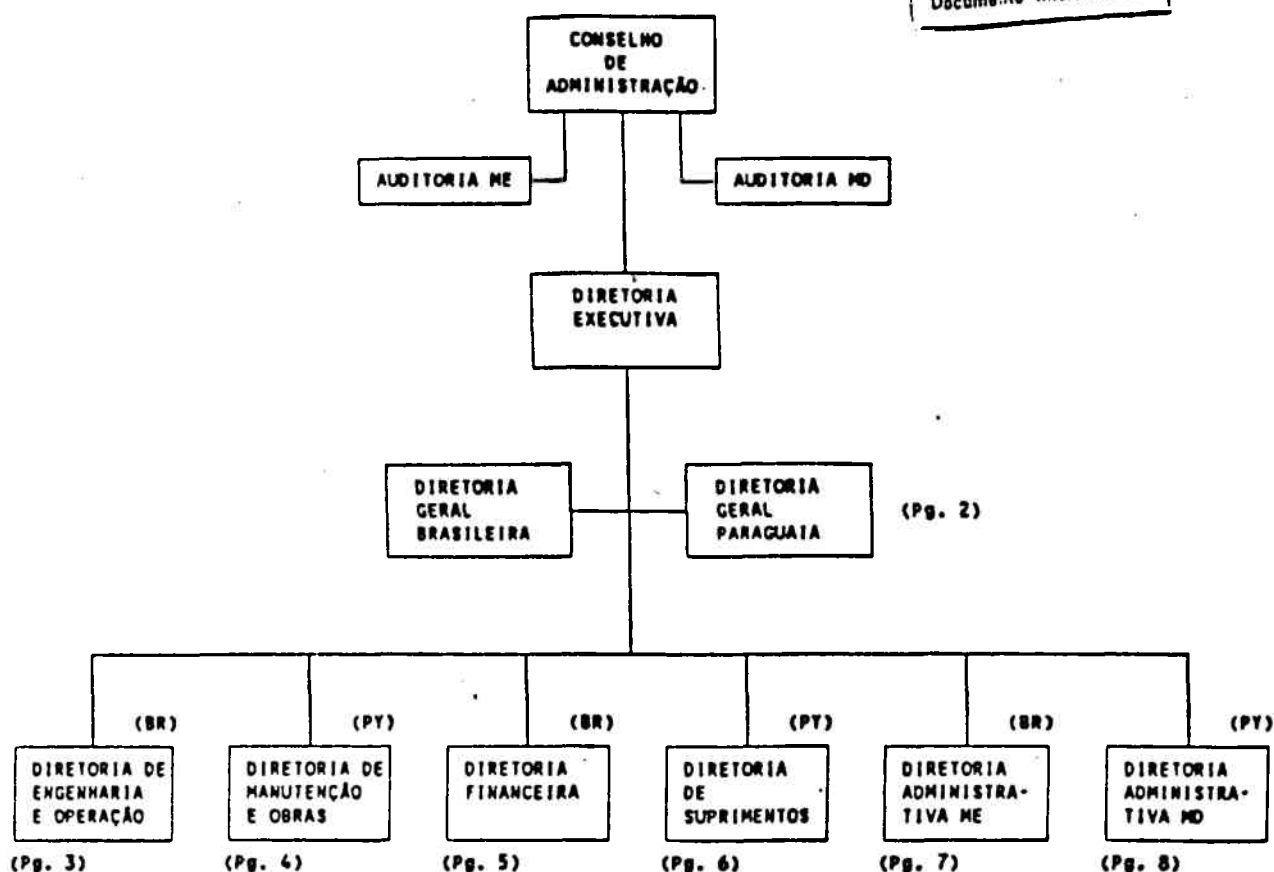
Obs: - Os vales na cor verde serão utilizados pela ITAIPU, UNICON, ITAMON, CIE e CONEMPA.

- Os vales na cor vermelha serão utilizados pelas demais empreiteiras e sub-empreiteiras.

## ANEXO V

## ORGANOGRAMA GERAL SINTÉTICO

ITAIPU BINA ICIONAL  
CENTRO  
DE DOCUMENTAÇÃO  
Documento Microfilmado

097  
1

## NOTAS:

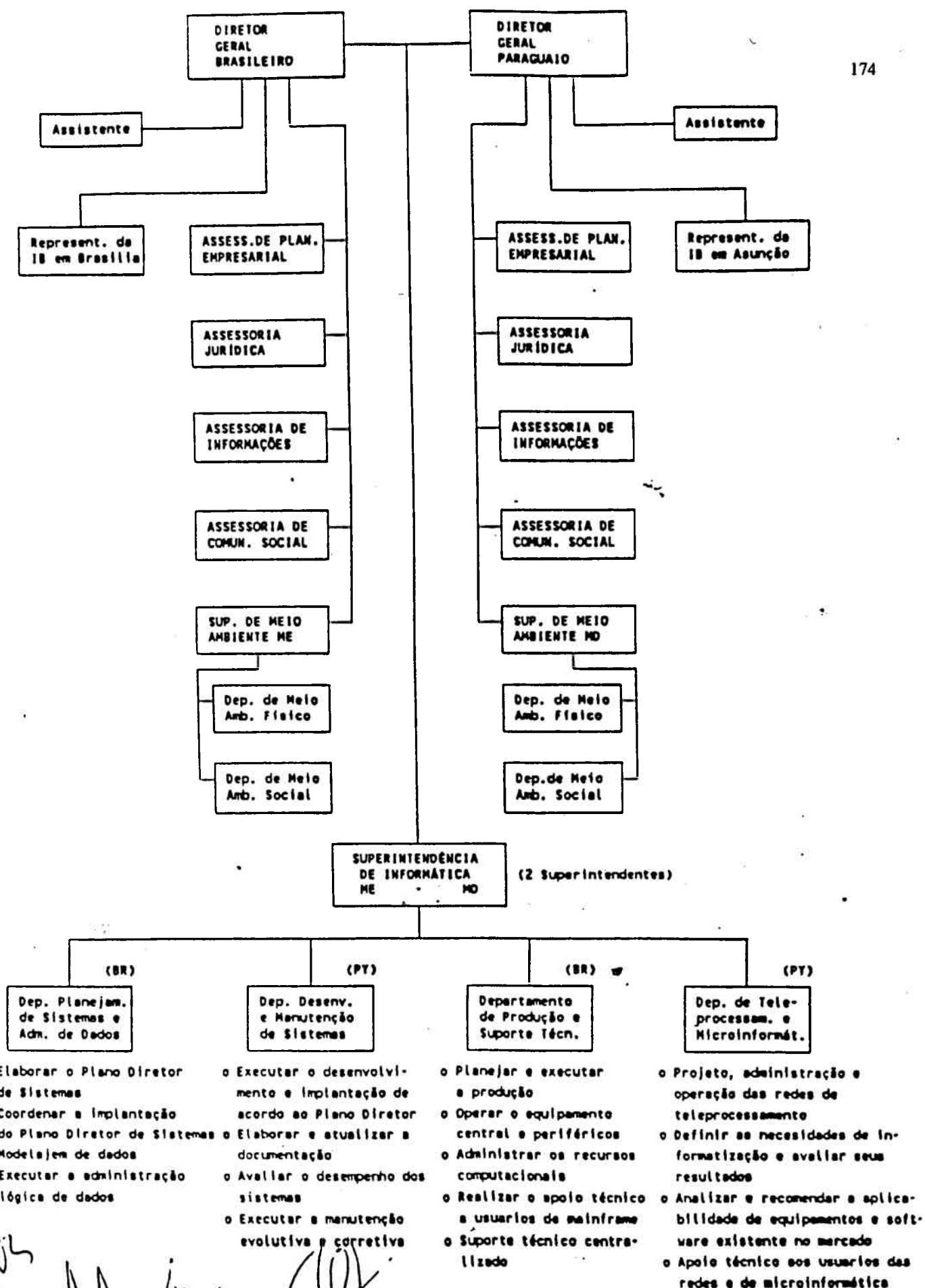
(1) A Auditoria Interna será subordinada funcionalmente ao Conselho de Administração, e administrativamente ao respectivo Diretor Geral.

(2) Nas diretorias que não sejam exclusivas de uma só Margem, as superintendências terão, além do superintendente, um vice-superintendente da outra nacionalidade, com a atribuição de informar-se sobre o andamento das atividades desenvolvidas na área, porém sem nenhuma outra atribuição específica, a não ser as que lhe forem delegadas pelo superintendente.

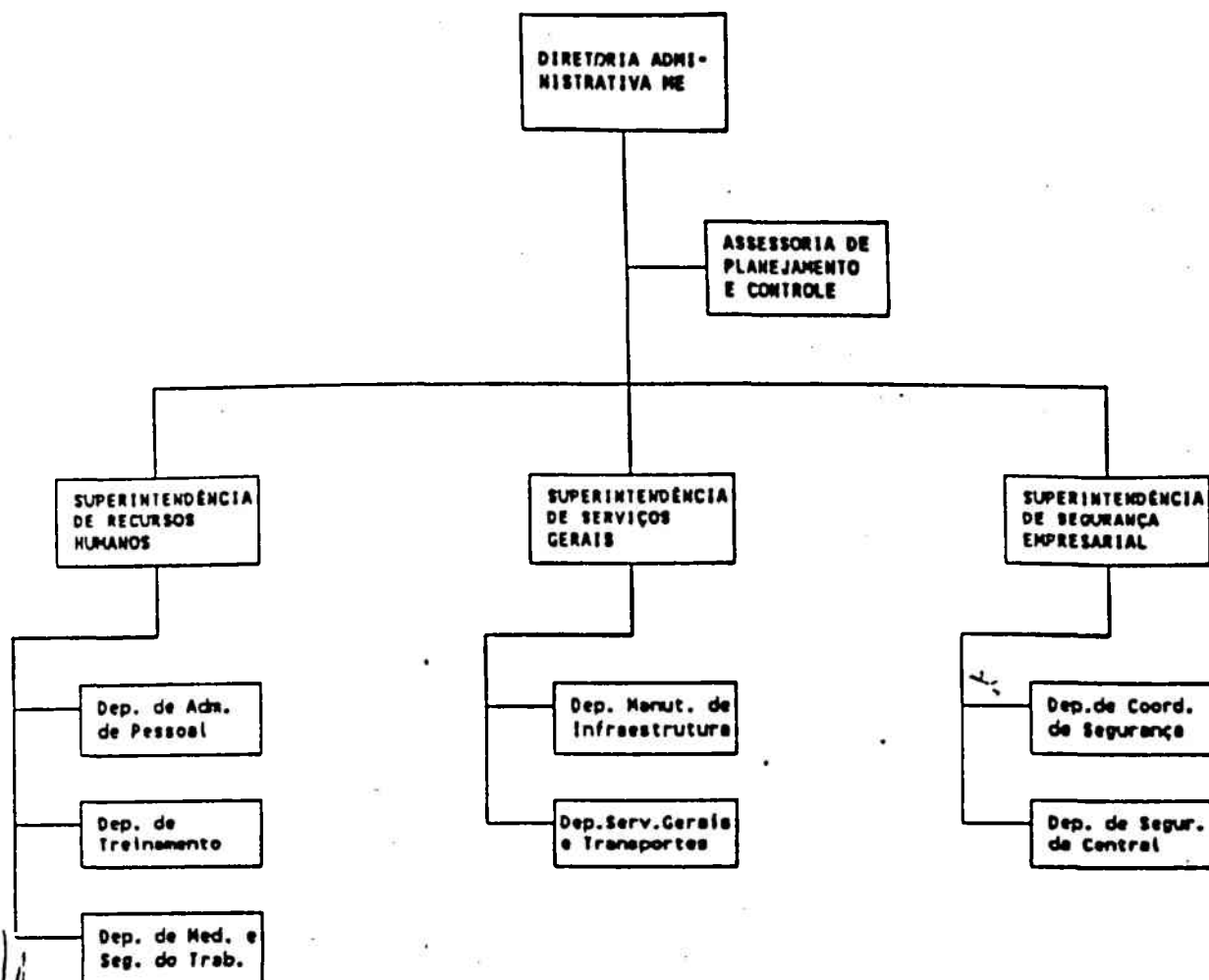
(3) Atividades a serem executadas no âmbito do Canteiro de Obras, exigindo participação de órgãos de ambas as margens, serão definidas de comum acordo entre os Superintendentes envolvidos. Situa-se neste caso as atividades de Segurança, Transportes e Serviços Gerais das Diretorias Administrativas.

(4) Para o caso das diretorias e órgãos mais complexos foram colocadas no organograma de forma sintética as atribuições dos mesmos. As atribuições dos demais órgãos podem ser facilmente identificadas pela forma como são executadas na estrutura atual, e serão descritas no Regimento Interno e Manual de Organização.

(n) Números entre conchetes: identificação dos órgãos para referência.



## 7. DIRETORIA ADMINISTRATIVA ME



*Handwritten notes and signatures:*

Handwritten initials and signatures are present in the bottom left corner, including the word "Ass" and several illegible signatures.